

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
POLLIANNA THOMÉ**

**A MULHER E O PANTANAL: UMA RELAÇÃO DE TRABALHO E
DE IDENTIDADE**

**AQUIDAUANA
2008**

POLLIANNA THOMÉ

**A MULHER E O PANTANAL: UMA RELAÇÃO DE TRABALHO E
DE IDENTIDADE**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso
do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Geografia.**

Orientador: Prof. Dr. Alvaro Banducci Jr.

AQUIDAUANA

2008

Thomé, Pollianna

A mulher e o Pantanal: uma relação de trabalho e de identidade/
Pollianna Thomé. – Aquidauana, 2008. 154 f.

Orientador: Alvaro Banducci Jr.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do
Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Geografia.

1. Mulher 2. Pantanal 3. Turismo

POLLIANNA THOMÉ

**A MULHER E O PANTANAL: UMA RELAÇÃO DE TRABALHO E DE
IDENTIDADE**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Alvaro Banducci Jr.

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Icléia Albuquerque de Vargas

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Aquidauana, 15 de setembro de 2008.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todos aqueles que participaram desta produção, em especial, às mulheres e seus familiares que me receberam prestando informações valiosas sobre suas vidas e seu trabalho, permitindo que, neste convívio, eu pudesse aprender muito sobre elas e sobre mim mesma.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alvaro Banducci Júnior, que com carinho e dedicação me lançou neste desafio e me fez aprender a enxergar com outros olhos.

Aos professores do curso de pós-graduação, em especial aos professores doutores Icléia Albuquerque de Vargas, Cleonice Gardin, Tito Carlos Machado de Oliveira e Edvaldo Moretti que me auxiliaram a compreender o espaço geográfico, assim como contribuíram com o debate sobre a dinâmica do Pantanal.

Agradecimento especial aos pantaneiros Nilson de Barros, Tia Léia, Seu Orlando Rondon (*in memoriam*), Bia, Dona Ivone, Liliqe e Guilherme pelas preciosas informações cedidas a respeito do rio Negro.

Ao colega Emerson Figueiredo, pelo exercício de geografar e confeccionar mapas.

À Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – Fundect, pelo apoio financeiro dispendido.

A todos os meus familiares, agradecendo especialmente ao meu querido Dan, pela paciência e estímulo e ao Fidel, pela companhia em todas as horas em frente ao computador e nas viagens ao Pantanal.

RESUMO

O turismo configura-se como a atividade econômica que mais cresce no Pantanal brasileiro, região onde há predominância da propriedade privada da terra para criação de gado bovino. Em sobreposição ou substituição à pecuária, a atividade turística atua sobre a dinâmica das fazendas, valorizando e se apropriando do patrimônio natural e cultural, interferindo nas relações interpessoais, assim como das pessoas com o meio, compondo um cenário em transformação. Entre as mudanças observadas está o papel da mulher na sociedade pantaneira, cujo trabalho ganhou maior importância nas fazendas por desempenhar atividades essenciais para o turismo como a limpeza e arrumação dos quartos e serviço de alimentação dos turistas. O objeto de estudo desta dissertação é diagnosticar a territorialidade do turismo sobre uma região específica do Pantanal através do olhar das mulheres que moram e trabalham nas fazendas. Chamada de Região do rio Negro, esta porção do Pantanal existe da referência espacial, histórica e sócio-cultural para a população que habita as fazendas daquele local. Utilizando a abordagem cultural da Geografia, cujo enfoque é a construção de um conhecimento das realidades sociais considerando as determinações materiais, históricas e geográficas das pessoas que o produzem, esta dissertação aborda o tema a partir de um viés da antropologia do turismo, na medida em que os aspectos da cultura e das relações familiares são fundamentais na compreensão de seu objeto. Através da observação participante, foi diagnosticado o universo feminino em quatro fazendas que atuam com turismo na região, assim como entrevistas não-diretivas foram feitas com proprietárias, suas funcionárias e familiares. Como resultado da pesquisa, verificou-se que o trabalho feminino nas fazendas de turismo é árduo, pois lhes exige força física bem como coragem para permanecer em meio às adversidades do meio, como cobras e mosquitos, e por estar longe de seus familiares que vivem na cidade. Por outro lado, à medida que aumenta a oferta de trabalho feminino nas fazendas, o turismo propicia maior participação das mulheres na renda familiar e lhes dá autonomia para investir em qualidade de vida e educação de seus filhos e netos. Seu trabalho é valorizado por seus maridos e pelos proprietários, mas para a maioria dos turistas permanece a figura do homem vaqueiro como a expressão da cultura pantaneira. As inserções tecnológicas e o turismo contribuem com a qualidade de vida das mulheres que vivem nas fazendas, pois facilitam o acesso e a comunicação com seus familiares. Por outro lado, o turismo limita suas relações familiares e sociais com pessoas de fazendas vizinhas, pois impõe um ritmo de trabalho e descanso diferenciado do tradicional regime pastoril. Este trabalho oferece ainda algumas tendências sobre a territorialidade do turismo na Região do rio Negro.

Palavras-chave: Mulher, Pantanal, Turismo.

ABSTRACT

Tourism, as an economic activity, grows in the Brazilian Pantanal, where there is predominance for more than 200 years of land private property for bovine cattle creation. In overlapping or substitution to the cattle industry, the tourism acts on the farms dynamics, valuing and appropriating the natural and cultural patrimony, intervening on the interpersonal relations, as well as on the people's perception of environment, composing a scene in transformation. In the observed changes, prominence for the woman's paper in the Pantanal society, whose work reached greater importance on the farms. They develop essential activities for the tourism as the services of cleaning rooms and cooking for tourists. The study object of this essay is to diagnosis the territoriality of tourism on a specific region of the Pantanal through the look of the women who live and work in the farms. Called as Rio Negro Region, this portion of the Pantanal exists from the space, historical and cultural reference for the population that inhabits the farms of that place. Using the cultural boarding of Geography, whose approach is the construction of a knowledge of the social realities considering the material determination, historical and geographic of the people that produce it, this essay approaches the subject from a view of the anthropology of tourism, because the aspects of the culture and the familiar relations are basic for understanding this object. Through the participant observation, the feminine universe in four farms that act with tourism in the region was diagnosed, as well as not-directive interviews had been made with familiar proprietors, its employees and their families. As result of the research, it is possible to say that the feminine work in the tourism farms is arduous, therefore demands them physical force as well as courage to deal to the adversities of environment, as snakes and mosquitos, and for being far from its families that live in the city. On the other hand, tourism increases offers of feminine work in the farms, what propitiates greater participation of the women in the familiar income and their autonomy to invest in quality of life and education to its children and grandsons. Its work is valued by its husbands and the proprietors, but for the majority of tourists it remains the figure of the cattle man as the expression of Pantanal culture. The technological insertions and the tourism contribute with the women quality of life, therefore facilitate the access and the communication with its familiar ones. On the other hand, tourism limits its familiar and social relations and also between neighboring farms, therefore it imposes a rhythm of work and rest differentiated of the traditional pastoral regimen. This work still offers some trends about the tourism territoriality in the Rio Negro Region.

Key-words: Woman, Pantanal, Tourism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - A Região do rio Negro em relação à subdivisão feita por Adámoli (1982)...	15
FIGURA 2 - A Região do rio Negro em relação à subdivisão feita pelo IBGE.....	16
FIGURA 3 - A Região do rio Negro em relação ao Estado de Mato Grosso do Sul	17
FIGURA 4 - A Região do rio Negro e a localização das pousadas	18
FIGURA 5 – Imagem aérea da Região do rio Negro.....	26
FIGURA 6 - Região do rio Negro é a mais bela do Pantanal	40
FIGURA 7 - Pantanal como ecossistema mais preservado do Brasil	50
FIGURA 8 - Pantaneiro conduzindo turistas de pesca esportiva.....	73
FIGURA 9 - Mulher pantaneira tecendo uma faixa-paraguaia	81
FIGURA 10 - Camareira arrumando quarto dos hóspedes	99
FIGURA 11 - Mulheres preparando a refeição dos hóspedes	101
FIGURA 12 - Três gerações de mulheres trabalhando juntas na pousada	107
FIGURA 13 – Casais trabalhando juntos nas fazendas	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 RIO NEGRO: UMA REGIÃO DO PANTANAL	14
1.1 TEORIA DA REGIÃO	18
1.2 A REGIÃO DO RIO NEGRO	23
1.2.1 Elementos físicos	25
1.2.2 Elementos históricos	28
1.2.3 Elementos sócio-culturais	32
1.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	36
2 O TURISMO NO PANTANAL DO RIO NEGRO	39
2.1 TEORIAS DO TERRITÓRIO E DA TERRITORIALIDADE	41
2.2 A CONFORMAÇÃO TERRITORIAL DO PANTANAL	44
2.2.1 A pecuária bovina no Pantanal	45
2.2.2 Os habitantes do Pantanal da pecuária	47
2.2.3 Ameaças à conservação do Pantanal	49
2.2.4 As tentativas de conservação do ambiente e valorização da cultura no Pantanal do Rio Negro	52
2.3 A TERRITORIALIDADE DO TURISMO NO PANTANAL DO RIO NEGRO	59
2.3.1 Caracterização das fazendas	63
2.3.2 Caracterização do turismo na Região do rio Negro	68
2.3.3 O uso do patrimônio natural e cultural na Região do rio Negro	71
2.4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	82
3 A MULHER PANTANEIRA	85
3.1 AS MULHERES QUE OS TURISTAS NÃO VÊEM	88
3.1.1 Caracterização das mulheres que trabalham com turismo	89
3.1.2 O dia-a-dia das trabalhadoras de fazendas de turismo	95
3.1.3 A relação das mulheres com o meio	106
3.1.4 O sentido do trabalho e do lazer	112
3.1.5 O destino do pagamento	117
3.1.6 As mulheres diante da mobilidade dos turistas	119
3.1.7 Classificando os turistas	123
3.2 “MULHER PANTANEIRA”, “DO PANTANAL” OU “MEIO-PANTANEIRA” ..	126
3.3 ESTRUTURA FAMILIAR E QUALIDADE DE VIDA	134
3.3.1 Relações familiares à distância	134
3.3.2 Casamentos e namoros	137
3.3.3 Qualidade de vida e auto-estima	139
3.4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	142
CONCLUSÃO	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150

1 INTRODUÇÃO

Muito se lê e se ouve a respeito do Pantanal. A mídia divulga que é um lugar de grande beleza, onde se tem a chance de visualizar uma gama de animais silvestres. Propala que o Pantanal se caracteriza pelo fato de homem e natureza manterem uma relação harmoniosa e por ser um dos últimos redutos da cultura do vaqueiro ou peão, aquele que trabalha o gado com o laço, usa botas e chapéu. Estas características naturais e culturais do Pantanal são vendidas como atrativos turísticos e motivam o deslocamento de pessoas do mundo inteiro que têm o interesse de conhecer um ambiente rústico e de natureza selvagem na América do Sul¹.

Pouco se sabe, entretanto, sobre as culturas dos povos que habitam esta porção do Brasil. Dentre os pesquisadores que se dedicaram a esta temática, destacam-se Banducci Jr., 2005; Nogueira, 2002; Proença 1997, entre outros. Menos ainda se sabe sobre as mulheres que compõem este cenário na atualidade. Há um trabalho que retrata o universo feminino, de autoria de Belkisse Gomes (2001), porém ele se refere a tempos passados. Pois justamente esse espaço ocupado pela mulher, no contexto contemporâneo das fazendas pantaneiras que despertou o interesse desta pesquisa. Mais ainda porque o mesmo processo social e econômico que tem atraído levadas crescentes de visitantes ao Pantanal mobiliza um fluxo até então desconhecido de mão-de-obra feminina para trabalhar no empreendimento turístico.

É mínimo o conhecimento a respeito do papel que desempenham essas mulheres no atual contexto da sociedade pantaneira. O que as leva a permanecer em uma região pouco habitada, longe dos familiares e das facilidades dos centros urbanos; como seu cotidiano está sendo afetado pelo trabalho no turismo. Conhecer esta mulher que habita o Pantanal no início do século XXI e diagnosticar de que forma sua vida e sua relação com o meio e com seus familiares estão sendo influenciadas pela atividade turística, costuiu o objetivo básico deste trabalho.

O turismo apropria-se da natureza do Pantanal, da estrutura das fazendas e de elementos da cultura pantaneira como a hospitalidade, o modo de vida, os hábitos gastronômicos, as festas e demais expressões culturais, construindo uma territorialidade diferenciada dentro do universo de algumas fazendas de gado, trazendo reflexos também para

¹ A versão publicada no ano de 2006 do guia francês de viagens, denominado Michelin, um dos mais utilizados por viajantes europeus, apresenta o Pantanal em destaque, como um dos destinos “imperdíveis” da América do Sul, ao lado de Machu Pichu no Peru e Cataratas do Iguaçu no Brasil. Isto demonstra que esta região brasileira já se configura como um destino turístico de âmbito internacional e que a demanda de turistas para o Pantanal tende a crescer a cada ano.

fazendas vizinhas. A transformação das fazendas em pousadas gera mudanças nas relações de trabalho, principalmente em relação ao *status* de cada ofício desempenhado pelos funcionários das fazendas, e na renda média das famílias de funcionários, que sofre um acréscimo, sobretudo em função da mulher na prestação de serviços turísticos.

Devido a estas transformações no espaço pantaneiro, entende-se como oportuno investigar o modo como os grupos de mulheres que moram e/ou trabalham nas fazendas de turismo, entre proprietárias e não-proprietárias, têm reagido e se adaptado às constantes interferências sobre seu ambiente social e de trabalho, considerando que a mulher que habita o Pantanal é um elemento chave na estruturação da sociedade pastoril pantaneira.

Esta investigação, com base em referências empíricas, parte da constatação de que houve uma grande alteração no perfil, estilo de vida e no papel das mulheres nas fazendas pantaneiras desde as décadas de 1930 e 1940² até o período atual. Confrontando a realidade vivida pelas mulheres naquele período com a realidade atual, verifica-se que a estrutura familiar e social já não é mais a mesma, assim como não são as fazendas e o Pantanal como um todo. A dinâmica do processo sócio-cultural pode ser observada em diferentes aspectos, tais como a diminuição no número de crianças nas fazendas, pois a maioria das mulheres casadas e solteiras mantém os filhos morando e estudando na cidade; o fato de as mulheres ocuparem um número cada vez maior de postos de trabalho, mantendo vínculo empregatício com as fazendas e auxiliando na renda familiar; e a crescente presença de mulheres jovens provenientes da cidade em busca de trabalho nas fazendas de turismo.

Para investigar as verdadeiras causas e conseqüências destas alterações e verificar a real influência do turismo neste processo, foi necessário um levantamento minucioso da produção sobre a sociedade pantaneira e o turismo no Pantanal. A pesquisa bibliográfica foi conduzida em torno de temas e conceitos como região, territorialidade, turismo, identidade, cultura, Pantanal e mulher pantaneira. O levantamento de dados e de informações secundárias, utilizados para compreender a dinâmica que envolve a área de estudo, foi realizado a partir de informações contidas em documentos a respeito de políticas públicas de desenvolvimento do Pantanal e ações de iniciativa privada em prol da conservação da área.

Porém, mais do que a revisão teórica e a compreensão das ações externas que atuam sobre o universo de pesquisa, foi essencial para esta pesquisa vivenciar o cotidiano das mulheres que trabalham em pousadas pantaneiras, pois entende-se que para revelar a estrutura

² Período retratado por Belkisse Correa Gomes em sua dissertação de mestrado de 2001, a respeito do modo de vida das mulheres pantaneiras.

do espaço de vida, assim como as imagens, motivações do grupo investigado, o pesquisador deve ter um conhecimento íntimo do território, a fim de conhecer detalhes que uma simples entrevista dificilmente demonstraria³. Para tanto, a amostra foi composta por 14 mulheres que trabalham em quatro fazendas de turismo localizadas no Pantanal do rio Negro, no município de Aquidauana, Estado de Mato Grosso do Sul. Também foram entrevistados turistas, proprietários e gerentes das fazendas, maridos e filhos dessas mulheres, além de mulheres que residem nas fazendas, mas não trabalham diretamente com turismo. Para preservar a identidade dos informantes, diferentes depoimentos são transcritos usando nomes fictícios, à exceção do nome das proprietárias que autorizaram sua exposição.

Para a realização da pesquisa de campo, optou-se pela convivência com o ambiente de pesquisa por um período de 45 dias divididos em duas fases. Na primeira fase, a pesquisadora permaneceu por 30 dias em umas das fazendas, em um período considerado de alto fluxo turístico. A opção pela realização desta fase nesta fazenda foi devido ao fato de a proprietária ser uma mulher e a fazenda manter a atividade de pecuária bovina em paralelo ao turismo. Além de acompanhar e observar o dia-a-dia de todos os moradores, foram realizadas entrevistas gravadas seguindo um roteiro pré-elaborado. A segunda fase da pesquisa de campo teve duração de 15 dias, também realizada em um período de alto fluxo turístico, que possibilitou a investigação nas demais fazendas que compõem o universo desta pesquisa, entrevistando proprietários, mulheres e seus familiares. Também foram desenvolvidas atividades de pesquisa durante um dia no Núcleo Escolar Vale do Rio Negro, onde estudam crianças que possuem contato freqüente com o turismo, seja através de visitas de turistas à escola, seja porque os pais trabalham em pousadas.

Somado a isto, considera-se neste trabalho a experiência resultante de seis anos de convivência da pesquisadora com o universo de pesquisa através da prestação de serviços como guia bilíngüe para os turistas estrangeiros, acompanhamento de pesquisas científicas referentes à conservação do Pantanal e atuação em oficinas de artesanato promovidas em fazendas e escolas da região. A observação participante do mundo feminino e do cotidiano da fazenda de turismo realizada pela pesquisadora possibilitou o acompanhamento das mais recentes alterações no ambiente e na sociedade pantaneira, assim como estabelecer relações de proximidade com a população local que levaram ao conhecimento de fatos passados e entendimento da realidade atual.

A área de estudo foi escolhida com base na observação sobre quais os destinos turísticos do Pantanal mais visados pelo mercado consumidor. Foi observado que as pousadas

³ In: FREMONT, 1980, p. 95.

de maior renome estão localizadas em uma área próxima, em uma subregião do Pantanal denominada pelos habitantes locais como Região do rio Negro. Apesar de não constar nos mapas oficiais, a região consiste em referência espacial, histórica e sócio-cultural para a população que habita as fazendas daquele local. Estas propriedades constituem um espaço vivido ou um espaço social, que confere identidade aos que ali residem, de tal intensidade que chegam a se denominar como rionegrans. Além disso, a região é conhecida por seu grau de conservação ambiental, tida como uma das áreas mais preservadas do Pantanal⁴. Fatores físicos e sociais permitiram que esta porção do Pantanal se mantivesse bastante conservada até os dias de hoje, livre do desmatamento intensivo e da pesca predatória, tidos como ameaças ao Pantanal.

Ali, desde 1989, o turismo vem valorizando o patrimônio natural e cultural, ao mesmo tempo que se apropria, do ponto de vista mercadológico, destas instâncias, a fim de imprimir características singulares a esta porção do Pantanal, diferenciando-a dos demais “pantanais”, fortalecendo desta forma a região como destino turístico perante a concorrência.

Tendo em vista as considerações sobre a Região do rio Negro, escolhida para a realização deste estudo, e, a fim de abranger a problemática apresentada por esta pesquisa, o trabalho foi dividido em três partes. A primeira é dedicada à descrição da região, seus componentes físicos e histórico-culturais que vêm justificar sua identificação como espaço de vida dos que ali vivem. Para tanto, fez-se necessário realizar uma investigação teórica do conceito de região na Geografia, considerando as diferentes correntes de pensamento que influenciaram esta ciência ao longo do tempo, para então compreender o processo de formação desta região e sua atual situação.

Em seguida, investiga-se a territorialidade do turismo na área de estudo. O objetivo é conhecer os elementos que configuram o território pantaneiro no presente, as principais ameaças ao equilíbrio ambiental e as reações da sociedade diante destas pressões, bem como a estrutura física e humana das fazendas de turismo da Região do rio Negro, a fim de compreender de que forma a atividade turística vem exercendo sua territorialidade e de que maneira as mulheres estão envolvidas neste processo. Uma revisão teórica a respeito do conceito de território e territorialidade fez-se necessário, para aproximar o diálogo entre teoria e realidade empírica.

Por fim, este estudo descreve o cotidiano das mulheres nas fazendas onde ocorre turismo, no intuito de compreender sua relação com o Pantanal e com o trabalho, a maneira como se dão as relações familiares, bem como verificar o que elas entendem por

⁴ In: PROGRAMA NACIONAL DE MEIO AMBIENTE. *Plano de conservação da bacia do Alto Paraguai – PCBAP/Projeto Pantanal*. PNMA.1997.

qualidade de vida e, assim, identificar de que forma o turismo e as demais interferências do mundo contemporâneo estão influenciando a sociedade pantaneira e, conseqüentemente, a vida das mulheres.

Esta pesquisa está embasada na abordagem cultural da Geografia cujo enfoque é a construção de um conhecimento das realidades sociais considerando as determinações materiais, históricas e geográficas das pessoas que o produzem. Pretende abordar o tema a partir de um viés da antropologia do turismo, na medida em que os aspectos da cultura e das relações familiares serão fundamentais na compreensão de seu objeto.

1 RIO NEGRO: UMA REGIÃO DO PANTANAL

O Pantanal é uma imensa bacia sedimentar localizada ao centro da América do Sul, banhada por uma complexa rede hidrográfica, tendo como rio principal o rio Paraguai. É conhecido nacional e internacionalmente por sua diversidade e riqueza de vida selvagem, vastas áreas de cerrado e fisionomias de vegetação aberta, além de uma das maiores áreas inundáveis do mundo.

Detentora de vários títulos, entre eles o de Patrimônio Natural da Humanidade, conferido pela Unesco no ano de 2000, esta planície inundável tem em torno de 210.000 km². Aproximadamente 70% estão localizados nos Estados brasileiros de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os 30% restantes ficam no Sudeste da Bolívia e Nordeste do Paraguai. Incluindo a planície e as serras que a margeiam, o Pantanal cobre aproximadamente 490.000km², uma área equivalente à Escócia e Inglaterra juntas⁵.

Mais de 95% de sua extensão é composta por áreas privadas. São fazendas que têm na pecuária bovina sua principal atividade produtiva e que vem se instalando na planície desde o século XIX. O restante do Pantanal brasileiro é formado por unidades de conservação federais e estaduais.

A presente pesquisa foi realizada em quatro fazendas que atuam com a atividade turística, localizadas em um trecho de aproximadamente 56 km do rio Negro, no sul do Pantanal brasileiro, entre os municípios de Aquidauana e Corumbá no Estado de Mato Grosso do Sul, quando o leito do rio corre entre os alagados citados acima.

De acordo com a subdivisão regional do Pantanal apresentada por Adámoli (1982), associada ao Estudo de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Alto Paraguai (EDIBAP), a área de estudo está localizada em uma porção da subregião 'Nhecolândia' e outra das subregiões 'Abobral', 'Aquidauana' e 'Miranda' (ver figura 1). Esta subdivisão de Adámoli foi estabelecida com base em dados de estudos referente aos aspectos fisiomorfológicos e geopolíticos do Pantanal e é uma das mais aceitas entre a comunidade acadêmica.

Outra subdivisão existente é a realizada pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas Geográficas (IBGE), feita com base na rede de drenagem do Pantanal. Nesta subdivisão, o Pantanal foi repartido em diferentes áreas, entre eles o 'Pantanal do Negro', 'Pantanal do Miranda-Aquidauana' e 'Pantanal do Taquari', que abrangem a área de estudo da presente

⁵ In: EARTHWATCH INSITITUTE. Relatório Anual 2004 – Centro de Pesquisa e Conservação do Pantanal. Disponível em <http://www.earthwatch.org/site/pp.asp?c=dsJSK6PFJnH&b=1574583>. Acesso em 02. set. 2007.

pesquisa (ver figura 2). É importante salientar que o ‘Pantanal do Negro’, delimitado pelo IBGE, abrange uma área maior que a investigada nesta pesquisa.

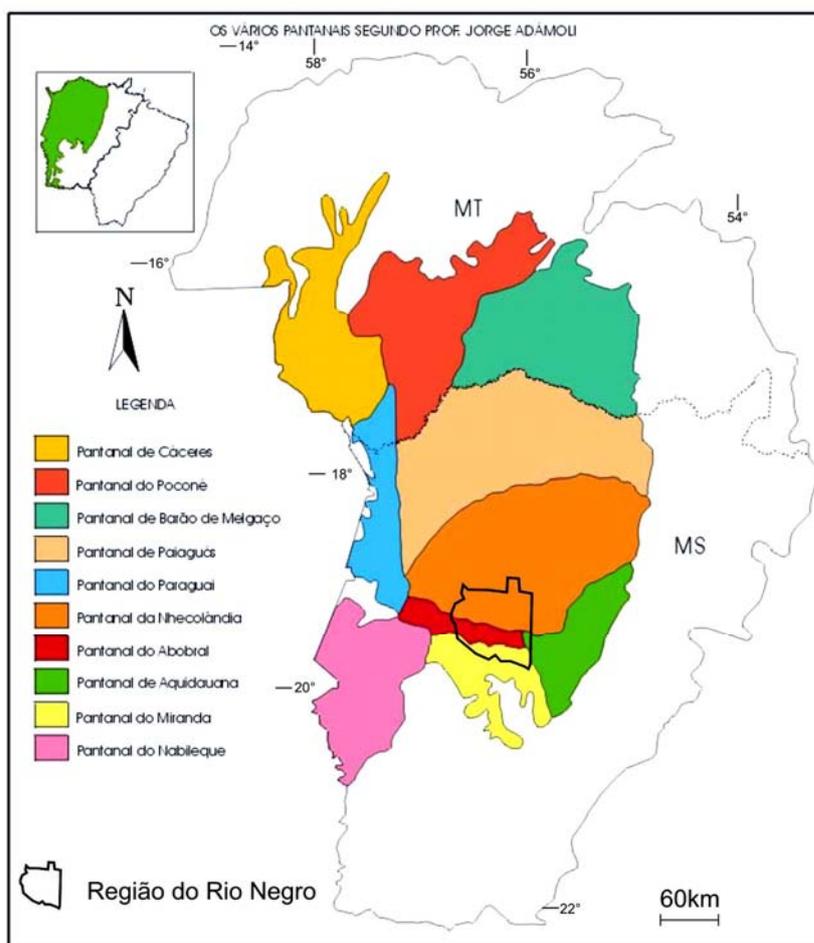


Figura 1: A Região do rio Negro em relação à subdivisão feita por Adámoli (1982).

Descrever o curso do rio Negro, quando este se encontra na planície, é uma tarefa difícil, haja vista as variações no fluxo de água entre os períodos de cheia e seca do Pantanal. Nos anos em que a seca é muito forte, o rio limita-se a um curso mais estreito em comparação aos anos em que a seca é mais amena e o rio joga suas águas por um leito mais largo, podendo originar cursos paralelos conhecidos como “braços de rio” ou unir-se a córregos menores, aumentando sua área de vazão. O mesmo ocorre em relação ao período da enchente, quando o rio Negro se mistura ao leito de outros rios, em alguns anos com mais vazão que outros, tornando inviável a obtenção de uma descrição exata do percurso das águas.

Entre os depoimentos colhidos há algumas diferenças principalmente em relação ao trecho final, quando o rio está próximo de desaguar no rio Paraguai. A descrição abaixo foi a de maior ocorrência entre os entrevistados, sendo também a versão de um pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária –Embrapa Pantanal.

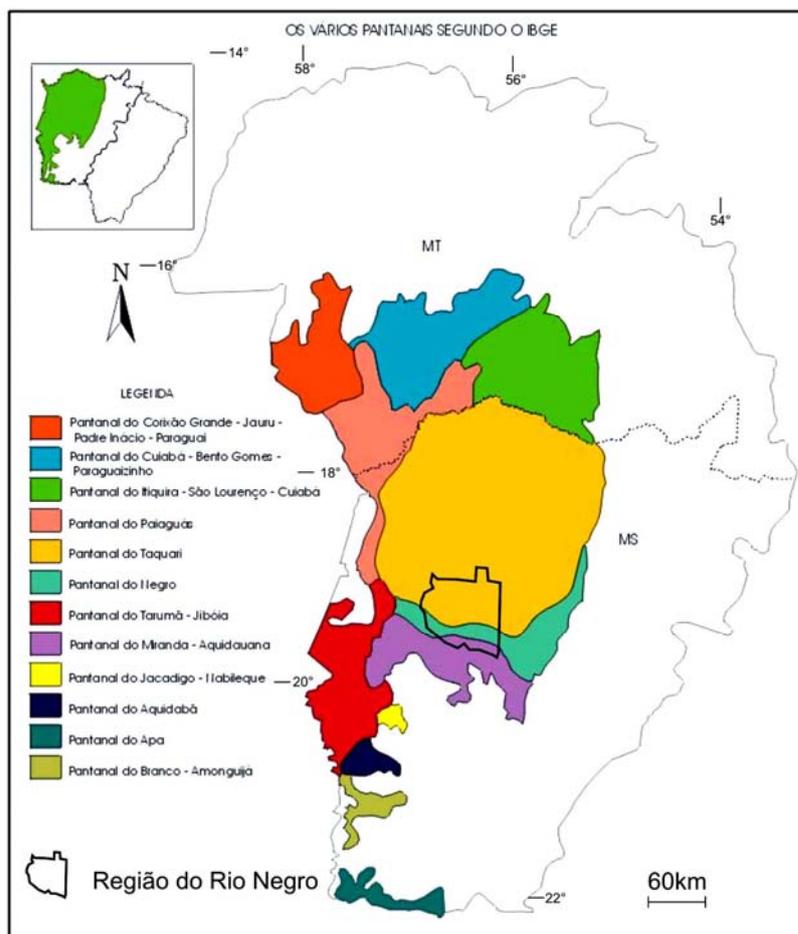


Figura 2: A Região do rio Negro em relação à subdivisão feita pelo IBGE.

De acordo com esta versão, o rio Negro nasce no município de Corguinho, Estado de Mato Grosso do Sul, na Serra de Maracaju, passa pelo município de Rio Negro, no mesmo Estado, passando por núcleos urbanos e rurais até se transformar em um grande alagado ao se encontrar com a planície pantaneira. O seu leito se dispersa na planície, formando pequenos braços de rio que se juntam um pouco mais à frente e voltam a formar um único leito. Um destes braços se diferencia dos demais por ter um fluxo maior de água e recebe o nome de Correntoso. Assim que as águas se encontram em um único canal novamente, o rio passa a ser margeado somente por fazendas, sem a presença de comunidades ribeirinhas ou núcleos urbanos. O Negro segue seu curso em direção ao rio Paraguai por aproximadamente 140 km cruzando os municípios de Aquidauana e Corumbá. Neste trecho, não recebe água de nenhum outro rio, somente de corixos, vazantes e salinas⁶ nos períodos de

⁶ Corixos são cursos d'água intermitentes que surgem no período da cheia e secam no período da seca. São, normalmente, cobertos por plantas aquáticas. Vazantes são campos abertos compostos por terreno baixo e úmido que ficam inundados durante a época das cheias. As salinas são lagoas de água salobra. (NOGUEIRA, 2002, p. 146, 151).

cheia e vazão das águas. Ao aproximar-se do Rio Paraguai, transforma-se novamente em um alagado, de proporção maior que o anterior. Seu leito desaparece e suas águas se misturam às do rio Vermelho e do rio Miranda que, logo em seguida, desembocarão no rio Paraguai⁷.

Para aqueles que compõem a população local das fazendas pesquisadas, eles moram e trabalham na Região do rio Negro ou ainda, no Pantanal do rio Negro (ver figura 3 e 4). A área que abrange esta região apontada pelos entrevistados, não equivale àquelas definidas conforme as subdivisões apresentadas por Adámoli (1982) e pelo IBGE, realizadas no intuito de “regionalizar” o Pantanal. Para as pessoas que ali vivem, no entanto, é a região por eles definida que serve de referência espacial e histórica, pois além de ser um espaço real, delimitado por fronteiras concretas, compõe-se da memória e das representações que as pessoas construíram em torno de sua existência naquele ambiente. Estas representações possuem elementos físicos, históricos e sócio-culturais que dão unidade à idéia de região, constituindo-se no espaço vivido daqueles que a habitam.

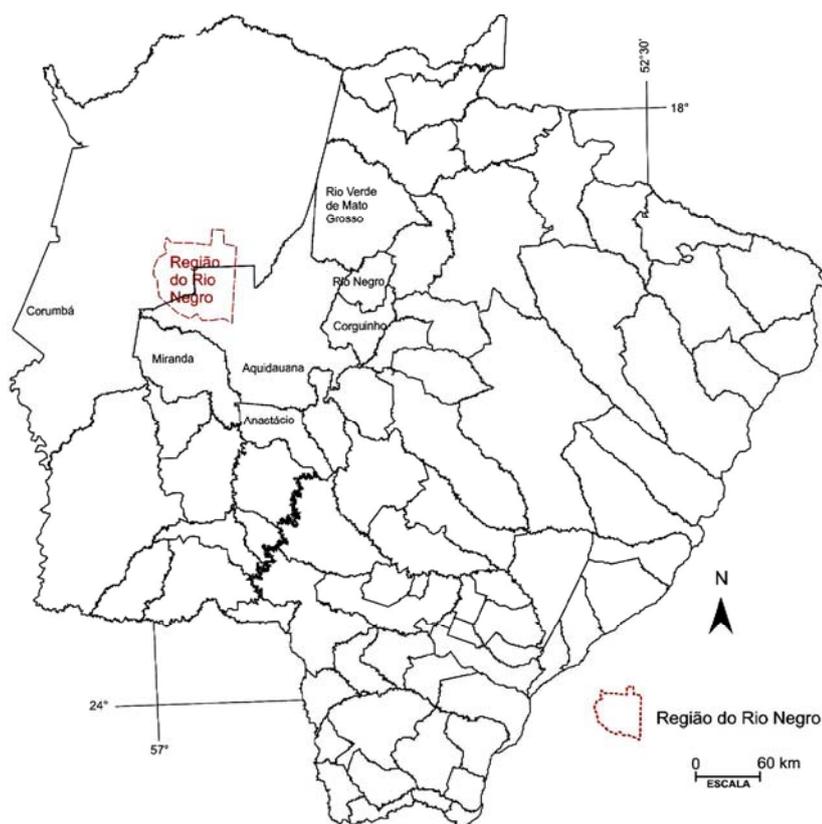


Figura 3: A Região do rio Negro em relação ao Estado de Mato Grosso do Sul.

⁷ Como dito, as descrições a respeito do curso final do rio Negro são variadas, pois, dependendo do volume da enchente de cada ano, o encontro das águas do rio Negro com os demais rios da Bacia do alto rio Paraguai também pode variar. Há pessoas que afirmam que ele se encontra com as águas do rio Aquidauana, outros dizem que com as águas do rio Taquari.

A fim de compreender o que a população local entende por região e em que aspectos essa concepção local se contradiz ou se contrapõe às representações espaciais do Pantanal (Adámoli e IBGE), bem como às teorias da Geografia que regem este tipo de definição espacial, verifica-se neste momento de que forma os defensores da teoria da Região na Geografia consideram as referências empíricas em seus argumentos.

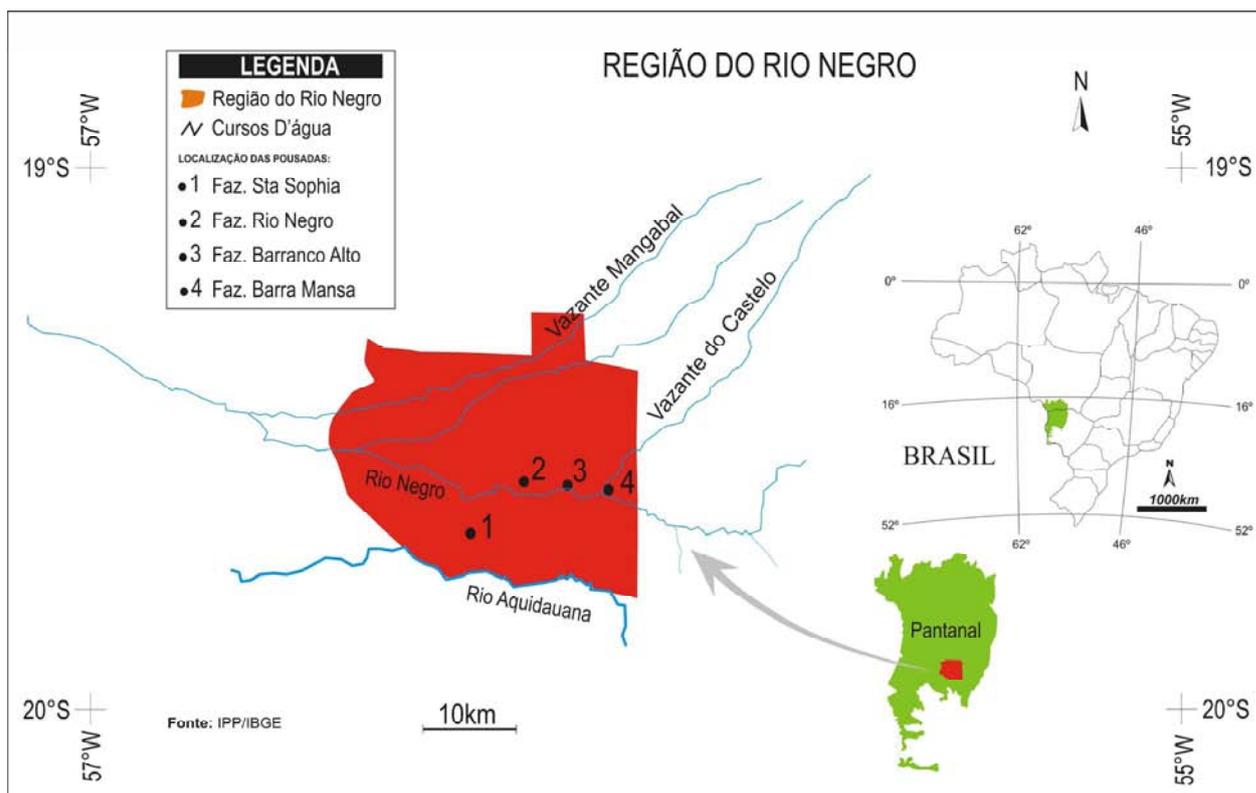


Figura 4: A Região do rio Negro e a localização das pousadas.

1.1 TEORIA DA REGIÃO

O conceito de região, assim como as demais categorias de análise da Geografia, passa por constantes atualizações. Diferentes autores têm se dedicado ao pluralismo do conceito (BEZZI, 2004; LECIONI, 2003; CORREA, 1997) e outros têm criticado o uso da abordagem regional dentro da Geografia nos últimos anos, indicando o território como categoria principal de análise da ciência, face à dinâmica econômica e social do mundo contemporâneo (SCHNEIDER, 2004; HAESBAERT, 2006a).

Para entender por que a Geografia passa por estas transformações e dá um novo enfoque à categoria região, é necessário recuperar o conceito de região dentro da história da Geografia.

Mery Lourdes Bezzi (2004) dedica-se ao estudo deste tema e demonstra a “importância da região como um dos conceitos integradores e centrais da Geografia” (p. 242). Ao descrever a abordagem regional nos estudos geográficos ao longo do tempo, considera o determinismo alemão e o possibilismo francês como duas abordagens fundamentais dentro da Geografia Tradicional, pois ambas convergiam para a região como um paradigma que muito contribuiu no desenvolvimento teórico-metodológico da Geografia (p. 244). A região era tida como abstrata, usada para delimitações e classificações de áreas, com uma perspectiva mais generalizadora e explicativa.

A antiga abordagem naturalista de região (1870-1920), com uma visão darwinista e neo-lamarckiana, que considerava a homogeneidade dos aspectos físicos – clima, hidrografia, relevo etc., - como fator determinante na delimitação de uma região, foi abandonada pelos geógrafos por não servir de referência e não explicar o desenvolvimento econômico e social que o mundo hoje experimenta.

Entre 1920 e 1950, período conhecido no campo dos estudos geográficos como Geografia Tradicional, a região era vista pelos geógrafos sob a perspectiva da paisagem, com destaque para as questões culturais e os gêneros de vida. Paul Vidal de la Blache foi o geógrafo precursor dessa linha, definindo a relação homem-natureza como objeto da Geografia. Sob esta perspectiva, a natureza representa possibilidades para a ação humana, isto é, as necessidades humanas são condicionadas pela natureza e o homem busca soluções para satisfazê-las, tanto nos materiais quanto nas condições oferecidas pelo meio (MORAES, 1985).

A obra de La Blache sugeriu a divisão do espaço através de Regiões Naturais. Para ele, a região

era a denominação dada a uma unidade de análise geográfica que exprimiria a própria forma de os homens organizarem o espaço terrestre. Assim, a região não seria apenas um instrumento teórico de pesquisa, mas também um dado da própria realidade. As regiões existiriam de fato e caberia ao geógrafo delimitá-las, descrevê-las e explicá-las. (...) pela observação, seria possível estabelecer a dimensão territorial de uma região, localizá-la e traçar seus limites (MORAES, 1985, p. 75).

Esta concepção de região possibilitou que a Geografia Regional, tida por Moraes (1985) como o principal desdobramento da proposta vidalina, se tornasse uma referência de análise no pensamento geográfico.

Para a Geografia Regional, a divisão do espaço em regiões tinha o objetivo de diferenciá-las através da observação direta da natureza, das normas dos grupos, das técnicas de produção, da capacidade de saber do grupo e de domínio da natureza. La Blache sentia a

necessidade de explicar as diferenças de culturas e dos níveis de desenvolvimento dos homens a partir de uma dimensão material e permanente. É quando passa a teorizar sobre os gêneros de vida, isto é, a analisar a vida dos grupos humanos observando suas atividades, o que resultava na descrição das paisagens e explicação das diferentes formas de organização do espaço.

La Blache vinculou os estudos geográficos à Geografia Humana, porém a desenvolveu com foco no estudo da paisagem. Esta abordagem geográfica considerava a população como objeto, porém não a relacionava à sociedade; considerava em sua análise as técnicas e os instrumentos de trabalho, porém não contemplava os processos de produção; discutia a relação homem-natureza, mas não atentava para as relações entre os homens, enfim, sobrepunha os fatos, mas não os integrava (MORAES, 1985, p.72).

A Geografia Tradicional, a partir da década de 1970, sofreu várias críticas por não acompanhar o desenvolvimento das demais ciências, devido ao processo de renovação cujas transformações econômico-sociais o mundo passou a demandar. Moraes (1985) afirma que a indefinição do objeto de análise na Geografia e a generalização, foram os principais pontos que levaram à crise da Geografia Tradicional.

A Geografia passou então a buscar novos caminhos, a desenvolver novas correntes, em busca de uma renovação. Deu espaço a novas abordagens geográficas, entre elas, a Geografia Crítica fundamentada na materialidade histórico-dialética marxista, ao lado da Geografia Humanista e da Geografia Cultural. Diversos são os geógrafos que abordaram o estudo de região na Geografia pela perspectiva do materialismo histórico e dialético (LACOSTE, 2001; SANTOS, 1998).

Para a realização deste trabalho, entretanto, optou-se pela leitura de região com foco na identidade cultural. Conforme Anne Gilbert, duas são as fontes principais para essa abordagem de região. A primeira é a Geografia Humanista “que se apóia nas filosofias do significado e que, em última instância, concebe a região como um espaço vivido” (GILBERT *apud* BEZZI, 2004, p. 205), aproximando-se dos conceitos tradicionais de região da escola vidaliana. A segunda é a Geografia Cultural renovada, que busca entender “as atitudes dos indivíduos diante da natureza, o sentido que eles dão às suas vidas e os horizontes futuros que eles constroem e que os guiam nas suas existências” (CLAVAL, 2003, p. 163).

A Geografia Cultural teve como precursor o americano Carl Sauer na primeira metade do século XX. Sauer defendia que a Geografia deveria partir de “uma descrição das características da superfície terrestre para chegar, mediante uma análise de sua gênese, a uma classificação comparada de regiões” (SAUER, 2003, p. 21). Para ele a Geografia deveria se

dedicar a entender a diferenciação da Terra através de sua divisão em áreas, pois a Geografia se interessa “pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica” (Idem, p. 22).

A visão de Sauer era de que existe uma unidade entre natureza e cultura e que esta deveria servir de base ao estudo da Geografia. Entretanto, para Denis Cosgrove, geógrafo que muito contribuiu com o desenvolvimento da abordagem cultural da Geografia a partir da década de 1970, a escola de Sauer “defendia a unidade entre natureza e cultura como base do estudo da paisagem pela geografia, mas não foi capaz de demonstrar a origem da cultura” (COSGROVE, 2003, p. 107.). Para ele a Geografia tem a tarefa de “apreender e compreender a dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço” (Idem, p. 103) o que exige um entendimento de cultura. Tanto Vidal de la Blache quanto Sauer defendiam que a cultura humana é determinante na transformação da natureza, mas nenhum dos dois incorporou a sensibilidade e a compreensão do significado dos lugares na teoria marxista, o que seria “uma contribuição inestimável à geografia cultural” (Idem, p. 112).

No desenvolvimento da ciência geográfica a partir da segunda metade do século XX, a Geografia Cultural busca então uma análise epistemológica com foco no estudo das atitudes e preferências das pessoas. Esta perspectiva humanista levou a Geografia a estudar o homem com seus valores culturais e sociais, considerando que a interpretação dos signos e a percepção dos fatos levam à interpretação do espaço, onde a região é vista como “um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões e comportamentos coletivos” (BEZZI, 2004, p. 207).

O espaço vivido passou então a ser a categoria referencial da Geografia Regional, visto como revelador das práticas sociais e construído socialmente através da percepção das pessoas. Sob o enfoque da identidade cultural como paradigma regional, em que o espaço passa a ter a conotação de categoria cultural (BEZZI, 2004, p. 210), o estudo da região leva o pesquisador a conhecer os signos de um determinado grupo social a fim de delimitar e diferenciar uma região das demais. Lecioni (2003) observa na obra de Armand Frémont, precursor no estudo da região sob a ótica humanista que, para o autor, o espaço vivido incorpora o objeto, as relações entre os indivíduos e a sociedade e entre os lugares freqüentados pelos grupos sociais e, principalmente, a dimensão afetiva.

Frémont (1980) afirma que as relações do homem com o espaço se formam, se estruturam e desfazem no decorrer do tempo, no decorrer de suas próprias vidas. Desta forma, o espaço vivido é uma experiência contínua, é um espaço em movimento e um espaço-tempo

vivido (p. 26-27). Uma vez que este espaço se forma desde a mais tenra idade, é também um espaço social, pois é composto por outras pessoas além do próprio indivíduo.

Este geógrafo propõe um avanço no conhecimento das relações dos homens com os lugares que constituem a região, através de uma mudança na perspectiva de estudo. Para ele, a região deve ser estudada como um espaço vivido, ela deve ser “vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens, projetando neles imagens que os modelam (...). Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens” (Ibidem, p. 17).

Desta forma, entende-se como região neste trabalho, usando as palavras de Frémont (1980), um espaço que

integra lugares vividos e espaços sociais com um mínimo de coerência e de especificidade, que fazem dela um conjunto com uma estrutura própria (a combinação regional), e que a distinguem por certas representações na percepção dos habitantes ou dos estranhos (as imagens regionais) (p. 167).

A região vista como espaço vivido, é composta por uma rede de lugares que dão forma e vida à região. Os lugares são carregados de significados que dão sentido à existência daqueles que os definem. Estes significados podem estar relacionados a diferentes atributos ou objetos que fazem as pessoas definirem seus “lugares” de acordo como as memórias da infância, os sentimentos de harmonia e liberdade ou mesmo a necessidade de sentir-se em casa. Também podem ter uma conotação negativa como os lugares que remetem ao medo, à tristeza, à dor. De acordo com Relph (1979),

todos os lugares são únicos e suas particularidades são determinadas por suas paisagens e espaços individuais e por nosso cuidado e responsabilidade, ou ainda, pelo nosso desgosto por eles. Se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou como pontos de parada numa passagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são os centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens (p. 18).

O lugar, enquanto categoria de análise em Geografia, é entendido neste trabalho como a porção do espaço “onde se exprime (...) a espécie de relação secreta e emocional que liga os homens a sua terra” (BONNEMAISON, 2002, p. 103), é o espaço ao qual os seres expressam um sentimento de pertença, de familiaridade, de cumplicidade. Os lugares são as experiências de topofilia, isto é, o sentimento direcionado ao lar, àquilo que é particular, que não requer esforço; está relacionado a qualquer coisa dos ambientes que remeta ao prazer, à sensação de relaxamento e também de segurança (TUAN, 1980).

Com base nesta perspectiva, propõe-se neste momento, demonstrar que ao sul do Pantanal brasileiro, no curso do rio Negro, há uma região composta por uma rede de lugares, formada por circunstâncias históricas e fortalecida por uma dimensão afetiva, comum àqueles que a habitam.

1.2 A REGIÃO DO RIO NEGRO

Observando as relações entre as pessoas que habitam a área de estudo e as relações que mantêm com o Pantanal, foi identificado durante a pesquisa que há uma área específica que abrange um determinado trecho do rio Negro, quando este já se encontra na planície pantaneira, que abriga um conjunto de características físicas, históricas e sócio-culturais que o diferenciam de outras áreas no Pantanal. Estas características são, em geral, comuns às fazendas e às pessoas que habitam este ambiente.

Isto foi constatado quando se identificou que, para a maioria dos entrevistados, em especial os de idade superior a 40 anos, quando perguntados sobre a localização das fazendas às quais se vinculam, referiam-se à Região do rio Negro para indicá-la. Para eles, esta região configura-se como um lugar, um espaço de topofilia.

Constatou-se que existe uma dimensão de memória que é comum aos entrevistados, resultado da vivência destas pessoas nesta área, passada de geração para geração, e talvez mantida mesmo com a alteração nos modos de produção do espaço. Estas pessoas possuem uma intimidade com a área, que as permite demarcá-la e denominá-la como Região do rio Negro, ou também, como Pantanal do rio Negro.

Conforme explica Lecioni (2003), a região é definida pelo sentimento de pertença dos indivíduos a uma rede de lugares. Esse sentimento de pertença resiste “mesmo quando a dinâmica modifica os vínculos entre os lugares” (p. 155). Ao observar as relações que configuram a região de estudo, pode-se afirmar que as fazendas que a compõem são ocupadas, cada uma delas, por pequenos grupos sociais que, devido às relações humanas, articulam-se em uma rede de relacionamentos sociais e afetivos, orientados por relações de parentesco ou questões econômicas e de trabalho, constituindo uma dinâmica própria de relações bastante vinculada àquele espaço físico e social, o que permite inferir seu caráter de Região.

Ao investigar a Região do rio Negro como um espaço vivido, ou um espaço social, onde também se configuram as relações de produção, é necessário considerar as

relações econômicas como estruturas fundamentais deste espaço. A pecuária extensiva foi, durante dois séculos, a principal atividade econômica das fazendas no Pantanal, determinante da dinâmica local, conforme será discutido no próximo capítulo.

Desde a década de 1990, o turismo vem sendo introduzido na área de estudo como uma alternativa econômica à pecuária. A crise na produção de gado bovino atingiu as fazendas pantaneiras em decorrência da diminuição no tamanho das terras, reflexo da constante divisão entre herdeiros, bem como da concorrência com outros mercados produtores que visam um consumidor cada vez mais exigente com tecnologia e bons preços, o que eleva os custos de produção. A mudança no modo de produção do espaço através da inclusão da atividade turística tende a provocar alterações nas relações de trabalho e nas relações dos seres humanos com o meio.

Uma das propostas desta pesquisa é verificar de que forma o turismo na área de estudo, enquanto uma das atividades que contribuem com certas transformações na dinâmica local, está influenciando a relação dos indivíduos entre si e deles com o meio. Do mesmo modo, pretende investigar como a região formada por esta categoria social vinculada ao universo pastoril, vem resistindo e/ou se adaptando às mudanças no sistema produtivo, sobretudo no que se refere às interferências impostas pelo turismo.

À medida que altera a dinâmica das fazendas, alerta-se para o fato de que o turismo pode vir a promover mudanças significativas no contexto do trabalho e nas relações das pessoas com a terra, de tal forma que a idéia de região, tal como identificada nesta pesquisa, como espaço de identidade, memória e sociabilidade, possa se modificar ou mesmo desaparecer. É o que alerta Frémont (1980), ao afirmar que

a introdução de uma nova técnica, a adoção de uma nova planta no sistema de cultura, ou de uma nova forma de energia no domínio industrial, podem pouco a pouco modificar sensivelmente as técnicas, as relações de investimento, as empresas, os empregos, o meio, a paisagem, a região (p. 107-108).

Para Frémont, “a região é uma estrutura: um conjunto, uma combinação de relações que caracteriza uma parte do espaço terrestre” (p. 104). Segundo ele, os componentes que formam a estrutura da combinação regional são: os elementos do meio físico, as atividades econômicas, a composição demográfica, os grupos sociais, a organização política, as dimensões culturais, etc. Desta forma, para melhor entender a conformação e a conjuntura da Região do rio Negro no passado e no presente, bem como diagnosticar as influências da nova atividade econômica na vida daqueles que compõem o ambiente pantaneiro, propõe-se analisar os componentes físicos, históricos e sócio-culturais da região em questão.

1.2.1 Elementos físicos

O rio Negro leva este nome devido à cor escura de suas águas. Porém, essa visão de que a água é negra, é tida somente quando se observa o rio à distância. Uma vez dentro d'água, descobre-se que a água é límpida e transparente. Esta aparência escura se deve ao fato de o rio carregar uma quantidade considerável de matéria orgânica, que se deposita no fundo de seu leito, e que o transforma em um imenso espelho natural quando em contato com a luz do sol.

Outra característica do rio Negro são as praias de areia branca e grossa. Por ser bastante sinuoso, à medida que o rio vai reduzindo seu fluxo de água durante a estação seca, praias surgem a cada curva do rio, oferecendo um cenário ideal para a prática de atividades de lazer.

Tanto a água quanto as praias são elementos que diferenciam o Negro dos demais rios do Pantanal. São componentes de uma beleza que coloca o rio Negro entre os mais bonitos de toda a planície. Prova disso é o intenso uso de suas imagens em materiais promocionais do Pantanal como destino turístico⁸.

Em relação às características fisiomorfológicas, a margem direita do rio Negro caracteriza-se por “campos abertos e cerrados arborizados entremeados por capões de matos e matas de cordilheira⁹, que surgem nas pequenas elevações do terreno arenoso e ao longo dos rios” (AZEVEDO, 2002, p. 61). Diferencia-se da margem esquerda do rio por possuir um terreno mais baixo, argiloso, que permanece inundado por mais tempo, o que favorece a presença de árvores de maior porte. Além do rio, a área possui outros recursos hídricos como corixos, salinas, baías (lagoas de água doce) e vazantes.

Ao entrevistar alguns funcionários e proprietários de fazendas da região, observou-se que, entre a maioria deles, a margem esquerda do rio caracteriza-se como o melhor dos “pantanais”, devido à riqueza de recursos hídricos permanentes. Não há nestas fazendas a necessidade de construir açudes ou outros tipos de reservatórios de água ao longo do ano. As baías e salinas existem em grande quantidade e dificilmente secam por completo na estação seca (ver figura 4), conforme exemplifica um dos entrevistados:

⁸ Em uma pesquisa virtual utilizando o site de busca na internet, Google, ao inserir a palavra “pantanal”, observou-se que entre os 20 links acessados nas duas primeiras páginas, nove eram relacionados à atividade turística. Destes, cinco utilizavam fotos aéreas do rio Negro para ilustrar a abundância de habitats aquáticos do Pantanal como um todo. Pesquisa feita em novembro de 2007.

⁹ Capões de matos são pequenos aglomerados de espécies vegetais em meio aos campos. Matas de cordilheira são unidades vegetacionais que margeiam os habitats aquáticos (lagos, rios, etc.).

“O Pantanal daqui (lado esquerdo do rio Negro) é melhor que o de lá (lado direito do rio Negro). Aqui a gente pode colocá o gado com tranquilidade na seca que ele tem fartura de água. Ele sai pras salina, fica nas berada de cordilheira. Já pra lá os peão tem que se virá quando vem a seca. Ainda mais essas seca de agora que quando seca, seca mesmo” (Juca., peão, 62 anos).

O ciclo das águas do rio Negro diferencia-se de forma sutil do ciclo dos demais rios do Pantanal¹⁰, seja quanto ao volume das águas, pois estas dependem da quantidade de água proveniente das chuvas na cabeceira, seja quanto à declividade da microbacia em relação ao rio Paraguai. Da mesma forma, as fazendas que margeiam o rio Negro no interior do Pantanal, possuem tempos diferentes de cheia, vazão e seca: quanto mais próximo do rio Paraguai, mais tardio é o ciclo, isto é, enquanto as águas da parte alta do rio estão vazando, as da parte baixa ainda estão enchendo. Trata-se de uma observação aparentemente lógica quando analisada com o foco na hidrologia, entretanto o conhecimento sobre estas especificidades em cada trecho do rio é essencial para o bom aproveitamento das pastagens, para o manejo do gado, para a navegação, enfim, para a vida dos seres que ali habitam.



Figura 5: Imagem aérea da Região do rio Negro – riqueza em ambientes aquáticos e cobertura florestal.

As condições físicas do Pantanal limitam as ações de transformação do meio e ditam o ritmo de vida da fauna, flora e das pessoas. O período das cheias é variável a cada ano

¹⁰ De acordo com o PCBAP (1997), o Pantanal do rio Negro destaca-se entre os demais “pantanais” por apresentar grande parte das fitofisionomias que ocorrem no Pantanal, grande concentração de fauna e por apresentar baixos índices de ação antrópica

e, atualmente, estas mudanças são ainda mais visíveis em função do que os cientistas têm chamado de aquecimento global, que deixa o trabalhador do campo cada vez mais inseguro em relação às condições climáticas no decorrer do ano. Para alguns entrevistados, nunca se viu temporadas de cheia do rio Negro tão curtas, o que, conseqüentemente, acentua a estação de seca. Para outros, já houve secas maiores, como observou um dos entrevistados, ao citar a seca de 1930, quando foi possível visitar fazendas vizinhas fazendo o trajeto a cavalo pelo leito do rio.

Esta preocupação com o movimento das águas está sempre presente nas conversas entre pantaneiros¹¹, pois é elemento vital na economia e na presença do homem naquele meio. Conforme comenta Nogueira,

o pantaneiro aprendeu ao longo dos séculos, a fazer suas próprias previsões, alicerçadas na interpretação dos fenômenos naturais (...) pode-se dizer que é, ao mesmo tempo, um botânico, um zoólogo, um astrônomo, um geógrafo acostumado à leitura semiótica da natureza, com a qual aprendeu a conviver no dia-a-dia (2000, p. 31).

Administrar as atividades do campo em consonância com todas as condições físico-naturais é uma das habilidades principais que o trabalhador rural precisa ter. Tal como diz Frémont, “as inter-relações ecológicas regulam as relações entre os homens e os meios em que vivem, traduzem as adaptações dos grupos às possibilidades oferecidas pelo meio-ambiente e às dificuldades que daí resultam” (1980, p. 105).

No Pantanal, o conhecimento empírico, a sensibilidade para as coisas naturais é ainda mais necessária, haja vista o movimento das águas. A detenção deste conhecimento é um dos motivos que faz com que muitos homens e mulheres que prestam serviço a fazendas situadas às margens do rio Negro, permaneçam nesta área durante longos períodos de suas vidas.

É comum entre os trabalhadores mudar de Pantanal ao longo da vida, a fim de trocar de emprego, de patrão, viver em outra rede de relacionamentos. Entretanto, costumam retornar para suas regiões de origem em algum momento, seja devido às relações de parentesco, casamento, ou à questão natural, no caso os recursos hídricos, conforme explica um dos entrevistados:

¹¹ Neste trabalho, entende-se como pantaneiro, aquele que assim se define por possuir “uma história em comum, redes e regras de sociabilidade tecidas através dos anos, pela convivência com um ambiente diferenciado e pelas formas de expressão do imaginário características de seu meio social e físico” (BANDUCCI JR., 2005, p. 15).

“Eu gosto daqui (Rio Negro) porque é um lugar aberto, não tem aquela sequidão, muito mato, você não se dá bem, porque pra lá (Abobral¹²) é só açude. Aqui você tem uma baía, uma salina, um corixo, e pra lá não, só quando chove” (Cláudio, 63 anos, serviços gerais)

Na atividade turística, é essencial que o trabalhador possua o conhecimento referente ao tempo de vazante das águas, a localização do canal do rio propício para navegação, os pontos de pesca, de observação de animais selvagens, do casqueamento dos cavalos para que resistam à água na estação úmida, dentre outras questões de cunho natural que regulam o ritmo e o tempo de trabalho no Pantanal.

No que tange ao universo feminino, cada Pantanal tem sua especificidade, sobretudo em relação ao trabalho doméstico, diretamente vinculado à água. Aquelas que trabalham no Pantanal do rio Negro, devido à cor escura da água, sabem como lavar uma roupa branca sem que esta manche, deixando-a de molho em água com bastante sabão, porque pouco sabão irá manchar mais ainda; como limpar a louça do banheiro que fica escurecida, esfregando-a com areia e a folha da árvore lixeira (*Curatella americana*); enfim, possuem uma riqueza de conhecimentos empíricos que demonstram profunda intimidade com o meio.

1.2.2 Elementos históricos

Os entrevistados que afirmaram trabalhar na Região do rio Negro, assim a denominam por considerar a Fazenda Rio Negro a “fazenda mãe” das demais propriedades ao redor. Para um dos entrevistados, “a Fazenda Rio Negro é o tronco do Pantanal, foi a partir dela que vieram as outras fazendas” (Cláudio, 63 anos, serviços gerais).

A Fazenda Rio Negro abrangia inicialmente uma área de, aproximadamente, 187 mil hectares, ocupada, entre 1889 e 1915, de propriedade de Tomásia Rondon e seu marido, Cyriaco Rondon, primo do Marechal Cândido Rondon¹³. Esse casal foi pioneiro na ocupação da porção Sul da Nhecolândia¹⁴. A história da ocupação dessa área é relatada pelo Sr. Orlando Rondon, neto de Cyriaco, em entrevista para esta pesquisa¹⁵.

De acordo com o Sr. Orlando, o casal mudou-se de Poconé-MT para as margens dos rios Aquidauana e Negro, por volta de 1885, numa viagem de vários dias em batelões e canoas, descendo o rio Paraguai. Ao chegar à porção Sul da Nhecolândia, comprou

¹² Outra sub-região do Pantanal.

¹³ Militar e sertanista brasileiro que chefiou a Comissão Rondon, responsável pela construção da linha telegráfica que ligou Mato Grosso à Goiás e, conseqüentemente, ao restante do país, no início do século XX.

¹⁴ Nhecolândia é uma das 10 sub-regiões do Pantanal, conforme Adámoli (1982).

¹⁵ Segundo livro recentemente publicado a respeito da Fazenda rio Negro, seu primeiro proprietário foi José Pereira do Amaral, de 1855 a 1889, quando então vendeu para o casal Rondon. (AMARAL e SILVA, 2007).

uma sesmaria de 65 mil hectares, onde construiu um ‘ranchão’ até hoje conhecido como Porto Cyriaco, às margens do rio Aquidauana. A tropa de cavalos e o gado bovino viajaram por terra e, ao atravessar o rio Negro, de sua margem direita para a margem esquerda, “voltaram no pé de trás”, expressão usada pelo fazendeiro para dizer que o gado retornou na sua trilha, preferindo ficar nas terras da margem direita do rio, devido à abundância de pastos e salinas. Ao observar a preferência dos animais por essas terras, em 1893 decidiu comprar mais 75 mil hectares do outro lado do rio e, em poucos anos, adquiriu outros 47 mil hectares vizinhos, também à margem direita do rio.

Tomázia Rondon ficou viúva no início do século, quando seu filho mais velho, Luis Rondon, pai de Orlando, tinha apenas 14 anos. Em companhia dos oito filhos naturais e outros sete, fruto do primeiro casamento de seu marido, esta mulher manteve bravamente o patrimônio conquistado por sua família. Segundo Beatriz Rondon, também neta de Dona Tomázia, a propriedade da família Rondon, a chamada Fazenda Rio Negro, chegou a abranger 280 mil hectares¹⁶, equivalente à área que se considera até os dias de hoje como Região do rio Negro.

Foi considerada a “fazenda mãe” da região, porque supria as demais fazendas de insumos para abastecer seus armazéns, era onde existia o maior número de famílias morando e onde se realizavam as principais festas religiosas ao longo do ano. Além disso, foi onde se instalou o primeiro telégrafo e construída a primeira pista de pouso para aeronaves, servindo de base para comunicação da região com o resto do mundo.

Sr. Orlando relata que desde meados do século XX, a fazenda já recebia visitantes, com destaque para a presença de ilustres militares que viajavam ao Pantanal a lazer. Ele conta que aeronaves da FAB – Força Aérea Brasileira pousavam na fazenda e os visitantes saíam para pescar e caçar onça, o que era bastante comum na época.

O patrimônio, com o passar dos anos, foi dividido em partes iguais entre os herdeiros. Alguns deles compraram as partes dos irmãos, outros venderam para terceiros e muita coisa mudou nas relações entre os vizinhos e também dos fazendeiros com o meio.

O primogênito, Luis da Costa Rondon, administrou a fazenda que herdou e algumas outras partes que comprou de irmãos entre 1904 a 1951, quando passou para seus filhos e cuja administração ficou sob os cuidados de Orlando Rondon. Grande parte da área

¹⁶ Há divergências entre os entrevistados em relação ao tamanho da área. Uma entrevistada afirmou que a fazenda rio Negro chegou a ter 360 mil hectares, porém, para a maioria, o tamanho aproximado era de 280 mil, dado confirmado em AMARAL e SILVA, 2007.

inicial da Fazenda Rio Negro permaneceu nas mãos da família Rondon até meados da década de 1970.

Devido a essa constante divisão das terras, delimitar em um mapa a área inicial da Fazenda Rio Negro não foi uma tarefa fácil. Das entrevistas com os moradores mais antigos, foi possível identificar os nomes das fazendas que compunham a área entre as décadas de 1970 e 1990. Entretanto, houve entrevistado que citou oito nomes de fazendas, outro que citou 33. Da união de todos os dados coletados, pode-se afirmar que as fazendas que compõem a região atualmente são: Fazendinha, Tupãcyretan, Santa Sophia, São Sebastião, São Roque, Centenário, Santa Terezinha, Barra Mansa, São Pedro, Rio Negro, Central, Barranco Alto, Djacuí, São João, Costa Rica, Rancharia, Nova Estância, Paraíso, Esperança, Vista Alegre, Porto Ciryaco, Entre Rios, Estrela, Califórnia, Itacaru, Firmezinho, Rancho Grande, Maringá, São José, São Jorge, Cascavel, Sereia, Camalote, Santa Alaíde. Todas estas são consideradas “filhas” da fazenda Rio Negro, pois faziam parte de uma única propriedade no início do século XX.

A dificuldade em descrever corretamente as fazendas que estão, na presente data, dentro da Região do rio Negro está no fato de não existir um mapa atualizado com o georreferenciamento das fazendas. Nem mesmo no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra, há um mapa que demonstre a área com informações atualizadas. Foi através do mapa realizado em 1952 pelo agrônomo Renato Rabelo Vaz, que se demarcou a região de estudo no formato apresentado na Figura 3.

Atualmente, é a geração de netos e bisnetos de Dona Tomásia que se faz presente na região, além de sul-mato-grossenses, paulistas e europeus que adquiriram terras no decorrer dos últimos quarenta anos. A sede construída por Dona Tomásia à beira do rio Negro passou por três reformas, encontra-se em bom estado de manutenção e pertence à atual Fazenda Rio Negro, que foi reduzida a aproximadamente sete mil hectares.

Este breve levantamento histórico foi focado na família de proprietários das terras. Em paralelo, há outras famílias na região, tão tradicionais quanto à família Rondon, mas que compõem o núcleo de empregados das fazendas. Durante a pesquisa de campo, constataram-se diferentes laços entre os entrevistados: de amizade durante a infância; de compadrio; de parentesco próximo ou distante; de vizinhança na cidade. Esses diferentes laços compõem um complexo mapa de relações que, infelizmente, até o presente momento, ainda não foi registrado.

Como dito anteriormente, a mudança de emprego é um hábito comum entre os pantaneiros. Afirmam estar cansados do trabalho naquela propriedade, mas quando se mudam

para o novo emprego, realizam as mesmas atividades, porém, em um ambiente diferenciado. Essa mudança pode ser motivada por diferentes fatores como a vontade de mudar de patrão ou para ficar mais próximo de um parente.

O que existe no Pantanal do rio Negro é uma freqüente rotatividade de funcionários entre as fazendas vizinhas. Isso se deve à preferência dada pelos proprietários em contratar pessoas “com referências”, pertencentes a famílias conhecidas na região; e/ou à vontade dos funcionários em permanecer em uma área que lhes é familiar. Prova disto é o fato que entre as 14 mulheres entrevistadas durante a pesquisa, sete passaram a infância e adolescência na região.

Para os patrões, o fato de a funcionária ter nascido na região é positivo, pois, para estes, contratar uma pessoa “da região” significa poder contar com uma pessoa que vai agüentar o ritmo de trabalho, o desconforto que possa existir no período das chuvas e dos mosquitos e, principalmente, que permanecerá na fazenda por um tempo maior se comparado ao tempo que ficaria uma pessoa “de fora”. Também está relacionado ao fato de existir laços de amizade e confiança entre as famílias de patrões e funcionários construídos ao longo do tempo.

Foi o que identificou Banducci Jr. (1995) nas fazendas da Nhecolândia. O vaqueiro pantaneiro tem tradição de mobilidade e esta, muitas vezes, não é motivada por um salário melhor, mas sim pela necessidade pessoal de mudança, que pode ser gerada por diferentes fatores como insatisfação com o local de trabalho. Para o antropólogo, a mobilidade está relacionada à segurança de que há trabalho em outra fazenda e à certeza de que continuará vivendo em seu contexto social (p. 72).

As redes de relacionamentos, parentesco e compadrio que se formam, permitem que haja uma permanência maior de pessoas com vínculos afetivos com a região trabalhando nas fazendas, mesmo neste momento de intensas transformações na dinâmica do espaço.

No contexto das fazendas que trabalham com turismo na Região do rio Negro, essa mobilidade é ainda mais visível, devido à freqüente demanda de trabalho. Durante os seis anos de convívio com aqueles que habitam a área de pesquisa, foi possível constatar que há pessoas que nunca deixaram a região para trabalhar em outra, somente para passar um tempo na cidade para descansar. Há outros que já experimentaram trabalhar em outro Pantanal, mas não se acostumaram e acabaram voltando para o local de origem.

É o caso de Iracema, cozinheira, 56 anos. Ela nasceu na Fazenda Rio Negro, estudou na Fazenda Tupãcyretan (também parte da aqui chamada Região do rio Negro),

casou-se na Rio Negro e continuou morando lá. Quando o casal conseguiu comprar uma casa na área urbana do município de Aquidauana - MS, mudou-se para a cidade com os filhos, mas logo voltou para a fazenda por achar o custo de vida muito alto. Quando iniciou a atividade turística na fazenda, ela passou a ter vínculo empregatício, sendo contratada para os serviços domésticos da pousada. Mesmo depois de a fazenda ter sido vendida, permaneceu prestando serviços de cozinheira. Quando o marido se aposentou, passaram a trabalhar como diaristas em outras fazendas como a Fazendinha e Barra Mansa, todas localizadas na região. Hoje, viúva, segue intercalando períodos na cidade, em sua casa, e na fazenda, trabalhando como cozinheira.

Outra história interessante é a de Claudete, serviços gerais, 49 anos. Ela também nasceu na Fazenda Rio Negro e estudou na Tupãcyretan. Quando casou, mudou-se para a Fazenda Centenário. Passou por diversas fazendas da região e fora dela porque, segundo a entrevistada, o marido tinha muito ciúmes. Trabalhou muitos anos em uma fazenda de turismo no município de Miranda - MS, mas saiu de lá por incompatibilidade com o novo patrão. Voltou para a região e foi trabalhar na Fazenda Barra Mansa e em seguida, na São João, cujo proprietário é inglês. Segundo ela, voltou para a região para ficar mais próxima da irmã, que trabalha na Fazenda Estrela, também localizada na região. Neste caso, a relação com o patrão não foi determinante na escolha do local de trabalho, mas sim onde a fazenda está localizada e quem trabalha nela, ou próximo dela.

Histórias como esta são comuns entre aqueles que moram na região e levam à reflexão de que as relações de parentesco e o vínculo com espaço são os principais pilares que sustentam a existência da Região do rio Negro desde sua origem, em 1885, até os dias de hoje. Cabe agora entender como esse sentimento se concretiza na área de estudo.

1.2.3 Elementos sócio-culturais

Segundo Bonnemaïson (2002), o espaço vivido é o espaço cotidiano, ligado aos lugares e trajetos de uso comum de um grupo ou indivíduo. Para o autor, os geógrafos devem dedicar-se ao estudo da organização social e hierárquica e às funções políticas, sociais e econômicas da sociedade. Entretanto, devem também procurar “reencontrar os lugares onde se exprime a cultura e depois a espécie de relação secreta e emocional que liga os homens a sua terra e, no mesmo movimento, funda sua identidade cultural” (Idem, 2002, p. 103).

Foi a busca desta relação secreta e emocional que orientou a análise dos dados coletados durante a pesquisa de campo. Observa-se que a maioria dos entrevistados possui, além de uma relação de trabalho com as fazendas, um sentimento de posse da área. Não são

proprietários da terra, mas compartilham uma referência cultural, um conhecimento sobre o ambiente, uma intimidade com a natureza que os define como “rionegrans”. É o que Tuan (1974) chamou de topofilia.

Esta topofilia entre os rionegrans existe e é repassada de geração para geração à medida que as relações sociais e de trabalho se mantêm estáveis na região. Todavia, o que existe atualmente é uma intensa interferência que contribui com a transformação destas relações, o que pode vir a modificar o vínculo destas pessoas com a região. Este tema será tratado com maior profundidade mais adiante. É importante neste momento demonstrar que há ainda na região, proprietários e funcionários que possuem essa relação harmoniosa com o Pantanal.

O relato a seguir, demonstra a percepção espacial de uma pantaneira rionegrana. Para ela, o rio Negro é o próprio Pantanal, a impressão que dá é que para ela só a região de estudo é Pantanal, o restante é formado por fazendas comuns. Ela comenta ter trabalhado em outras fazendas (identificadas como fazendas localizadas no Pantanal), mas possui uma relação estreita de familiaridade somente com as fazendas do Rio Negro, o que ela chama de “fazendas do lado de cá”:

“Eu nunca gostei de outra fazenda, a não ser Pantanal. Eu fui depois que eu mudei pra lá uns tempo, umas fazenda que eu fui trabalhá pro lado de lá (próximo do Rio Aquidauana), e nunca acostumei mesmo, pra mim é o Pantanal. O dia que eu não for mais trabalhá, por exemplo, assim, vamo supor, chegô a hora que eu aposentei, que eu não vô mais trabalhá, eu vou trabalhá só pra cá mesmo. Nunca gostei de trabalhá pra lá. Acho tudo diferente, trabalho, tudo diferente (...) Pra mim Pantanal é diferente completamente do lado de lá” (Iracema, cozinheira, 52 anos).

Para uma das proprietárias entrevistadas, o pantaneiro rionegrano, assim como o taboquiano (da Região do Taboco) e o nhecolandense (da Região da Nhecolândia) costumam rodar as fazendas, mas sem sair de sua região, “como se as raízes deles estivessem ali” (Beatriz, proprietária, 62 anos). A Região do rio Negro é o espaço de vida e de cultura destes pantaneiros (tanto dos patrões quanto dos empregados), onde acontecem as relações sociais. É o espaço composto de símbolos que lhes confere identidade, uma identidade que é regional.

Essa identidade vem sendo construída ao longo dos anos através da transmissão de valores de pai para filho. Atualmente, duas gerações convivem nas fazendas da região: uma com pessoas acima de 45 anos, os chamados rionegrans, e outra com pessoas mais jovens, provenientes da cidade, que estão na fazenda devido à oportunidade de emprego,

por recomendação de algum parente ou similar. Os filhos e netos dos rionegrans não compartilham o mesmo espaço vivido, pois em sua maioria, estão trabalhando e construindo suas vidas na cidade. Ao mesmo tempo, essa geração mais nova que está no campo, tem incorporado muitos destes valores, mas não carrega consigo o sentimento de pertença à região, pois não possuem vínculo histórico com ela.

As transformações no espaço são muito rápidas, fazendo com que a região que é possível visualizar hoje, talvez não o seja daqui 30 anos. Entretanto, no presente momento, os rionegrans permanecem compondo o cenário pantaneiro e se distinguem dos demais pantaneiros.

O que diferencia o pantaneiro do rio Negro do pantaneiro do Taquari, por exemplo, não é o seu modo de vestir ou de falar, é um conjunto de símbolos que o faz ser parte daquele meio, são as relações entre as pessoas que estabelecem vínculos de afetividade com aquele espaço.

Há uma porção do Pantanal que confere identidade a um grupo específico de pessoas e estes laços com o espaço formam uma região. É o que ressalta Bezzi (2004) ao afirmar que a região materializa-se à medida que representa uma realidade vivida por uma coletividade. Para a autora, a cultura é o elo entre a “materialidade do espaço e as características da existência e consciência social” (p. 211) que fazem da região o espaço identitário de um grupo.

A identidade é debatida entre os geógrafos sob o aspecto do território, quando este é entendido como espaço vivido, como o vínculo afetivo e cultural com a terra que se materializa ao abranger um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários (BONNEMAISON, 2002, p. 99).

Seguindo esta abordagem, a região que se procura configurar neste trabalho, pode ser entendida como um território para alguns geógrafos, à medida que se considera região como espaço vivido. Sendo assim, a identidade territorial debatida entre os geógrafos que abordam a categoria território sob a ótica cultural, é a identidade regional debatida entre os geógrafos que abordam a categoria região. Ao final, todos estão se referindo a um aspecto comum: a identidade gerada em função da apropriação simbólico-cultural de uma porção do espaço.

A identidade territorial no Pantanal é um dos temas de estudo de Vargas (2006). Com base na obra de Haesbert (1999), a autora afirma que a identidade territorial está vinculada à relação de apropriação de idéias e material. Para ela, as identidades “se situam frente ou num espaço simbólico social e historicamente produzido” (VARGAS, 2006, p. 60).

Os rionegrans, assim se reconhecem, por terem uma identidade alicerçada na formação histórica da região, em consonância com a rede de relacionamentos entre padrões e empregados estabelecidas ao longo do tempo e ainda, explícita na intimidade que estas pessoas possuem com a área, constituindo um espaço simbólico único àqueles que ali habitam.

Mas essa identidade está susceptível às influências positivas e negativas do processo de globalização que o sistema capitalista alimenta, ao impor sua lógica econômica sobre as relações sociais e culturais nos mais distantes contextos. A necessidade das fazendas em serem mais produtivas e rentáveis justifica, para muitos proprietários rurais, a alteração no sistema de trabalho, que, como visto, é o alicerce das relações sociais no Pantanal. Desta forma, os elementos da cultura se transformam e podem se distanciar de suas características iniciais, que serviram de base para a formação identitária. A área que deu origem à região sempre existirá, mas a identidade que sustenta a região e a territorializa até os dias de hoje, pode vir a desaparecer.

Ao mesmo tempo, os rionegrans são coadjuvantes do processo de revisão do sistema produtivo por que a sociedade passa atualmente, haja vista a inconformidade do desenvolvimento praticado pelas sociedades humanas até o presente. O Pantanal é parte integrante do atual momento de valorização do campo, de retorno ao meio rural e preocupação com as questões ambientais. O fato de “ser pantaneiro” possui uma alta carga simbólica na atualidade, devido ao fato de a cultura pantaneira ser destaque no cenário internacional por sua singularidade (VARGAS, 2006, p.194), questão que vem sendo ainda mais intensificada com o incremento do turismo.

O vai e vem de turistas na região, imbuídos da consciência da necessidade de se estabelecer estratégias de desenvolvimento que reduzam os impactos negativos da produção capitalista, como o uso intensivo dos recursos naturais, a degradação da qualidade de vida, a subutilização do trabalho, a exclusão social, entre outros, imprime no imaginário coletivo a importância de o Pantanal conservar suas características sócio-culturais. Aqueles que estão de fora – os turistas reais ou potenciais – impõem ao Pantanal a condição de “preservado” para que possam usufruir seus atrativos naturais e culturais, hoje e no futuro.

De acordo com as modalidades identitárias de HALL observadas por Vargas, “a identidade pantaneira é difusa porque vem sendo apropriada e transformada (...). Mais que uma identidade, ser pantaneiro é uma marca mercadológica” (Ib., p.196-197). O simbolismo de ser “pantaneiro” e o uso deste símbolo pela mídia serão tratados com maior ênfase no próximo capítulo. O que se destaca neste momento é o fato de existir uma identidade

pantaneira e essa identidade ser ainda mais intensa na Região do rio Negro, ao dar uma dimensão territorial e uma dimensão social à região. O que a faz uma região, é a força de sua identidade.

Quando se propôs delimitar a região de estudo e reunir as fazendas com características comuns em uma única área, teve-se como base a percepção dos moradores das fazendas. Entretanto, há outras fazendas localizadas na microbacia do rio Negro e que, portanto, pertencem à “região” do rio Negro, entendida aqui como uma das subdivisões oficiais do Pantanal.

O nome “rio Negro” já faz parte do inconsciente coletivo daqueles que trabalham com o produto Pantanal, e está relacionado a superlativos como o “mais preservado”, o “mais belo”, o “verdadeiro Pantanal”. No universo do consumo, por que não dizer, o nome está relacionado ao “mais caro” e “mais exclusivo”, devido a fatores como distância das fazendas e custo com transporte, entre outros que serão apresentados adiante. O rio Negro transformou-se em uma marca, um sub-produto do Pantanal, objeto de desejo de consumidores interessados em adquirir um produto distinto dos demais. Estes consumidores não são apenas os turistas, mas também pesquisadores de diferentes áreas, investidores que desejam comprar terras no Pantanal, fotógrafos e representantes da mídia em geral.

As fazendas que estão localizadas na microbacia do rio Negro, e não necessariamente na região aqui apresentada, utilizam esta marca para promover seus negócios. Algumas estão realmente nas proximidades do rio e desfrutam da riqueza de ambientes aquáticos, outras estão um pouco mais distantes, mas fazem uso do nome e das imagens da mesma forma. No entanto, nenhuma tem a força do componente histórico que dá identidade à região.

1.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Buscou-se, sob o viés da Geografia Humanista e Cultural, definir e defender a existência da Região do rio Negro. Reconhecê-la no âmbito da Geografia é um grande passo no sentido de aproximar o conhecimento acadêmico do empírico. O exercício de definir e delimitar esta região levou ao entendimento da importância dos elementos históricos e sócio-culturais para a formação da identidade rionegrana. Seria difícil conduzir a análise sobre as transformações no cotidiano das mulheres do Pantanal do rio Negro neste início de século,

sem inicialmente compreender os elementos que caracterizam esta região e lhe conferem identidade.

Esta diferenciação geográfica e histórica que é percebida, transmitida e representada pelos rionegrans caracteriza uma regionalidade. Muitos geógrafos acreditaram no fim da região devido ao processo de globalização, defendendo que a expansão do capital mundial levaria à anulação das diferenciações regionais. Já para outros, a regionalização tem como característica a afirmação das diferenças frente à homogeneização do processo globalizante.

Isso justifica a importância de se compreender a região como uma reflexão política de base territorial, pois, conforme elucida Lecioni (2003), “a escala regional, como escala intermediária de análise, como mediação entre o singular e o universal, pode permitir revelar a espacialidade particular dos processos sociais globais” (p. 194).

O mercado do turismo no Pantanal demonstra conhecer a importância da valorização do singular dentro do universal quando utiliza o rio Negro como uma marca. As fazendas da região de estudo e outras localizadas na microbacia, usufruem do *status* mercadológico do rio para promover seus negócios e diferenciá-lo do produto oferecido pelo restante do Pantanal. Isso revela que a conservação dos patrimônios natural e cultural da região tem um viés mercadológico, mas essa visão não é necessariamente compartilhada por todos os funcionários e proprietários das fazendas.

A percepção da existência desta região só foi possível devido às redes de relacionamentos formadas pelos rionegrans. A mobilidade dos pantaneiros entre as fazendas demonstra o vínculo que possuem com a área. O fato de as fazendas estarem sendo divididas e/ou vendidas para pessoas de fora, não significa que esse sentimento de pertença esteja mudando. O que se observa é que mesmo com a introdução de novos proprietários, as pessoas continuam trabalhando nas fazendas, pois sua permanência na região está relacionada à oferta de trabalho, às relações de parentesco e compadrio e o vínculo com a região.

Entretanto, os filhos daqueles que habitam a região hoje, não estão junto dos pais compartilhando o mesmo espaço vivido. A tendência é que à medida que se renovam as gerações de proprietários e funcionários, a dinâmica das relações interpessoais e com o meio se transformem, o que pode levar à desconfiguração da Região do rio Negro.

Paralelo a isso, como será abordado no próximo capítulo, o turismo, com uma roupagem conservacionista, desenvolve territorialidade em algumas fazendas da região e pode vir a frear esse processo. A intenção dos proprietários que apostam na atividade é manter uma “autenticidade” de tal forma que o turista, ao entrar em contato com a comunidade local,

tenha um contato com o real e não com uma representação do real. Para tal, entendem que é necessário manter trabalhando nas fazendas as pessoas que possuem vínculo com a região.

A valorização da cultura indica o cuidado pela conservação dos elementos identitários que alicerçam a Região do rio Negro, mas não significa que as pessoas envolvidas estejam isoladas de influências externas ou alheias ao processo globalizante, nem que estejam, da mesma forma que os proprietários, engajadas no movimento conservacionista.

Este trabalho busca averiguar de que forma a introdução do turismo influencia no cotidiano das fazendas, nas relações sociais e de trabalho entre proprietários e empregados, e se o vínculo afetivo com a região se conserva, se transforma ou se extingue com a alteração do modo de vida e das relações de trabalho. Para atingir este objetivo, cabe agora compreender as relações que se dão neste espaço, as forças que agem sobre ele e a percepção das pessoas em relação ao espaço vivido.

2 O TURISMO NO PANTANAL DO RIO NEGRO

Apesar de ser ainda bastante isolado em comparação a outras áreas rurais brasileiras, o Pantanal sempre recebeu influências externas e estas vêm se intensificando à medida que o acesso aos meios de comunicação e às cidades é facilitado. Os costumes e valores compartilhados pelos moradores das fazendas tendem a se transformar e alterar a forma das pessoas relacionarem-se entre si e com o meio.

Pessoas e objetos estão em crescente mobilidade, seja devido a fluxos migratórios ou devido a viagens turísticas. Este fato vem sendo analisado como um dos elementos que tem contribuído com a crescente inserção das referências globais¹⁷ no meio rural. A globalização leva, em geral, à diluição dos limites e à desterritorialização das culturas, de forma que os grupos sociais partilhem de um imaginário coletivo comum (ORTIZ, 1996, p. 14), estejam eles localizados em núcleos urbanos ou em lugares isolados. Com o movimento do turismo é inevitável que turistas influenciem e sejam influenciados pelas comunidades locais receptoras, afinal, o intercâmbio cultural é um dos principais estímulos ao deslocamento de pessoas pelo mundo. Conforme afirma Ortiz (1996), o viajante está em contínua busca por lugares e hábitos culturais que se diferenciam do seu usual, pois “deslocar-se significa tomar conhecimento daqueles que se diferem de um *nós*” (p. 5).

Apesar deste caráter social presente no movimento de pessoas entre pontos heterogêneos e desconexos do mundo, o que mais se destaca no relacionamento entre visitantes e visitados no meio rural é a diferença de objetivos na prática turística: os turistas, que procuram o contato com o espaço natural, se defrontam com aqueles que buscam, através do turismo, participar do mercado e melhorar suas condições de vida no campo. Enquanto uns buscam liberdade e prazer, os outros devem trabalhar para proporcionar essas sensações ao cliente, configurando assim, a base da prática comercial do turismo no meio rural.

Muitas vezes, a atividade turística é entendida como uma atividade sustentável para as comunidades rurais, quando realizada de maneira endógena, participativa, valorizando e contribuindo com a manutenção dos elementos da cultura local¹⁸. Outras vezes é vista como mais um mecanismo de exploração capitalista que visa a obtenção de lucro e a manutenção do

¹⁷ Quando se refere a “global” neste trabalho, tem-se como referência a obra de Urry & Rojek (1997) que consideram o turista como parte dos fluxos constantes em escala global.

¹⁸ Cf. LUCHIARI, 2002.

poder dos mais fortes - os proprietários rurais, que continuam o processo de exploração dos elementos naturais e da mão de obra local, a fim de acumular mais riqueza¹⁹.

Este capítulo tem o objetivo de evidenciar como o turismo ocorre no Pantanal do rio Negro. Mostrar que, para os que promovem o turismo na região, a intenção é a manutenção da propriedade da terra e, para isso, buscam valorizar os elementos históricos e sócio-culturais que configuram a região, a fim de incrementar seu produto para sobreviver à sazonalidade da atividade e à concorrência, bem como diferenciar-se dos demais destinos turísticos do mundo e dos outros “pantanais”. Como estratégia, mantêm uma capacidade pequena de acomodação e são contra a melhoria das estradas de acesso, oferecendo assim, um produto acessível somente a um público de maior poder aquisitivo, que pode pagar pelo acesso em pequenas aeronaves e pela exclusividade dos serviços hoteleiros e de lazer.

A beleza natural é, sem dúvida, o maior diferencial das fazendas da região (ver Figura 6), entretanto, uma pesquisa realizada em 2002 demonstrou que o relacionamento interpessoal em uma fazenda da região, isto é, o contato dos visitantes com os proprietários e funcionários da fazenda, figura como importância tão grande quanto a natureza, demonstrando que a satisfação dos visitantes se deve também ao relacionamento estabelecido com a população local²⁰.



Figura 6: Região do rio Negro é a mais bela do Pantanal. In: PANTANAL – o último éden. Revista Próxima Viagem, ano 9, n. 977. nov. 2007, p.26.

As mulheres exercem um importante papel na percepção dos hóspedes em relação ao modo de vida no Pantanal, pois são elas que desempenham as atividades de manutenção das áreas comuns e privativas e preparam as refeições, fatores essenciais para a

¹⁹ Cf. RODRIGUES, 1997.

²⁰ Cf. BARROS e HARTENTHAL, 2003.

hospitalidade nesse tipo de serviço. Devido à presença delas nas fazendas, os viajantes têm uma vivência cultural mais completa, pois além de estarem no campo juntamente com os peões, os turistas podem desfrutar do ambiente aconchegante que as mulheres promovem nas pousadas, “experimentando” o Pantanal através da gastronomia e não somente através da visualização da natureza.

Para investigar o papel, o lugar, a realidade das mulheres pantaneiras que trabalham com o turismo no Pantanal do rio Negro é preciso entender como se processa a territorialidade do turismo nesta área, de que forma ele influencia as relações que se dão neste espaço e de que maneira as mulheres e o meio reagem a isso.

Para atingir este objetivo, o presente capítulo inicia com uma revisão teórica sobre o conceito de território e territorialidade na Geografia, procurando encontrar o possível diálogo entre a teoria e a realidade que a pesquisa busca estabelecer. Em seguida, serão apresentados os elementos que configuram o território pantaneiro no presente, as principais ameaças ao equilíbrio ambiental e as reações da sociedade diante destas pressões. Serão descritas as estruturas física e humana das fazendas que trabalham com turismo na Região do rio Negro, bem como a maneira como utilizam o patrimônio natural e cultural para obter lucro.

2.1 TEORIAS DO TERRITÓRIO E DA TERRITORIALIDADE

O conceito de território é bastante antigo e acompanha as transformações que a Geografia tem experimentado ao longo do tempo. Os ensaios para definir o território variam da abordagem físico-natural até a sócio-cultural, podendo assimilar um caráter mais político e/ou econômico, oferecendo um leque de possibilidades de investigação aos pesquisadores que buscam compreendê-lo.

O alemão Friederich Ratzel, precursor na sobre o território com base na antropogeografia, essencialmente fixado no referencial político do Estado (SOUZA, 2006, p. 85), atrelava o território ao conceito de poder, pois este seria necessário para o controle territorial. O território seria ainda, “um espaço concreto determinado pelo solo apropriado por um grupo e formador de sua identidade cultural” (RATZEL, *apud* Silva, 2000, p. 18). Em Ratzel, o conceito de território não se diferencia muito do de solo, à medida que desvincula do território a sua história, a afetividade e a identificação dando ênfase à materialidade (SOUZA, 2006, p. 85).

As reflexões deste geógrafo na formulação do conceito de território influenciaram o pensamento dos geógrafos políticos até o período entre as grandes guerras mundiais. Ratzel e seu conterrâneo, Richard Hartshorne, dedicados ao estudo do espaço, são representantes da chamada Geografia Tradicional, que desenvolveu com mais ênfase os conceitos de paisagem e região, através dos quais se buscou discutir o objeto da Geografia e sua identidade diante das demais ciências. Estes conceitos caracterizaram a Geografia entre 1870 e 1950, quando uma revolução teórica-quantitativa atingiu a ciência como um todo (CORRÊA, 1997). Neste período da história, o conceito de território entrou em declínio em função das críticas mundiais às políticas expansionistas alemãs e a Geografia deu vazão ao estudo do espaço, este considerado a matriz do estudo geográfico.

A partir de 1970, o método materialista histórico e dialético, que fundamenta o marxismo, propiciou a formação da Geografia Crítica que, como o próprio nome diz, foi resultante de críticas aos conceitos geográficos anteriores. A discussão sobre o território ganhou importância novamente ao ser desvinculado unicamente do espaço de ação do Estado, mas também considerado como espaço social, onde ocorre a manifestação de poder de cada um sobre uma área.

A interdisciplinaridade do debate a respeito do território na atualidade permite que sua definição seja orientada através de diferentes recortes temáticos: econômico, político, social e simbólico-cultural (HAESBAERT, 2006b, p. 177). Na Geografia contemporânea, o território é abordado de uma forma mais abrangente, sem necessariamente vinculá-lo ao Estado, recebendo na Geografia Humanista a associação a outros conceitos desta ciência como “lugar”, “região” e “espaço vivido” (SILVA, 2002, p. 19). A Geografia se desenvolveu neste período porque as demais ciências, econômica e social, se enriqueceram de novos conceitos, permitindo que a Geografia repensasse o estudo do espaço, considerando a estrutura das relações sociais, os fluxos econômicos, os modos de produção e ainda o fato cultural (BONNEMAISON, 2002, p. 85).

Fundamentalmente, o território é um espaço quase sempre estabelecido e demarcado por e a partir de relações de poder. Entretanto, o importante é compreender quem domina ou influencia e como domina ou influencia esse espaço (SOUZA, 2006, p.79), isto é, que atores promovem e/ou sofrem a territorialização de cada espaço, se é que já não estejam desterritorializados ou passando por um processo de re-territorialização.

A complexidade deste debate se deve ao fato de toda sociedade e espaço social serem indissociáveis na medida em que toda sociedade está espacializada e, como tal, territorializada. Portanto, “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a

sociedade sem ao mesmo tempo inserí-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’” (HAESBAERT, 2006a, p. 20).

Muitas vezes se utiliza o termo território como sinônimo de dimensão material da realidade. Para os geógrafos da linha materialista dialética que incorporam a dimensão sócio-histórica no debate sobre o território (RAFFESTIN, 1993; SACK 1986; SOJA, 1993), este não se restringe a uma relação de poder, ele inclui a própria natureza econômica e simbólica do poder.

Um dos conceitos mais utilizados sobre território é o construído por Claude Raffestin, que afirma que o espaço é anterior ao território, ele se forma a partir do espaço, é algo produzido sobre um espaço pré existente. Para este geógrafo, “ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Esta territorialização é fruto do trabalho, da ação do Homem, que direta ou indiretamente revela relações marcadas pelo poder. Raffestin defende que o território é um conjunto de relações sociais, de relações de poder e de dominação, o que leva à cristalização de territorialidades no espaço.

Entre os materialistas dialéticos, Robert Sack (1986) adverte para o fato de que nem toda relação de poder é ‘territorial’ ou inclui uma territorialidade. Também contribui com o debate ao reconhecer a dimensão cultural da territorialidade, isto é, o modo como as pessoas dão significado ao lugar. (HAESBAERT, 2006a, p. 86).

Em relação aos limites do território, Sack afirma que o controle sobre o acesso ao território pode ser físico, mas também simbólico, por aceitação ou negação afetiva e/ou existencial. O território não precisa necessariamente ser demarcado, porém implica a noção de limite, seja este limite físico ou simbólico. Silva (2002), com base na produção de Sack, salienta que os limites, da mesma forma que podem excluir, podem ser usados para “dividir e subjugar, ou até para conquistar grupos diferentes” (SACK, *apud* Silva, 2002, p. 23). Desta forma o território pode ser controlado por aqueles que estão fora dos limites dele. Por isso o limite, físico ou simbólico, é “essencial para a existência do território, como também o são o espaço e as relações de poder”. (Idem, p. 23).

O território surge então com o objetivo de gerar algum tipo de padronização e classificação, afinal, aqueles que estão no interior do território, se diferenciam de alguma forma dos que estão fora dele. Rogério Haesbaert (2006a) considera que “toda relação de poder espacialmente mediada é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa, e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica indivíduos e os grupos sociais” (p. 89).

A esta identidade territorial, aos componentes naturais, culturais, históricos e econômicos que definem um território, os geógrafos têm chamado de territorialidade. Apesar de ser um conceito ainda em construção, Sack define a territorialidade como “a tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, pela delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica” (SACK *apud* Haesbaert, 2006a, p. 87). A territorialidade, assim como as identidades territoriais, “é um recurso estratégico que pode ser mobilizado de acordo com o grupo social e seu contexto histórico e geográfico” (HAESBAERT, 2006a, p. 87).

Uma vez que a territorialidade é formada por estratégias que visam a delimitação e manutenção do território a partir de iniciativas individuais ou de grupos (SILVA, 2002, p. 17), é possível afirmar que o turismo exerce uma territorialidade na Região do rio Negro, afinal, é visto pelos proprietários pantaneiros, antes de tudo, como uma alternativa econômica, uma busca pela manutenção da propriedade da terra. Além disso, a cultura, a tradição e a história intermediam a mudança econômica e também o modo como as pessoas e os lugares estão ligados e o modo como elas valorizam a área.

O turismo desenvolve uma territorialidade na região à medida que impõe regras à sociedade local. Entre elas, pode-se citar a alteração no modo de trabalho dos empregados das fazendas, como o caso do vaqueiro que passa a trabalhar como guia; a alteração no calendário de trabalho, à medida que feriados e domingos deixaram de ser dias em que os funcionários tinham maior liberdade para dedicar-se a atividades de lazer e passaram a ser dias normais de atendimento ao turista; alterações nas características valorizadas nos prestadores de serviço, pois não basta entender de pecuária, é preciso saber pilotar barcos. Estes exemplos sobre o universo do trabalho masculino nas fazendas e outros referente às mulheres, serão melhores descritos neste capítulo e demonstram as influências da nova atividade econômica sobre os hábitos de vida da população pantaneira.

Para melhor compreender a territorialidade do turismo na área de estudo, faz-se necessário antes, descrever a conformação territorial do Pantanal do rio Negro e revelar as práticas econômicas e ações ambientais que coexistem nesta região.

2.2 A CONFORMAÇÃO TERRITORIAL DO PANTANAL

Sobre a Região do rio Negro, identificam-se diferentes territórios exercendo inúmeras territorialidades. Como o objeto deste trabalho está relacionado à territorialidade do

turismo, as próximas páginas estão dedicadas à descrição da formação e transformação da estrutura das fazendas no Pantanal, para compreender a opção dos atuais proprietários rurais da Região do rio Negro em promover o turismo como alternativa econômica à pecuária. Apresentam-se também as principais ameaças ao equilíbrio ambiental do Pantanal no presente, decorrentes da alteração nas práticas de manejo do solo e de pressões econômicas externas. São realçadas diferentes iniciativas públicas e privadas que visam contribuir com a conservação da Região do rio Negro, para poder enfim, compreender as relações de poder que sustentam a territorialidade do turismo na área de estudo.

2.2.1 A pecuária bovina no Pantanal

O Pantanal foi uma região importante de caça e pesca para várias tribos indígenas como os Guató, Kadiwéu, Terena, que ainda vivem no Pantanal ou no seu entorno, e sobrevivem da agricultura, coleta de recursos naturais e comércio relacionado ao artesanato e à produção de produtos nativos. Entretanto, foi a partir do século XVIII, com a decadência das minas de ouro de Cuiabá e o interesse do governo em ocupar a região e demarcar a fronteira com o Paraguai, que teve início o processo de ocupação do Pantanal pelas fazendas de gado (NOGUEIRA, 2002, p.43).

Neste período, o governo efetivou um programa de concessão de sesmarias a posseiros que se comprometessem em defender o território dos ataques de índios e da invasão paraguaia. Grandes extensões de terras foram apropriadas por esses posseiros, atingindo tamanhos descomunais como o caso da fazenda Jacobina, que chegou a abranger mais de um milhão de hectares.

Em 1850, a Lei de Terras instituiu a propriedade privada da terra, legitimando as fazendas que possuíam títulos de posse. Esta disposição fez com que as áreas habitadas por indígenas ou posseiros que não tinham o poder de compra, ou de fraudar a compra, fossem destituídas pelo império ou anexadas às fazendas vizinhas, de acordo com os interesses da época. Esta medida agravou-se no período republicano, quando o direito à concessão de terras foi transferido para os estados, fortalecendo o poder da classe dominante sobre a terra e fundamentando as relações sociais do campo no paternalismo, características que compõem o cenário pantaneiro até os dias de hoje (BANDUCCI JR., 2005).

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, recursos naturais como minérios, borracha e erva-mate foram extraídos das propriedades pantaneiras, mas foi a pecuária extensiva de corte a economia que mais cresceu. Rebanhos viajaram do interior de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul em direção ao Mato Grosso, adentrando ao Pantanal e

estabelecendo rotas comerciais. Também chegaram pelo lado oeste, provenientes do Paraguai, acompanhando os migrantes paraguaios que fugiam das dificuldades encontradas em seu país depois da guerra. Além de contribuir com o processo de ocupação, estas correntes migratórias foram responsáveis pela constituição dos elementos base que compõem a cultura e a sociedade pantaneira²¹.

A escolha em desenvolver a pecuária na região deu-se, principalmente, devido à fácil adaptação dos animais ao clima, permitindo que nos locais mais isolados do Pantanal, fosse possível formar fazendas. Além disso, a qualidade do pasto nativo era uma garantia de que os animais teriam comida o ano todo.

Durante todo o século XIX, o homem que habitava o Pantanal aprendeu a conviver com o isolamento, com as adversidades ambientais e a administrar seus negócios através da criação e do comércio de gado. Isto lhe deu confiança para conquistar grandes latifúndios e possibilitou o modelo de pecuária extensiva, que acabou se tornando, então, a principal atividade econômica no Pantanal.

Para Nogueira (1990), o Pantanal constitui um dos maiores impérios de fazendas do Brasil devido à extensão das propriedades “algumas delas com superfícies igual a de pequenos países europeus” (p. 43). A pecuária bovina e, mais recentemente, a criação do cavalo pantaneiro, uma raça formada pela adaptação gradativa de outras raças aos campos inundáveis do Pantanal, são as atividades que dão uso às extensas áreas de propriedade particular, administradas pelos donos das terras sob um regime tradicional ou, na sua ausência, por um gerente ou capataz.

Não há comprovação científica a respeito, mas, para muitos, o sistema de latifúndio foi um dos responsáveis pelo atual estado de conservação da fauna e da flora do Pantanal, pois, como dito, as terras de grandes extensões, ricas em pasto nativo, sempre atenderam às necessidades de alimentação do gado, tornando desnecessário o desmatamento de florestas. Da mesma forma, os animais selvagens nunca ofereceram ameaças ao desenvolvimento da economia, a exceção da onça-pintada²², fazendo com que a caça fosse

²¹ Banducci Jr. (2005) alerta para o fato de que os migrantes carregaram consigo para o Pantanal, não apenas os rebanhos bovinos, mas também “os desequilíbrios inerentes ao regime pastoril” e reproduziram na região “as contradições e desigualdades próprias da estrutura fundiária do País” (p. 25), referindo-se ao fato de a troca de favores e o regime de patronato ser o fundamento das relações sociais no Pantanal.

²² A onça-pintada é o maior predador do Pantanal. No passado, era comum entre os fazendeiros a caça deste felino, sempre que fosse identificada uma ameaça ao rebanho bovino. Atualmente, diferentes projetos de conservação deste animal inibem a caça predatória como é o caso do Pró-carnívoros que busca identificar os fatores que predis põem animais à predação e apresenta métodos preventivos que podem ser implementados, visando minimizar os impactos da predação. In: www.procarnivoros.org.br.

limitada à subsistência e não ao controle de pragas. Ainda é comum em algumas fazendas o consumo da carne do porco monteiro, do jacaré e do tatu, além da matança de cobras que sempre são exterminadas quando avistadas, mas a consciência sobre a conservação da vida selvagem está aumentando entre os proprietários e funcionários, o que leva à redução progressiva da caça no Pantanal. Conforme esclarece o comentário de um dos entrevistados para esta pesquisa: “pra que que nós vai matá capivara si tem vaca a vontade?” (Cláudio, 63 anos, serviços gerais).

A história da ocupação da Região do rio Negro é parte da história contada por José de Barros Netto (1979), em seu livro dedicado à Nhecolândia, sub-região do Pantanal. O autor descreve o processo de formação do patrimônio de Nheco - por isso o nome Nhecolândia - que, segundo um dos entrevistados, era compadre de Ciryaco Rondon, citado no capítulo anterior como pioneiro da ocupação da Região.

Atualmente, mais de 95% do Pantanal brasileiro consistem em fazendas de gado que suportam uma população de 4.5 milhões de cabeças. A população humana é de apenas 81.200, ou seja, uma pessoa para 55 reses²³. Esta baixa ocupação humana é reflexo da estrutura fundiária do passado e, ao mesmo tempo, revela porque o Pantanal tem sido reconhecido pelo baixo índice de ação antrópica em debates sobre meio ambiente, conforme será visto adiante.

2.2.2 Os habitantes do Pantanal da pecuária

Atualmente, uma grande quantidade de fazendas pantaneiras possui energia elétrica e telefone, o que tem facilitado o acesso à informação e a comunicação dos que estão na fazenda com os que ficaram na cidade. Aparelhos eletrônicos como televisão, DVD e telefone celular fazem parte do cotidiano das famílias da região, assim como o refrigeração de insumos em geladeiras e o uso do ventilador e até mesmo ar condicionado, utensílios que deram maior conforto aos que habitam as fazendas, ao mesmo tempo que os aproximou ao modo de vida da cidade.

A composição social nas fazendas de gado, tradicionalmente, engloba os proprietários das terras, seus funcionários e familiares, sendo estes subordinados àqueles. Os empregados são divididos por funções de acordo com a necessidade da fazenda. Os homens trabalham como peões de campo, tratoristas, empreiteiros, roceiros, praiheiros, comandados

²³ In: EARTHWATCH INSITITUTE. Relatório Annual 2004 – Centro de Pesquisa e Conservação do Pantanal -. Disponível em <http://www.earthwatch.org/site/pp.asp?c=dsJSK6PFJnH&b=1574583>

pelo proprietário diretamente, ou por um capataz, o qual é responsável pela fazenda na ausência do patrão. As mulheres são esposas, donas de casa que cuidam dos filhos e da criação de animais domésticos. Algumas mantêm uma relação de trabalho com a fazenda quando são contratadas para serviços domésticos na casa-sede, ou cozinhar e lavar roupas para os peões solteiros, mas a maioria se ocupa exclusivamente das atividades do lar e, para ajudar na renda familiar, realizam trabalhos manuais, produzem queijos e doces para vender.

O antropólogo Banducci Jr. (1995) descreve as relações sociais em fazendas tradicionais de pecuária e ressalta o fato de que além de trabalharem, estas pessoas moram nas fazendas, permanecem à disposição da propriedade sempre que necessário (p. 77). Costumam ocupar seu tempo livre com atividades ligadas ao trabalho como fazer um laço de couro, no universo masculino. As opções de lazer nas fazendas são variadas como jogar futebol, passar o dia em outra fazenda ou na beira do rio pescando, porém, para a maioria das vezes, são atividades secundárias às atividades demandadas pela fazenda, pois muitos vaqueiros preferem passar o dia de folga domando um cavalo, o que lhes dará uma renda extra, a ir visitar um parente em uma fazenda vizinha. Da mesma forma, as mulheres que possuem contrato de trabalho com as fazendas, tendem a investir seu tempo livre na criação de galinhas ou produção de artesanato, mesmo durante a noite, quando estão sentadas em frente à televisão acompanhando novelas, pois são atividades que lhes dará um retorno financeiro.

De acordo com o autor, a pecuária é mais que uma simples atividade econômica no Pantanal, é a mantenedora de um conjunto de características peculiares ao ambiente rural pantaneiro, que garantem uma identidade própria aos que habitam a área. A estrutura física e humana das fazendas de gado, as relações sociais existentes e a representação de mundo dos habitantes do Pantanal são os elementos base da cultura pantaneira.

O pesquisador alerta para dois fatores que estariam modificando as relações trabalhistas no Pantanal e, portanto, influenciando na forma como estas pessoas se relacionam com o meio: a alteração na legislação trabalhista em 1960, que trouxe normas capitalistas para o trabalho de campo, estabelecendo o salário mínimo rural, o recolhimento de imposto sobre a prestação de serviços e demais questões que vieram a aumentar os custos das fazendas ao mesmo tempo que garantir direitos ao trabalhador rural. Isso veio a refletir na redução do número de empregados nas fazendas e reforçou na relação patrão x empregado a lógica do contrato capitalista. Antigamente, as relações de trabalho, pautadas no direito costumeiro, assentadas em parâmetros como o de confiança e lealdade, poderiam resultar em retribuições

na forma de reses, cavalos, madeira para construção da casa na cidade e até mesmo porções de terra no caso de empregados mais antigos.

A segunda questão é a constante divisão das terras através de herança ou venda que reduz o tamanho das propriedades e conseqüentemente a quantidade de empregados por fazenda. Os empregados, neste contexto, precisam abdicar de algumas atividades que faziam parte da vida na fazenda, principalmente aquelas ligadas ao convívio social, para atender a todas as demandas de trabalho. Isso é o que vem acontecendo ainda mais fortemente nas fazendas que atuam com turismo, onde o ritmo de trabalho adquire outras proporções, conforme será visto adiante.

2.2.3 Ameaças à conservação do Pantanal

Um estudo do Ministério do Meio Ambiente realizado em 2006 (Figura 7) revelou que o Pantanal é o ecossistema que mantém as vegetações nativas mais preservadas do país. Isto se deve, principalmente, à ocupação latifundiária da área, conforme visto anteriormente. Entretanto, esse quadro está mudando. Acredita-se que, no passado, quando a pecuária era mais rentável, possuir grandes propriedades contribuía com a manutenção das áreas naturais, evitando o desmatamento. Porém, atualmente, devido ao crescente comércio de terras e divisões feitas em função de heranças, as fazendas sofreram reduções progressivas de tamanho. A rentabilidade com a produção de gado em propriedades cada vez menores passou a exigir mais da terra, desencadeando um processo de aumento do desmatamento, introdução de espécies exóticas de pastagens e a busca por alternativas econômicas para o uso desta terra.

Além do desmatamento gerado pela necessidade dos proprietários em aumentar a produtividade da terra, a prática de queimadas para a renovação do pasto exótico é um problema. Se realizada por pessoas que não conhecem as especificidades do Pantanal, pode tomar proporções maiores que a esperada. O manejo do fogo é uma habilidade tradicional do homem pantaneiro, sempre foi praticado para a limpeza dos campos e realizado com base no conhecimento empírico sobre o período do ano ideal e o tipo de acero, detalhes de extrema relevância para que se tenha controle sobre o fogo. O perigo na atualidade é que há pessoas sem conhecimento prático sobre manejo do fogo trabalhando nas fazendas e também, o fato de os campos das fazendas estarem cada vez maiores devido ao desmatamento, o que faz com que a área queimada seja maior.



Figura 7: Pantanal como ecossistema mais preservado do Brasil. In: ONDE a Mata foi Preservada. Revista Veja, edição 1990. 10 jan. 2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/100107/holofote.html>. Acesso em 15 mai. 2007.

Como consequência do desmatamento, as fazendas estão aproveitando as árvores derrubadas para a instalação de carvoarias. Esta prática vem sendo difundida entre os proprietários rurais devido à relativamente alta rentabilidade da produção de carvão, uma atividade que tem movimentado a economia do Pantanal nos últimos anos. Em muitos casos, empresas especializadas na produção de carvão, com pessoal e equipamentos específicos para desmate, realizam o trabalho gratuitamente em fazendas pantaneiras, se, em troca, o proprietário da terra entregar toda a madeira extraída. Desta forma, as carvoarias reduzem o custo para aquisição da matéria prima e os fazendeiros se livram dos entulhos de madeira gerados com desmatamento.

Esta situação deve ser ainda mais agravada no futuro devido às licenças concedidas pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente a favor da instalação de um pólo siderúrgico no município de Corumbá/MS, localizado dentro do Pantanal, à margem do Rio Paraguai. Denúncias a respeito da extração ilegal de madeira no Cerrado e no Pantanal para alimentar a produção siderúrgica são manchetes nos veículos de comunicação nacionais e internacionais e têm gerado grande preocupação da comunidade ambientalista²⁴.

Outra alternativa de alto impacto ambiental é a produção de cana-de-açúcar no Planalto Ocidental Brasileiro (serra de Maracaju), que margeia o Pantanal²⁵. Planalto este que compõe a Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai, onde estão as nascentes dos rios que alimentam o Pantanal. As terras, que já estavam sendo utilizadas de maneira intensiva para o cultivo de grãos de soja desde a década de 1970 e geravam críticas de ambientalistas devido ao intenso uso de agrotóxicos e constante desmatamento, atualmente estão voltadas para a

²⁴ In: GERAQUE, Eduardo. Carvão vegetal para siderurgia ameaça o Pantanal, diz FGV. **Folha de São Paulo**, Caderno Ciência. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0902200801.htm>>. Acesso em 09/02/2008.

²⁵ In: CORRÊA, Hudson. Deputados ampliam usinas no Pantanal. **Folha de São Paulo**, Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2012200629.htm>. Acesso em 10/06/2007.

produção de cana de açúcar a fim de abastecer o mercado crescente de biodiesel. O governo tem imposto regras e busca normatizar a produção de cana e seu uso nas usinas de álcool, porém, se não fiscalizar com periodicidade, a tendência é que haja aumento do desmatamento e contaminação na área.

Segundo os ambientalistas, uma das maiores ameaças ao equilíbrio ambiental do Pantanal é o projeto “Hidrovia Paraguai-Paraná” que pretende tornar o rio Paraguai navegável durante o ano todo, viabilizando o escoamento da produção de grãos, minérios e agora, biodiesel, do interior do continente para o Oceano Atlântico. Para isto é necessário dragar o leito do rio Paraguai, torná-lo mais profundo, desobstruindo o canal que atualmente possui grandes bancos de areia que impedem o tráfego hidroviário na estação seca. Esta obra é de alto interesse econômico, pois levará à redução dos custos de transporte das mercadorias, entretanto é de alto custo ambiental à medida que impactará negativamente o ciclo de enchentes do Pantanal: as terras mais próximas das serras não sofrerão mais a inundação, fazendo com que todo o ambiente seja alterado²⁶. Empresas de capital nacional e internacional, com apoio de representantes no legislativo federal, são as principais interessadas na obra.

Todas estas ameaças fazem parte ou refletem no cotidiano das fazendas da Região do rio Negro. Observa-se que para os proprietários que buscam alternativas para a manutenção do patrimônio, o plantio de pastos exóticos é a alternativa mais usada. O desmatamento das fazendas na planície, em paralelo ao desmatamento ainda mais agressivo na cabeceira do rio Negro, tem acelerado o processo de sedimentação na área. Reflexo disto é a dificuldade cada vez maior de navegar pelo rio e a constatação de que as secas estão cada vez mais intensas, maltratando toda a biota.

Há resistência dos proprietários mais antigos da região de estudo em alterar a composição dos seus campos. Primeiro, porque isso tem um alto custo: desmatar e plantar pasto exótico possui um alto investimento. Segundo, porque uma prática ainda rentável para pecuaristas é o que eles chamam de “cria e recria” de bovinos. Os animais nascem no Pantanal e permanecem junto das mães durante o período de amamentação (cria), em seguida são separados por sexo até que atinjam três ou quatro anos de idade (recria), quando os machos serão transportados para uma fazenda fora do Pantanal onde deverão engordar e as fêmeas deverão ser fecundadas para aumentar a produção da fazenda. O proprietário rural que possui fazenda em ambas as localidades (planalto e planície) tem conseguido lucrar com a

In: HUSZAR, P., *et al.* **Realidade ou Ficção: Uma revisão dos estudos oficiais da Hidrovia Paraguai-Paraná.** Toronto: WWF, 1999.

pecuária. Já os pantaneiros que não possuem terras no planalto, optam por arrendar suas fazendas para proprietários de fora, que utilizarão o Pantanal como berçário de sua produção bovina. O arrendamento da terra permite que os proprietários mantenham a posse de suas fazendas, enquanto a economia não lhes é rentável. Porém, há muitos que desistiram de investir no Pantanal e venderam suas propriedades para vizinhos ou pessoas de fora.

Essa inclusão de “não-pantaneiros” no Pantanal pode ser vista de duas perspectivas: positiva, se a compra da terra se der pelo valor simbólico que ela representa, quando o investidor está imbuído do ideal de conservação e entende que adquirir um pedaço do Pantanal é poder contribuir com a preservação do que é considerado Reserva da Biosfera pela Unesco. Há alguns “não pantaneiros” na região de estudo que buscam manter as práticas tradicionais de pecuária, mesmo não obtendo lucro com a terra, pois mantêm, com a fazenda, um ideal simbólico que é maior que o ideal econômico. O viés negativo é quando o investidor é desprovido de laços afetivos com a terra e tende a praticar ações danosas ao ambiente como o desmatamento e plantio de pasto exótico para aumento da área pastável, no intuito de transformar a pecuária em um negócio rentável. E é justamente esta rentabilidade da terra a maior preocupação dos fazendeiros do Pantanal no momento.

A pecuária no Pantanal passa por uma crise que foi deflagrada pela intensiva redução das fazendas em função da divisão por herança, o que diminuiu o volume de produção das fazendas. Além disso, a baixa no valor pago pelos animais devido à distância dos grandes centros e o alto custo na inclusão de algumas tecnologias no sistema produtivo, como o rastreamento dos animais por satélite, no intuito de atender às demandas do mercado, contribuíram com a redução da lucratividade dos fazendeiros.

A dificuldade em manter as propriedades rurais rentáveis tem levado os fazendeiros a abandonarem suas terras e, junto com elas, dois séculos de convívio com a natureza e construção de uma identidade. Entretanto, identifica-se na região de estudo um movimento de resistência a esta crise. Pode-se afirmar que a força da relação existente entre rionegrans e a sua região promoveu reações endógenas de cunho conservacionista.

2.2.4 As tentativas de conservação do ambiente e valorização da cultura no Pantanal do rio Negro

Conforme visto no capítulo anterior, os alagados que se formam no momento em que o rio Negro adentra a planície pantaneira e quando o mesmo está próximo de desembocar no rio Paraguai, limitam a navegação, impossibilitando que o rio seja usado por barcos vindos de outros rios. Os barcos que navegam o rio Negro são de propriedade das

fazendas que o margeiam, não havendo uso do rio por pessoas de fora da área. É importante salientar que, até o final da década de 1980, as fazendas estavam voltadas para a pecuária e, portanto, para a exploração do campo, deixando o uso do rio para atividades de lazer como banho e pesca artesanal nos finais de semana.

Com o advento do turismo no Pantanal, em especial, o turismo de pesca, as fazendas passaram a usar o rio com mais frequência, gerando preocupação e até mesmo irritação nos proprietários que não queriam ter movimento de barcos e pescadores na porta de suas casas. O que se observa é que estes proprietários buscam manter o caráter privativo do rio: a sensação de que o rio é deles, em desconformidade com a Constituição Federal, Art.20, II, que diz que são bens da União os

lagos, rios e quaisquer correntes de água em terreno de seu domínio, ou que banhem mais de um Estado, sirvam de limites com outros países, ou se estendam a território estrangeiro ou dele provenham, bem como os terrenos marginais e as praias fluviais.

Isto significa que qualquer pessoa que tenha acesso ao rio por meio de estrada, pode fazer uso particular do mesmo e também de suas praias, sem autorização prévia das fazendas que o margeiam.

A fim de regulamentar o uso do rio, fazendeiros do planalto e da planície se uniram e criaram a Associação Vale do Rio Negro – AVRN, em 1999. A primeira ação concreta foi a criação e aprovação de uma lei estadual que proíbe a retirada de peixes do rio Negro, autorizando somente a prática do pesque e solte como atividade de pesca esportiva. Outra conquista foi um acordo entre os proprietários em limitar a quantidade de barcos por fazenda, a velocidade de navegação, a potência dos motores e proibir o camping na beira do rio, orientando a chamar a polícia ambiental, se houver alguém de fora acampando na barranca do rio.

Segundo a presidente da associação, Sra. Beatriz Rondon, o principal problema da AVRN é que os proprietários só participam e aderem às propostas quando é do interesse deles. Para ela, o problema tende a aumentar devido a venda de fazendas para pessoas de fora – paulistas, gaúchos, estrangeiros, entre outros - que não conhecem as adversidades do Pantanal. Comenta o caso de um médico carioca que comprou uma área na margem esquerda do rio Negro, dentro da região de estudo, com o intuito de montar uma pousada. Segundo ela, o fato de ele não ser pantaneiro foi o maior problema porque, desconhecendo as características do terreno, construiu casas na beira do rio dando início a um processo irreversível de erosão. O médico foi multado pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente e

orientado a demolir as construções. Depois de três anos lutando contra a natureza e contra a associação, optou por vender a terra.

Casos como este tendem a ser freqüentes na Região do rio Negro devido ao olhar empreendedor de pessoas de fora que reconhecem o valor turístico da área. Segundo Azevedo (2002), essa é uma das regiões mais preservadas do Pantanal. Para este cientista ambiental, isso se deve ao fato de a região dispor de um baixo índice de tecnologia na pecuária bovina e possuir um alto grau de isolamento, conforme afirma:

A forma de ocupação que ali se desenvolveu (...) ajudou a moldar a fisionomia da região, e constitui um exemplo de conservação e adaptação ecológica a ser levado em conta em iniciativas de conservação (AZEVEDO, 2002, p 62).

O olhar sobre a riqueza do patrimônio natural desta região não é recente. Na década de 1970 houve uma proposta do Ministério do Meio Ambiente em transformar a região de estudo em um Parque Nacional. Para tal, seria necessário desapropriar vários fazendeiros, alguns com uma grande força política na esfera federal. Estes fazendeiros conseguiram despistar o governo e eleger a Serra do Amolar, na fronteira com a Bolívia, como preferencial para a criação do parque, com a fundamentação de que o rio Negro só encontrava-se preservado devido à forma como se deu a ocupação na área e que ela se manteria assim se fossem mantidas as pessoas que ali sempre habitaram.

No início da década de 1980, os governos brasileiro e francês, bem como as instituições econômicas e de meio ambiente dos dois países, debateram a inserção do modelo francês de Parque Natural Regional no Pantanal - PNRP como alternativa de desenvolvimento econômico e sustentável. Este modelo na gestão tem como princípio o envolvimento voluntário de proprietários rurais, compreendendo exclusivamente terras privadas, não necessariamente contíguas. Depois de alguns anos de debates e acordos, foi criado em 2002 o Parque Natural Regional do Pantanal, através de um consórcio entre proprietários rurais e Estado pela gestão compartilhada dos territórios de suas propriedades. A área escolhida para a implantação do PNRP foi de aproximadamente cinco milhões de hectares na bacia do rio Negro, abrangendo todas as fazendas que compõem a Região do rio Negro.

Entres as ações sustentáveis para o desenvolvimento econômico do parque estavam os projetos de produção de carne orgânica a partir do abate de vitelos; de criação de mel de abelhas nativas; de estudo da possibilidade de comercialização do porco monteiro, e de promoção do ecoturismo.

A aplicação do modelo francês no Pantanal foi estudada pela geógrafa Icléia Vargas. Ela afirma que o modelo permite a dinamização de regiões pouco desenvolvidas, o estímulo à formação de lideranças políticas, além da organização social. Entretanto, após avaliar todo o processo de planejamento e implantação do Parque Natural Regional do Pantanal, a autora questiona a validade da implantação deste modelo no Brasil devido a pouca similaridade entre as realidades francesa e brasileira. O fato de a experiência dos parques naturais regionais na França ser bem sucedida, não significa que o seja no Pantanal, pois os fazendeiros se demonstraram resistentes à assimilação de novas propostas de gestão, diferentes das construídas historicamente, conforme observa:

Difícilmente um modelo francês, com toda sua carga de interesses, se adapta à realidade pantaneira. Não alcança as especificidades do Pantanal e nem os interesses dos proprietários do território (...) “Ver e sentir” o lugar para os franceses não corresponde à maneira de “ver e sentir” dos pantaneiros (VARGAS, 2006, p. 236).

O modelo de parque natural regional pressupõe a organização dos agentes locais, principalmente os proprietários rurais. Segundo a pesquisadora, esse foi um dos principais motivos de o parque não ter prosperado, pois observou um distanciamento dos fazendeiros dos ideais de participação, dedicação, envolvimento inerentes à formação do parque. O próprio relatório da Fédération des Parcs Naturels Régionaux de France – FPNRF, entidade que avaliou o processo de implementação do PRNP, afirma que

as características da região, tanto naturais (distâncias e dificuldades de acesso), quanto patrimoniais (95% do território constitui-se em propriedades particulares), ou administrativas (os municípios têm pouca competência sobre o território do Projeto) fizeram com que fosse difícil, para não dizer inútil, aplicar diretamente ao Brasil o modo de gestão de Parque Natural Regional francês. (FPNRF, 20002, p. 13, apud VARGAS, 2006, p.129)

Atualmente, o Instituto Parque Pantanal - IPP, órgão criado para a gestão do Parque Natural Regional do Pantanal, está em processo de reestruturação e em busca de financiamento para voltar a colocar as idéias do parque novamente em prática, desta vez, corrigindo os erros do passado. O projeto de carne orgânica está em andamento com o apoio da organização não-governamental Wild World Found – WWF, que abrange outras fazendas, além das que compunham o parque. Os demais projetos estão aguardando recursos para sua continuidade.

Em paralelo ao Parque Natural Regional do Pantanal, outras iniciativas de criação de unidades de conservação na Região do Rio Negro foram realizadas. Em meados da

década de 1990, duas proprietárias rurais da região de estudo já haviam transformado parte de suas fazendas em unidade de conservação, classificada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC, como Reserva do Patrimônio Particular Natural - RPPN. É uma unidade de uso sustentável que permite o uso público através de atividades de pesquisa científica e turismo.

Segundo elas, a atitude de doar parte de seu patrimônio à União se deve, em primeira instância, à perspectiva de redução do Imposto Territorial Rural – ITR, afinal, as áreas doadas nunca foram e nunca serão úteis para o uso direto, uma vez que são praticamente inacessíveis, não fazendo sentido pagar imposto sobre uma área que não tem uso, nem perspectiva de uso. Em segundo momento, as áreas possuem uma diversidade de ambientes aquáticos que devem ser conservados. O relato a seguir foi dado pela proprietária da RPPN Santa Sophia, Sra. Beatriz Rondon, e demonstra a visão dos proprietários da Região do rio Negro de que conservar pode ser uma estratégia lucrativa:

“A RPPN foi criada para eu ter uma redução nos impostos de uma área que eu não conseguia, eu não consigo usar, não consigo nem chegar lá. É uma área muito grande que é alagada e que eu não posso utilizar nunca. E depois com o tempo vieram surgindo mais vantagens com a RPPN. Hoje acho que eu fiz muito bem de ter feito porque, além de preservar, uma coisa que eu sempre batalhei, acho que aquilo lá é um criatório de peixes muito grande, é um berçário, milhares de espécies aquáticas, tanto de plantas quanto de peixes, eu acho que eu fiz bem, além de me livrar dos impostos eu fiz muito bem porque eu acho que daqui pra frente, as RPPNs vão ser cada vez mais valorizadas, mais incentivadas, porque é a única maneira de você realmente conseguir com que os proprietários das fazendas se comprometam definitivamente a não detonar uma área”.

Outras fazendas já criaram ou estão em processo de criação de Reservas do Patrimônio Particular Natural em suas áreas. A ONG americana Conservação Internacional – CI, em parceria com a Associação das RPPNs do Mato Grosso do Sul – Repams, vem estimulando a criação destas áreas como parte do projeto “Corredores Ecológicos”. Quando a proprietária afirma que estão aparecendo vantagens em possuir uma Reserva do Patrimônio Particular Natural, refere-se a este projeto. As vantagens em questão são recursos financeiros liberados para os proprietários com o objetivo de demarcar as reservas, sinalizar, executar o plano de manejo, construir a infra-estrutura necessária e realizar a manutenção da área.

O projeto “Corredores Ecológicos” é uma iniciativa que propõe unir as ilhas de floresta, isto é, as áreas de reserva legal das fazendas às unidades de conservação no Pantanal, de forma que se transformem num corredor de biodiversidade, para que as espécies da fauna e da flora possam ter uma maior variabilidade genética. Uma das maneiras de fazer com que os corredores se formem e estejam protegidos é a criação de RPPNs.

Sobre a Região do rio Negro pretende-se formar o corredor ecológico chamado Maracaju-Negro ligando a Serra de Maracaju ao Parque Estadual do Rio Negro. Este parque foi criado em 2005 e está localizado ao lado da fazenda Rio Negro que também foi transformada em RPPN em 2000, quando foi vendida para a CI. A compra foi feita no intuito de transformar a fazenda em um centro de conservação e pesquisa no Pantanal. A área de aproximadamente sete mil hectares vem sendo usada para a pesquisa científica, oferecendo aos pesquisadores uma infra-estrutura de apoio composta por laboratório, alojamento, refeitório e meio de transporte terrestre e aquático. A propriedade também recebe turistas, seguindo o trabalho que já era realizado pelos antigos proprietários.

É importante registrar que todas as fazendas que estão trabalhando com turismo na Região do Rio Negro criaram ou estão em processo de criação de uma Reserva do Patrimônio Particular Natural. A visão de que ter uma área de proteção integral e uso sustentável na fazenda é objeto de atração do fluxo turístico está atrelada à noção de que participar destas iniciativas é uma oportunidade de investir em infra-estrutura nas fazendas. Participar do projeto “corredores ecológicos” e criar uma RPPN dão ao fazendeiro possibilidades de receber recursos para que georreferencie sua fazenda - o que tem um custo bastante elevado, construa vias de acesso, torre de observação de animais para incrementar a estrutura turística, compre um trator para fazer o acero das cercas, enfim, realizar investimentos que não seriam prioridade para a fazenda se o recurso fosse próprio. Isso mostra que participar destes projetos de conservação é também uma estratégia para aumentar os investimentos na fazenda.

Uma das questões mais debatidas em relação às iniciativas de conservação do Pantanal é a carência de projetos voltados para atender às necessidades das pessoas que habitam a região. Os conservacionistas defendem que a relação entre homem e natureza deve ser de respeito e conhecimento aos aspectos naturais. Da mesma forma, deve se dar pela afirmação de sua identidade, sendo assim necessária a promoção de ações que visem contribuir com o bem-estar das pessoas, na área de saúde e educação, bem como na manutenção das práticas tradicionais e não somente com a conservação da biodiversidade.

Em 2007, a Região do rio Negro recebeu duas bases de informática que fazem parte do projeto Navega Pantanal, de realização da Fundação Manoel de Barros, com o apoio de diferentes parceiros e financiamento do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. O projeto tem o objetivo de oportunizar a inclusão digital através da educação à distância a localidades isoladas de fontes de tecnologia e informação. Além de promover o contato dos trabalhadores rurais e seus familiares com a informática, busca capacitar

produtores, trabalhadores e empresários rurais vinculados ao agronegócio em diversas áreas de produção e gestão. Na região de estudo, as bases foram implantadas nas escolas pantaneiras que receberam equipamentos como televisor, DVD, filmadora, computadores e acessórios, todos com acesso via internet por satélite à plataforma de ensino a distância do projeto.

Na região, as bases foram instaladas em duas escolas pantaneiras: Núcleo Escolar Vale do rio Negro e Cyriaco da Costa Rondon, a primeira localizada na Fazenda Campo Novo e a segunda na Fazenda Tupancyretan. Com o Navega Pantanal, as escolas passaram a atender aos pais e familiares dos alunos e demais interessados que trabalham em fazendas da região. Os alunos estão tendo aulas de informática e a oportunidade de participar da evolução tecnológica no universo da comunicação, assim como os alunos de escolas urbanas dos municípios do Pantanal.

Ambas as escolas atendem às crianças da região, divididas em turmas de primeira a quarta-série, num período letivo diferenciado das escolas urbanas, estabelecido de acordo com o regime das águas no Pantanal: as aulas iniciam no começo da estação seca e encerram antes da cheia. Mantidas através de uma parceria dos proprietários da terra com a prefeitura municipal de Aquidauana, as escolas funcionam em regime de semi-internato, onde os alunos permanecem os dias de semana na escola e os finais de semana junto aos pais. Aos proprietários das fazendas onde estão as escolas coube a construção dos espaços didáticos, de alojamento e alimentação das crianças, bem como a oferta de energia e água. A prefeitura paga professores, merendeiras e fornece alimentos esporadicamente devido à dificuldade de acesso à região. Muitas vezes, os insumos para as refeições dos alunos, principalmente a carne, são fornecidos pelas fazendas onde estão as escolas ou pelas localizadas no entorno, cujos funcionários possuem filhos matriculados. Há pouca participação financeira na manutenção do espaço por parte dos outros fazendeiros da região, entretanto, as fazendas onde estão situadas as escolas têm conseguido mantê-las em funcionamento.

Outro projeto voltado para o habitante do Pantanal e realizado nas escolas pantaneiras foi o Sapicuá Pantaneiro. Criado por uma produtora cultural que reside em Campo Grande, cujo marido possui fazenda na região de estudo, o projeto iniciou um trabalho de estímulo às práticas artesanais nas fazendas como o curtume e uso do couro de gado, a confecção de artefatos com a lã de carneiro e o uso da tecelagem para o feitiço da faixa paraguaia²⁷. Através de oficinas semanais de artesanato realizadas semestralmente nas escolas

²⁷ A faixa paraguaia ou faixa pantaneira é uma faixa colorida, feita em tear, usada pelos vaqueiros que a amarram na cintura para dar sustentação à coluna durante o trabalho de campo. Atualmente, são produzidas faixas de

pantaneiras, o projeto buscou propiciar momentos de integração entre os pais e alunos no ambiente escolar ao mesmo tempo em que reanimar a prática de artesanato e conseqüente geração de renda para os habitantes da região.

Este projeto começou suas atividades em 2003 com recursos de diferentes fontes no decorrer dos anos: Instituto Parque Pantanal, Instituto Junia Rabelo, WWF e Lei Rouanet de Incentivo à Cultura. Em 2006 publicou um manual que registrou o passo-a-passo das oficinas de artes e permanece em busca de recursos para dar continuidade às atividades.

A partir da iniciativa do Projeto Sapicuá, alguns professores com o auxílio de pais e mães de alunos matriculados nas escolas pantaneiras iniciaram a produção coletiva de artesanato, a fim de contribuir com a manutenção da escola. Os produtos são vendidos às pessoas da região e a turistas que visitam a escola. Em 2007, através da renda obtida com a venda de artesanato, o Núcleo Escolar Vale do rio Negro fez aquisição de uma impressora e um escaner para a sala de informática.

Com o aumento do fluxo turístico na região, a busca por produtos regionais também cresceu. Homens e mulheres desenvolvem o artesanato a fim de ganhar um dinheiro extra nas fazendas e, em paralelo, possibilitar que seus filhos e netos vivenciem as práticas tradicionais de uso dos recursos naturais.

2.3 A TERRITORIALIDADE DO TURISMO NO PANTANAL DO RIO NEGRO

A breve leitura sobre a historicidade do conceito de território acima desenvolvida e o entendimento de como se dão as relações que configuram o território no Pantanal do Rio Negro serão úteis a partir deste momento para compreender como o turismo exerce uma territorialidade na Região do rio Negro.

Entre as práticas econômicas de caráter sustentável apontadas para o desenvolvimento do Parque Natural Regional do Pantanal, como a apicultura, o manejo do porco-monteiro e a produção do “vitelo pantaneiro”, o turismo foi a iniciativa que atingiu maiores resultados na Região do rio Negro. As especificidades territoriais do Pantanal, entre elas o patrimônio cultural e natural, têm enorme importância para o turismo, pois é o que o fortalece como destino turístico e o diferencia dos demais destinos no país.

diferentes larguras e comprimentos que podem ser usadas como faixa de chapéu, cinto feminino, marcador de livro, entre outros usos. A prática da tecelagem foi revitalizada na região pelo Projeto Sapicuá Pantaneiro, que doou teares às fazendas e ensinou os interessados a tecer. A produção é vendida para vaqueiros das fazendas e para os turistas como *souvenir*.

O turismo é considerado um mecanismo de desenvolvimento rural, à medida que estabelece uma sinergia entre conservação e dinamismo econômico, pois é necessário manter a integridade dos elementos naturais para que o ambiente rural tenha atratividade e o uso destes elementos gere uma rentabilidade. Conforme esclarece Veiga (2002),

o desenvolvimento rural depende muito mais das possíveis maneiras de tornar rentável a preservação de peculiaridades naturais e culturais, do que da exploração dos velhos trunfos baseados na exploração da fertilidade dos solos, ou no aproveitamento de vantagens de localização industrial (p.16).

Sob o ponto de vista da Geografia, o turismo é tido como uma atividade de produção e consumo do espaço que gera, inevitavelmente, preocupações em relação aos impactos ambientais, em seu sentido amplo, sobre as localidades e comunidades receptoras. Atualmente, com enfoque na dualidade natureza x sociedade, a ciência geográfica debate o conceito de sustentabilidade com o de produção do espaço turístico rural e caminha para a defesa de um turismo de base local²⁸. Trata-se de uma proposta de gestão territorial local que visa a satisfação do visitante; benefícios econômicos, sociais, políticos e culturais para a população residente; e a preservação do patrimônio natural e cultural (RODRIGUES, 2001, p. 26). A conciliação destes três segmentos seria o ideal de desenvolvimento do turismo em comunidades de alta diversidade de recursos naturais e culturais, como é o caso do Pantanal.

Com base em exemplos de desenvolvimento do turismo no mundo, Rodrigues (2001) alerta para o fato de que

o turismo não deve ser visto como única alternativa de valorização para regiões de economia deprimida, mesmo onde a riqueza dos recursos potenciais justifiquem *a priori* sua exploração. Como o turismo é uma prática social supérflua está muito sujeito a crises, mesmo porque como atividade sazonal não se auto-sustenta o ano todo. A prática tem demonstrado que há necessidade de projetos integrados de nível local que envolvam outros setores da economia (...) que dêem sustentação ao turismo e signifiquem, realmente, um dinamismo econômico em escala local (p. 31).

O turismo no Pantanal é uma atividade fortemente sazonal, de maior movimento nos meses de seca (entre junho e outubro), quando há maiores possibilidades de visualização dos animais selvagens, o acesso por estradas é facilitado e não há ocorrência de muitos mosquitos. Em boa parte das fazendas, a atividade tem sido desenvolvida em complemento à pecuária, o que tem driblado a sazonalidade do turismo. Entretanto, muitas

²⁸ O Encontro Nacional de Turismo com Base Local é organizado por geógrafos, ocorre a cada dois anos e, em 2007, realizou sua 10ª edição.

fazendas têm o turismo como única alternativa econômica, sendo a última tentativa de manutenção da propriedade da terra. Estas sofrem com a manutenção da estrutura física e humana das fazendas nos meses em que o movimento cai, à medida que os custos permanecem os mesmos e a entrada de divisas é baixa.

Pouco se tem trabalhado no âmbito das políticas públicas estaduais para minimizar a sazonalidade turística no Pantanal. Apesar de o Pantanal ser considerado pelo Ministério do Turismo desde 2006, através do Programa de Regionalização do Turismo²⁹, como destino com prioridade de investimentos no Estado do Mato Grosso do Sul, as ações de promoção e divulgação para o mercado nacional e internacional não têm a perspectiva de combate à sazonalidade como foco. É o que afirma o operador de turismo, Daniel Marinho:

“Nós temos participado de feiras e eventos de turismo tanto aqui no Brasil como na Europa, porque o Estado tem estimulado nossa participação. Nunca tivemos tanto apoio governamental na promoção do Pantanal. Mas acho que ainda precisamos melhorar a linguagem, a estratégia de marketing, porque precisamos aumentar a demanda de turistas sim, mas precisamos mais que tudo, melhor distribuir estes clientes ao longo do ano. Chega mês de dezembro, fevereiro, tá todo mundo parado. As vans estão paradas, os hotéis, nós operadores, e em julho e agosto chegamos, as vezes, a recusar clientes porque não há espaço” (Daniel, operador de turismo, 28 anos).

Durante muitos anos, o turismo no Mato Grosso do Sul, em especial no Pantanal, esteve voltado para a pesca esportiva. Com a restrição do uso dos rios, a diminuição do estoque pesqueiro na bacia do rio Paraguai e o aumento da consciência conservacionista entre visitantes e visitados, o ecoturismo ou turismo ecológico³⁰ passou a ser a principal modalidade de turismo no Estado. O reconhecimento dado pelo Ministérios do Turismo a Pantanal como destino de ecoturismo no Brasil, fez este segmento crescer e se destacar mais

²⁹ O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, constitui um macroprograma do Plano Nacional de Turismo - PNT 2007/2010. Propõe a estruturação de roteiros turísticos intermunicipais nas regiões turísticas brasileiras, com base nos princípios da cooperação, integração e sustentabilidade ambiental, econômica, sociocultural e político-institucional. Em 2006, como resultado do Programa de Regionalização foram apresentados 396 roteiros turísticos, envolvendo 149 regiões turísticas e 1.207 municípios de todas as unidades da Federação. Desses roteiros, 87 foram priorizados pelas unidades da Federação, sendo um deles o Pantanal, para obtenção de padrão de qualidade internacional e, conseqüentemente, promoção do alcance das metas do PNT. In: PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO – ROTEIROS DO BRASIL. **Programa de apoio ao desenvolvimento regional do turismo.** Disponível em <http://www.turismo.gov.br/>. Acesso em 20 Jul. 2008.

³⁰ Segundo as Diretrizes para uma Política Nacional de Turismo, proposta em 2004 pelos Ministérios do Meio Ambiente e da Indústria, Comércio e Turismo, ecoturismo é “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (EMBRATUR/IBAMA, 1994).

que outras modalidades de turismo no Estado. Entretanto, paralelo a isso, há iniciativas de diversificar o mercado de turismo para outros segmentos.

Segundo ALMEIDA (2004), a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul – Fundtur – tem fomentado o desenvolvimento do turismo rural no Pantanal. Desde 1995, vem promovendo aos empresários do setor e proprietários rurais viagens técnicas a outros destinos nacionais que trabalham o turismo rural a fim de “somar valores e fortalecer o seu produto à procura de uma nova demanda” (p. 51). O turismo rural caracteriza-se pela inclusão dos turistas nas atividades cotidianas de uma fazenda produtiva, fazendo-o participar das práticas rurais como a ordenha, o plantio, a alimentação dos animais, de acordo com a atividade agropecuária de cada localidade. Entretanto, identificou-se que as fazendas pantaneiras, uma vez que exploram a pecuária extensiva, incluíam atividades de turismo rural dentro das práticas de ecoturismo e que é mais vantajoso para o mercado turístico do Pantanal manter o segmento de ecoturismo como sua marca principal, pelo menos em âmbito comercial. Isto porque o ecoturismo é um dos segmentos que mais cresce no mundo³¹ e se enquadra, de maneira geral, nas práticas turísticas que atualmente são realizadas no espaço pantaneiro.

Outros segmentos como o turismo equestre, a pesca esportiva e a observação de aves estão sendo trabalhados pela iniciativa privada como foco de seus produtos, a fim de aproveitar demandas específicas de turistas para o Pantanal. Estes nichos de mercado possuem características próprias, representam menor volume de pessoas em comparação ao ecoturismo, mas, em compensação, são compostos por pessoas dispostas a pagar o preço necessário para satisfazerem suas necessidades de consumo. A diária para pesca esportiva cobrada por uma das pousadas da Região, por exemplo, é mais alta que a de ecoturismo, pois há maiores custos com combustível para os barcos. Da mesma forma, o custo de um guia especializado em aves ou em cavalgada é mais elevado e isso se reflete no valor pago pelo turista. Por isso, muitos proprietários estão segmentando seus serviços, oferecendo desta forma um diferencial aos que visitam o Pantanal ao mesmo tempo que aumentando as divisas gastas pelos turistas na região.

Com a visão de que o turismo é a melhor alternativa de sobrevivência das fazendas pantaneiras em meio à crise da pecuária, quatro fazendas da Região do rio Negro, estão dedicadas a promover um novo sistema de trabalho, uma nova forma de interação com o ambiente, um novo produto que lhes aumente a renda e as perspectivas de futuro.

³¹ In: EMBRATUR/IBAMA, 1994.

2.3.1 Caracterização das fazendas

a) Fazenda Rio Negro³²

Foi pioneira em trabalhar com turismo na região. A vocação para o turismo foi despertada após a realização da novela Pantanal, em 1989, que exigiu uma reestruturação física e humana da fazenda para atender a um fluxo de aproximadamente 40 pessoas por dia, envolvidas com as gravações da novela, no decorrer de um ano. Esta reestruturação incluiu adaptar os quartos para hóspedes existentes e construir novos quartos para abrigar esse contingente; aumentar o refeitório e a capacidade da cozinha para o preparo das refeições; capacitar os vaqueiros e as mulheres da fazenda para atender às necessidades da equipe de filmagem; adaptar o horário de trabalho com a pecuária de acordo com o horário demandado pelos visitantes.

A referência dada pela novela em âmbito nacional facilitou a divulgação do turismo na fazenda, que permaneceu recebendo turistas durante nove anos até que, em 1999, foi vendida para a organização não-governamental – ONG Conservação Internacional e transformada em Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN. Segundo o antigo proprietário, a venda foi motivada pelo desgaste da família com a administração do negócio e não devido a um possível insucesso do turismo.

A Fazenda Rio Negro é considerada pelas fazendas vizinhas, a principal formadora de mão-de-obra especializada em turismo na região. Até hoje são reconhecidos e valorizados os funcionários que trabalharam na antiga Fazenda Rio Negro.

Por ter a maior estrutura de hospedagem na região, desenvolveu entre 2000 e 2005 o turismo científico, recebendo turistas do Earthwatch Institute, uma ONG que incentiva a pesquisa científica em áreas naturais através do recrutamento de voluntários que estejam dispostos a ajudar na coleta de dados no campo e contribuir financeiramente com os projetos de pesquisa sobre biodiversidade. A parceria com esta ONG terminou, mas a fazenda permanece apoiando algumas pesquisas e disponibilizando a estrutura para a realização de workshops, reuniões e eventos ligados à conservação do Pantanal. Já promoveu cursos de guarda-parque e primeiros socorros para a comunidade.

A atividade turística foi continuada após a compra da fazenda, mas foi encerrada em 2007 por inviabilidade financeira e dificuldade em administrar uma empresa turística, uma vez que o foco da instituição é a pesquisa científica e a conservação.

³² In: <http://www.fazendarionegro.com.br/>

A fazenda não possui mais gado, apenas uma tropa de cavalos que serviam para atender à demanda turística e aos funcionários. Carne e leite passaram a ser comprados da cidade. Devido a falta de animais nos campos, o mato está crescendo e gerando preocupações nos vizinhos que estão alerta aos riscos de incêndio florestal. Possui atualmente um casal de funcionários que fazem a manutenção da estrutura. Quando há pesquisadores no campo ou atividades maiores de manutenção a serem realizadas, são contratados diaristas para a realização dos trabalhos.

Esta situação é bastante recente e indefinida, pois, até final de 2007 e durante a pesquisa de campo realizada para esta pesquisa, o turismo estava em pleno funcionamento apesar de não gerar lucro. Diferentes propostas estão sendo estudadas pela ONG no intuito de dar uso à estrutura mantida até o presente momento, entre elas, a venda da área, o que possui impasses legais por se tratar de uma instituição sem fins lucrativos; o arrendamento da casa-sede para uso turístico; a implantação de um centro de assistência à sociedade regional com oferta de diferentes serviços na área da saúde e educação; entre outros projetos que viabilizem o uso e manutenção da principal fazenda da região.

Pela indefinição da situação e devido ao fato de a fazenda continuar recebendo pesquisadores e isto se caracterizar por um uso turístico da fazenda, uma vez que exige serviços de hospedagem, alimentação e estrutura de transporte, considera-se no presente momento a Fazenda Rio Negro como prestadora de serviços turísticos na região de estudo e, por isso, permanece como parte da pesquisa aqui desenvolvida.

b) Fazenda Barranco Alto ³³

De propriedade de uma família de descendência suíça desde o início da década de 1980, é a mais recente no ramo turístico na região. Começou a receber hóspedes em 2003, quando uma herdeira optou por mudar-se para a fazenda com a família e melhorar a rentabilidade da terra. O casal, que passou a administrar a pecuária e o turismo, construiu uma nova casa na fazenda para receber os turistas. O fato de falarem línguas estrangeiras facilita na realização de vendas e no atendimento aos turistas. Permanecem com a pecuária bovina, mas reconhecem o turismo como a principal atividade econômica atualmente.

Desde o início das atividades, ampliaram o número de quartos, aumentando a capacidade de ocupação para 12 pessoas. Em 2007, a fazenda também aumentou sua área comprando uma propriedade do outro lado do rio, a qual está em processo para ser transformada em RPPN.

³³ In: <http://www.fazendabarrancoalto.com.br/>

A fazenda está aberta para o turismo o ano todo, a exceção do mês de janeiro, quando dão férias para si e para os funcionários. Possui 10 funcionários, entre homens e mulheres, dos quais apenas dois são exclusivos do turismo. Não costuma contratar diaristas para trabalhar durante a alta temporada, uma prática comum nas fazendas de turismo do Pantanal.

Entre as atividades de lazer, oferecem passeios a cavalo e em carro, caminhada em trilhas, passeio de barco e de canoa e observação de aves. Quando não é possível a presença dos proprietários nos passeios, um dos guias que recebeu treinamento dos proprietários através de aulas sobre as aves do Pantanal e palavras-chave em inglês, sai sozinho para o campo guiando os estrangeiros. Quando há mais de um grupo que não fala português na pousada, contratam um guia bilíngüe para auxiliar no atendimento durante as atividades de lazer.

Segundo a proprietária, o turismo está crescendo bastante e já se configura como a principal atividade econômica da fazenda, seguida da pecuária bovina. Ela tem investido em ações de divulgação da pousada cuja intenção é que a ocupação ganhe maior estabilidade nos próximos anos a fim de que não haja tanta sazonalidade entre os meses do ano.

c) Fazenda Santa Sophia³⁴

Neta dos desbravadores da região, a proprietária mora na fazenda e administra tanto a pecuária quanto o turismo. Recebe turistas somente entre os meses de junho e outubro porque diz ser impossível atender durante o verão com o calor forte e a quantidade de mosquitos. Afirma que o turismo em sua fazenda foi adaptado à pecuária, à medida que não tem nenhum funcionário específico para o turismo. Quando há turistas, contrata como diaristas as mulheres dos peões casados, para ajudar na limpeza, cozinha e arrumação da casa-sede.

Sua capacidade é para 10 pessoas, desde que sejam todas do mesmo grupo. Há preferência em receber grupos de cavalgadas, isto é, pessoas que vão ao Pantanal para experimentar os cavalos. A proprietária costuma viajar em suas férias para destinos que também oferecem cavalgadas. Aproveitando este nicho de mercado, ela focou seu produto no turismo eqüestre, oferecendo aos visitantes a experiência de conhecer o Pantanal sobre cavalos habituados à rusticidade pantaneira, usando selas australianas ao invés dos arreios (montarias tradicionalmente usadas pelos pantaneiros para o trabalho do gado). Segundo a fazendeira, estas selas são mais próximas do que seus visitantes estão acostumados, oferecendo maior conforto durante a cavalgada.

Em 2001, a sede da fazenda foi inteiramente reformada e decorada para o turismo. As duas funcionárias fixas são treinadas para prestar um serviço “s sofisticado”, usando as palavras da proprietária, para atender a um público ao qual estes serviços são cotidianos: guardanapos de

³⁴ In: <http://www.fazendasantasophia.com.br/>

pano, louças e talhares diferenciados em cada refeição, uso de taças de cristal, troca dos pratos durante a refeição, retirada da colcha das camas e disponibilização de uma jarra de água ao anoitecer – chamado de abre-leito na hotelaria, entre outros serviços que não são hábito em famílias de vida simples como as que moram no Pantanal, mas o são na família da proprietária e seus visitantes.

A fazendeira é a anfitriã, sem a presença dela não há atividade turística na fazenda. Ela acompanha os hóspedes em todos os passeios e durante as refeições, buscando mostrar o Pantanal sob a ótica do vaqueiro e do proprietário. Além disso, fala espanhol, francês e inglês fluentemente, dispensando a presença de um tradutor durante a estada dos hóspedes.

d) Fazenda Barra Mansa³⁵

Também de propriedade de uma das netas de Ciryaco e Tomásia Rondon, a fazenda recebe turistas desde 1996. Está aberta o ano todo e possui capacidade para 16 pessoas. A casa-sede foi adaptada para o turismo e outros três apartamentos foram construídos ao lado, além de um espaço para o serviço das refeições. Uma casa também foi erguida para abrigar a família da proprietária. Atualmente conta com cinco funcionários fixos – duas mulheres e três homens - e contrata diaristas sempre que necessário.

Não desenvolve mais a pecuária, tendo somente algumas cabeças de gado para produção de carne e de leite. Também cria e vende cavalos da raça pantaneira através de uma parceria com a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul que desenvolveu os genes destes animais.

A proprietária não participa mais das atividades da fazenda, a administração foi delegada ao seu filho que mora parte do tempo na cidade, parte na fazenda, quando atende aos turistas. Na presença de grupos estrangeiros, são contratados os netos da proprietária ou guias especializados para serem anfitriões dos hóspedes.

A área da fazenda já reduziu bastante ao longo dos anos. Por dificuldades financeiras, foram vendidas porções de terra em dois momentos distintos nestes 12 anos de operação turística. Segundo a proprietária, a tentativa contínua em manter a propriedade nas mãos da família através do turismo tem sido uma experiência árdua, mas acredita que, enquanto o filho e os netos estiverem engajados no turismo, não deve pensar em vender a fazenda.

Entre as fazendas visitadas é a que tem o maior fluxo de turistas ao longo do ano. São os únicos na região que recebem oficialmente grupos de pesca esportiva. Com um

³⁵ In: <http://www.hotelbarramansa.com.br/>

olhar sobre este nicho de mercado, oferecem barcos e guias especializados em diferentes modalidades de pesca para pescadores que viajam o mundo em busca dos peixes esportivos. No rio Negro, o principal deles é o Dourado (*Salminus maxillosus*), que quando fisgado costuma pular para fora da água tentando se soltar, o que exige habilidade maior do pescador. Como dito, a legislação específica do rio Negro permite apenas o pesque-e-solte, porém, alguns exemplares dentro da medida e peso estipulados pela legislação podem ser retirados do rio para consumo na pousada.

Estão inovando ao oferecer opções de pacotes conjugados com outras fazendas, em que o turista pode desfrutar de duas fazendas na mesma viagem ao Pantanal.

As quatro fazendas de turismo na região pertencem ao município de Aquidauana/MS e utilizam os serviços e infra-estrutura deste centro urbano para atender às demandas das fazendas. Possuem energia elétrica conduzida por fios e postes desde Aquidauana e acesso à telefonia celular, viabilizada por antenas particulares que cada fazenda teve que instalar. Três delas possuem televisão via satélite e pagam mensalmente pelo serviço de internet, também através de sinal via satélite. A internet e o telefone facilitaram a comunicação com a família, em primeiro lugar, assim como com os fornecedores, prestadores de serviço, agentes de turismo e turistas, viabilizando a operação de várias atividades do turismo a partir da fazenda como a compra de suprimentos e agendamento de vôos para hóspedes, sem depender totalmente do escritório na cidade.

Todas fazem parte da Associação das Pousadas Pantaneiras do Mato Grosso do Sul – APPAN, que, desde 2002, busca promover o ordenamento e estimular a atividade turística do Pantanal através do fortalecimento das relações entre os empresários do turismo, valorização dos produtos turísticos e fomento à criação de uma política específica para o turismo na região pantaneira.

Nos últimos anos, a associação tem se dedicado à divulgação do Pantanal através da promoção de viagens de familiarização com o produto Pantanal, os chamados *Famtours*, oferecidos a operadores de turismo internacionais e profissionais da comunicação. Dos contatos realizados com alguns operadores internacionais, a associação passou a mediar o relacionamento entre operadores e fazendas, atuando como uma operadora local, atividade que lhe rende uma porcentagem sobre os pacotes fechados. O incremento desta ação nas atribuições da associação foi o mecanismo encontrado pelos associados para manter os custos fixos da APPAN.

Em 2004, a associação contava com 15 pousadas associadas. Atualmente, há apenas nove, pois cinco pousadas fecharam por dificuldades financeiras, e uma deixou de ser associada, por acreditar não ter retorno político nem econômico com a associação, pois afirma que a associação não tem conseguido participar do debate sobre turismo junto ao órgão estadual, o que deveria ser uma de suas principais ações.

2.3.2 Caracterização do turismo na Região do rio Negro

Transformar uma fazenda de pecuária em uma pousada pantaneira não é uma tarefa fácil e exige muitas mudanças, tanto no sistema gerencial da fazenda quanto nos recursos físicos e, principalmente, humanos. Os pantaneiros que estavam habituados a trabalhar com a pecuária, na lida com os animais, construção e reparo de cercas, conserto de trator, entre outras atividades, passaram a se dedicar a um negócio que envolve pessoas - os turistas - que por sua vez possuem expectativas, necessidades de consumo, exigem serviços específicos que demandam outro tipo de sinergia nas fazendas.

Aos peões é dada a tarefa de guia de turismo, cabe a eles mostrar a natureza e a cultura pantaneira, seja montando a cavalo, pilotando um barco, dirigindo um carro ou remando uma canoa. Em paralelo, atendem às demandas da fazenda, porém, o dia é planejado dando prioridade às atividades dos turistas.

Para as mulheres, o trabalho que realizam nas fazendas não mudou muito em termos de conteúdo: lavar, cozinhar e limpar continua sendo o seu ofício. O que mudou foi o ritmo dado para a execução das tarefas, muito mais intenso quando tem turista na fazenda, além da relação de trabalho efetiva com a fazenda, pois muitas eram apenas donas de casa antes de trabalharem com turismo.

Aos proprietários cabe a administração de um novo negócio, adaptar-se a outro ramo da economia - o da prestação de serviços - em que é necessário montar um produto, buscar mercado para vendê-lo, estabelecer parcerias para divulgar este produto, preparar uma infra-estrutura na fazenda, capacitar seus funcionários, receber bem e com hospitalidade os turistas, isto é, uma gama de ações que não faziam parte do universo das fazendas de pecuária.

As fazendas, ou melhor, as empresas pantaneiras de turismo, atuam não apenas como simples meios de hospedagem, mas também como operadoras de turismo, pois, além de hospedar os turistas, operam todos os demais serviços que eles necessitam durante a viagem, como a alimentação, o transporte de acesso e os passeios. As fazendas oferecem três refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar), os passeios no campo (normalmente dois por dia) e ainda organizam a chegada e a saída dos turistas na fazenda. São responsáveis por atender

desde uma emergência médica até organizar uma festa de comemoração de aniversário. Esta sobrecarga de funções se deve, segundo um dos proprietários, à maneira como o produto no Pantanal do rio Negro teve de ser formatado, conforme esclarece: “A fazenda é como se fosse uma ilha. Nós temos que oferecer tudo ao turista porque a cidade mais próxima fica a meia hora de avião” (Daniel, gerente operacional, 27 anos).

As fazendas, de uma maneira geral, trabalham o segmento de ecoturismo. Definem como atividades de ecoturismo os passeios de barco, passeios de canoa, passeios a cavalo, pesca recreativa, caminhadas e safáris fotográficos - que são passeios em carro aberto. Para eles, o ecoturista é a pessoa interessada em contemplar a natureza e conhecer as pessoas do local, por isso os passeios são sempre acompanhados por um guia local, de preferência, um pantaneiro. Entretanto, cada pousada na região de estudo tem se dedicado a um segmento específico dentro desta concepção de ecoturismo.

Na Fazenda Santa Sophia, como dito, o público alvo são os cavaleiros, isto é, ecoturistas que querem desfrutar do Pantanal a cavalo e conhecer os cavalos em si, o trabalho do cavalo na fazenda de gado, a maneira como os peões montam e como os cavalos se adaptam ao terreno úmido. Já para a Fazenda Barranco Alto, o público alvo são os observadores de aves, segundo a proprietária, estes são os ecoturistas mais fáceis de satisfazer no Pantanal devido à diversidade de espécies existentes. Para a Fazenda Barra Mansa, o turismo que se pretende desenvolver na região é o que chamam de “turismo exclusivo”, em que o turista tem o privilégio de desfrutar da fazenda praticamente sozinho, conforme esclarece:

“o rio Negro dá uma sensação de exclusividade, o turista sai passear no rio e não encontra nada além da natureza. Também queremos que ele se sinta único na fazenda, mais como um convidado, um visitante, do que como turista. As atenções de todos na fazenda são voltadas para ele. Ele não precisa dividir passeios com outros turistas, ele faz o que ele quiser, na hora que quiser. Assim damos um atendimento personalizado, a satisfação é certa porque a natureza já é estonteante” (Daniel, gerente operacional, 27 anos).

Por ser uma região relativamente isolada, de difícil acesso, o transporte aéreo é o mais utilizado. Para chegar às fazendas, os turistas costumam optar pelo frete de um avião particular. Este transporte pode ser feito a partir de Campo Grande – em torno de uma hora de voo - ou a partir de Aquidauana, onde os turistas chegam de carro e de lá seguem em avião fretado. Este transporte se transforma em uma opção cara porque cada grupo paga pelo voo de ida e de volta da aeronave.

Por exemplo, o turista paga quatro horas vôo para fazer sua viagem ao Pantanal a partir de Campo Grande: para levar o turista à fazenda, a aeronave gasta duas horas/vôo, uma para levá-los e outra para retornar à cidade. No momento de buscá-los na fazenda, gasta mais duas horas vôo, uma para ir até a fazenda pegá-los e outra para levá-los até Campo Grande. Atualmente, o custo da hora/vôo é de R\$1.000,00, o que significa que para chegar ao Pantanal do rio Negro em avião fretado a partir de Campo Grande, gasta-se R\$4.000,00 só em transporte. As aeronaves maiores possuem capacidade para cinco pessoas, assim o custo por pessoa fica em torno de R\$800,00.

Mas há aqueles que preferem a aventura de enfrentar seis horas de estrada de chão e fretam veículos com tração nas quatro rodas com motorista para fazer o percurso terrestre. Da mesma forma, pagam o transporte de ida e de volta, pois o carro viaja duas vezes ao Pantanal, uma para levar os turistas e outra para buscá-los. Em Land Rover – veículo preferido pelos turistas para fazer esse percurso, o custo da viagem completa fica em torno de R\$1.000,00. Entretanto, essa viagem terrestre é viável somente entre os meses de junho e novembro, no restante do ano, período de cheia e vazão das águas, o acesso se restringe ao transporte aéreo.

A diária de hospedagem nas fazendas da região varia entre R\$330,00 e R\$450,00, incluso as três refeições e dois passeios por dia. Os demais serviços oferecidos – lavanderia, bebidas, uso de telefone e internet - não estão inclusos na diária, a exceção da fazenda Santa Sophia, onde água, refrigerante e cerveja podem ser consumidos sem gerar custos extras ao turista.

Uma viagem convencional a uma fazenda na Região do rio Negro tem duração de cinco dias e quatro noites e é feita em transporte aéreo. Para uma família de quatro pessoas que optam por viajar direto de Campo Grande, o custo da viagem fica em aproximadamente R\$ 11.000,00, ou R\$ 2.750,00 por pessoa.

O alto custo da viagem se deve, em grande parte, ao preço do transporte, mas o valor da hospedagem também se torna alto à medida que a capacidade de acomodação nas fazendas é pequena e o custo para se manter a estrutura funcionando é alto. Para o gerente da Fazenda Barra Mansa, há alguns serviços que possuem alto custo de manutenção, mas são detalhes que fazem a diferença no atendimento como é o caso do ar condicionado, televisão e internet via satélite. Há ainda a questão da logística para suprir a fazenda com insumos para consumo dos turistas, que é bastante complicada, principalmente na época da cheia em que o acesso é ainda mais restrito.

“Nós transportamos caixas de bebidas, fardos de alimentos, material de limpeza, tudo de avião. As vezes quebra uma peça do carro, precisa de um remédio, um funcionário extra, é tudo de avião. Aproveitamos o período de seca para abastecer a fazenda com gás de cozinha e combustível usando o transporte terrestre mas, mesmo assim, as vezes tem os imprevistos” (Daniel, gerente operacional, 27 anos).

A dificuldade na logística das pousadas eleva o preço de um pacote para esta região e acaba limitando o tipo de público, normalmente composto por turistas que estão dispostos a pagar pela exclusividade que as fazendas oferecem. A maioria é formada por estrangeiros, europeus, que já estiveram na América do Sul e, neste momento, estão em busca de destinos autênticos brasileiros, pouco explorados turisticamente. Durante a pesquisa de campo, identificou-se que alguns estrangeiros gostariam de conhecer a Amazônia, mas optaram pelo Pantanal por estar mais próximo do Rio de Janeiro e Foz do Iguaçu, outros destinos visitados na mesma viagem. Há pessoas que atravessam o oceano Atlântico exclusivamente para visitar o Pantanal. Foi o caso, por exemplo, de uma família proveniente da Bélgica que aproveitou as férias escolares das crianças para fazer um safári³⁶ na América do Sul. Permaneceram 11 dias em duas fazendas distintas, segundo eles, para ter maior chance de ver os animais selvagens.

Os brasileiros que visitam esta região são, em sua maioria, provenientes da cidade de São Paulo, empresários, que viajam com a família e possuem os mesmos objetivos dos estrangeiros. Estes dados são superficiais pois as fazendas não registram o perfil dos hóspedes de maneira sistematizada.

2.3.3 O uso do patrimônio natural e cultural na Região do rio Negro

Ricardo Abramovay, ao analisar as novas dimensões da ruralidade neste início de milênio, afirma que o futuro do meio rural está “na manutenção da integridade ambiental e paisagística das regiões interioranas e na capacidade de organização para fazer destes atributos as bases da geração de renda” (ABRAMOVAY 2000, p. 380). O Pantanal passa por um processo de re-territorialização em que novas possibilidades de uso estão sendo engendradas. Vem utilizando o seu patrimônio natural e cultural através do turismo, a fim de transformar estas especificidades rurais em atrativos turísticos.

³⁶ Safári é uma atividade turística desenvolvida na África para facilitar a visualização dos grandes mamíferos africanos. Dispõem de veículos com carroceria aberta, normalmente de tração nas quatro rodas, capazes de carregar várias pessoas sentadas confortavelmente, dando-lhes uma visão ampla do espaço. O termo safári passou a ser usado também no Pantanal e se refere aos passeios em caminhonetes, caminhões ou em carreta puxadas por trator.

O Pantanal possui uma diversidade de elementos naturais que o coloca entre os ecossistemas de maior interesse turístico do mundo. Entretanto, a exploração turística pode gerar efeitos auto-degradantes como foi o caso do turismo de pesca nos rios da região.

A riqueza do recurso pesqueiro da Bacia do Alto Paraguai foi o primeiro despertar da indústria do turismo no Pantanal. Uma gama de hotéis e barcos-hotéis foi instalada nos rios a fim de explorar o turismo de pesca. Porém, a falta de consciência dos empresários e de planejamento e normatização do governo para regulamentar a pesca profissional e também a pesca esportiva no Pantanal, gerou um impacto ambiental que ainda não pôde ser totalmente dimensionado. Esse fluxo turístico contribuiu ainda com a intensificação de problemas sociais como a exploração sexual e da mão-de-obra ribeirinha como é o caso dos catadores de iscas - pescadores artesanais que passaram a coletar iscas para os pescadores esportivos em condições desfavoráveis de trabalho (BANDUCCI JR., 2006).

Esta exploração desordenada do turismo de pesca não chegou a ocorrer na micro bacia do rio Negro, mas influenciou diretamente na disponibilidade de recursos pesqueiros. Como a atividade turística é mais recente nesta região, esta já surgiu com uma roupagem conservacionista, em que o uso do rio é feito através de pesca recreativa e de pesca esportiva seguindo as normas vigentes. Navegando pelos *sites* das fazendas que atuam com turismo na região, constatou-se que a Fazenda Barra Mansa é a única que promove oficialmente a pesca esportiva, oferecendo barcos e equipamentos em concordância com as normas para a prática do pesque-e-solte no rio Negro/MS estabelecidas pela Deliberação nº 002 do Conselho Estadual de Controle Ambiental – CECA, de 20 de junho de 1997. As demais pousadas, de acordo com esta pesquisa feita na internet, oferecem apenas a pesca recreativa. Em entrevista às proprietárias, identificou-se que consideram esta prática uma atividade pouco conservacionista, uma vez que não há estudos conclusivos a respeito dos impactos do pesque e solte. Entretanto, constatou-se na visita às fazendas que estas vendem esporadicamente pacotes de pesca esportiva, no intuito de atender à freqüente demanda de pescadores para aumentar os lucros da fazenda.

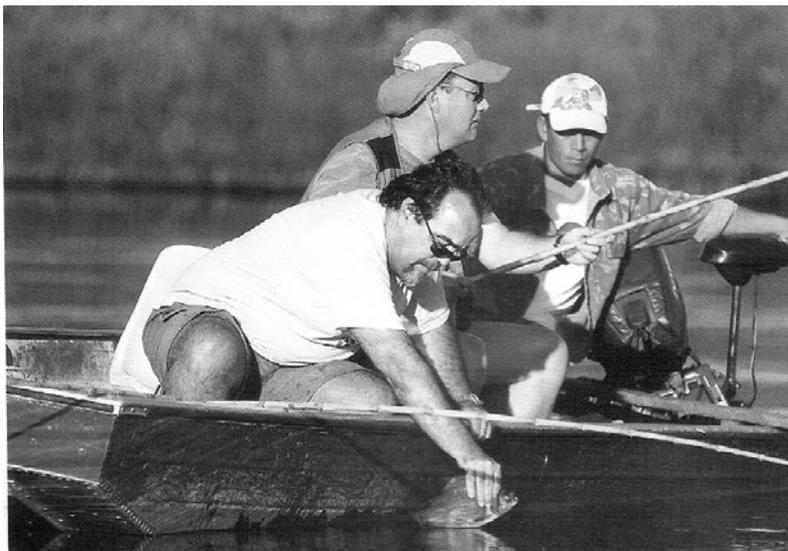


Figura 8: Pantaneiro conduzindo turistas de pesca esportiva

Para os proprietários e empresários do turismo na Região do rio Negro, o Pantanal é hoje reconhecido por sua riqueza de recursos naturais, mas é o patrimônio cultural que o diferencia dos demais destinos de ecoturismo³⁷ do mundo. A oportunidade de ver animais selvagens, paisagens exuberantes, matas de grande porte existe em diferentes partes do mundo. O que faz do Pantanal um destino especial é a riqueza do patrimônio cultural, o fato de existirem pessoas interagindo com a natureza de uma maneira peculiar, própria do local.

Essa visão de que a cultura pantaneira é o elemento-chave para a promoção do turismo na Região do rio Negro pode ser reconhecida no discurso dos proprietários de pousadas. Existe, entre eles, a intenção de fazer do turismo no rio Negro uma experiência cultural em que o turista vivencia os costumes ao mesmo tempo em que desfruta a natureza.

“(…) ele (o peão) tem que mostrar pro turista que ele se orgulha de ser pantaneiro (….) eu enfatizo todos os dias para eles: ‘vocês têm que mostrar o que vocês são, vocês não têm que andar de um jeito que vocês não são, nem se portar de uma maneira que vocês não são. Você chega no galpão, arranca a botina porque ela está encharcada, você tem que fazer isso com o turista também. Mostra seu pé cheio de frieira, passa a pomada minancora e pronto. Lava a mão antes de sentar na mesa, tira o chapéu para entrar em casa, pede licença para entrar na minha casa. Vocês são educados e têm que mostrar que são, não tem que ser diferente’(…) É isso que eu procuro mostrar para os turistas” (Beatriz, proprietária, 62 anos).

³⁷ Esta visão de ecoturismo adotada pelos empresários do turismo na Região vai ao encontro da proposta de ecoturismo estabelecida nas Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (In: EMBRATUR / IBAMA, 1994), que visa o uso turístico do patrimônio natural e cultural de maneira sustentável e como mecanismo de educação ambiental.

Há entre os proprietários o interesse em vender aos turistas os hábitos pantaneiros: o espetáculo da natureza fica ainda mais interessante se for vivenciado em companhia da população local, dos que fazem parte daquela natureza. A intenção é que os visitantes conheçam o Pantanal “autêntico”³⁸, mais próximo possível do real, pois entendem que isto faz seu produto ter maior destaque no mercado.

A busca pelo autêntico e a fuga da encenação fazem parte do universo do turismo. Segundo MacCannell³⁹, o turista não se contenta apenas com o conhecimento superficial dos lugares, ele tem a intenção de ir a lugares reais, de conhecer os bastidores e transformá-los na atração da viagem, uma maneira de tornar sua experiência mais original, diferente da viagem convencional que possa ter sido vivenciada pelos demais membros de sua sociedade. Para o autor, o turista está em constante movimento em busca de situações diferentes à dele, mas acaba encontrando uma “autenticidade encenada”, ou seja, para que o real seja visto, é necessário que esteja disponível em local e hora marcada, oferecendo um determinado grau de conforto ao espectador, o que acaba formando um produto não tão próximo do real como se esperava.

É o que se observa em alguns destinos de turismo rural que oferecem a ordenha como atividade para os visitantes. Uma prática rural que é feita antes do amanhecer para que o leite possa ser consumido no café da manhã, é executada em períodos diferenciados do dia para que o visitante tenha a oportunidade de vivenciá-la sem interferir nas suas horas de sono. O acordar do trabalhador rural e os movimentos que antecedem a ordenha do leite como o recolhimento das vacas em um curral, não são vivenciados, nem mesmo visualizados pelos visitantes, que acabam por conhecer somente o ato em si e não o contexto que levou àquela prática rural. Se vivencia um “autêntico encenado” que não deixa de ser uma ação real, sendo apenas adaptada no espaço e no tempo para atender à demanda dos turistas.

Urry e Rojek (1997) chamam a atenção para o fato de que a comercialização do turismo está desabilitando as pessoas de sentirem os lugares. A visão se tornou o sentido predominante na experiência de viajar, é necessário ver para poder sentir. Isto foi estimulado pelas imagens e símbolos gerados pela fotografia, que democratizou as formas de experiência

³⁸ No atual contexto do debate antropológico sobre o conceito de cultura, não cabe falar em cultura ou manifestação autêntica ou inautêntica, pois, sendo processos dinâmicos, estão sujeitos a mudanças constantes. Ao empregar, no entanto, a expressão “cultura autêntica” neste trabalho, têm-se como base o debate sobre a autenticidade e inautenticidade da experiência turística, conforme ocorre no contexto da antropologia do turismo (URRY & ROJECK, BANDUCCI JR.), em que a questão da perda das referências culturais nativas em função do contato com o outro é que se coloca como parâmetro de discussão. Em outros termos, mesmo que sofrendo influências, mudanças, re-elaborações, a cultura nativa mantém sua estrutura de significados.

³⁹ In: ARAÚJO, 2005.

humana dando um formato para as viagens (p. 9). As imagens antecipam o consumo do lugar e oferecem uma leitura semiótica, sem contextualização, que faz com que os turistas busquem determinados símbolos e somente eles no lugar de destino. É o que ocorre no Pantanal a respeito da vida selvagem. As imagens sobre o destino brasileiro de ecoturismo estão relacionadas a da onça-pintada e de alagados. Para o consumidor, fica a certeza de que em sua estada no Pantanal verá o felino e andará por campos inundados que conseqüentemente são cheios de mosquitos. O fato é que a onça-pintada é um animal de hábitos noturnos e bastante raro de ser visto em comparação a jacarés e capivaras, assim como os alagados se formam e os mosquitos estão mais ativos na estação da cheia, sendo que a época de maior visitação turística é a seca. As imagens vinculadas sobre o destino visam mostrar o que é típico, mas não são necessariamente relativas à real experiência que o visitante terá no Pantanal e isso pode gerar frustrações, desilusões, descontentamentos, muito em razão deste consumo antecipado da viagem.

Vargas (2006) afirma que aqueles que vivem no Pantanal têm uma relação utilitária com o ambiente que representa o seu meio social e que esta maneira de se relacionar com o meio é vista pelos que vêm “de-fora” como um espetáculo (p. 235). Por influência das imagens produzidas e comercializadas, o Pantanal vem sendo tratado como “santuário ecológico” por aqueles que não habitam ou se relacionam diretamente com ele. Esta apropriação simbólica foi intensificada a partir da exibição da novela *Pantanal* produzida na Fazenda Rio Negro pela rede Manchete de televisão entre 1989 e 1990, e transmitida ao público nacional e internacional.

Os símbolos e imagens do Pantanal saíram da fotografia e ganharam espaço na tela de milhares de residências. Não se mostrou apenas a natureza e a cultura pantaneiras, como também foi umas das primeiras ocasiões em que houve exibição de mulheres semi-nuas em horário nobre, o que chamou mais ainda a atenção do público⁴⁰. Esta produção foi um marco na formação da imagem do Pantanal e foi a “alavanca para o turismo”, utilizando as palavras de uma das proprietárias entrevistadas. Além do público brasileiro, a novela chamou a atenção de holandeses, portugueses, gregos, russos, americanos, entre outras nacionalidades, que passaram a conhecer o Pantanal a partir das imagens da televisão.

A novela foi reprisada por três vezes, sempre com alto índice de audiência e, em junho de 2008, outra emissora de televisão, que comprou os direitos de exibição, passou a

⁴⁰REVISTA VEJA. São Paulo, SP. 9 de maio de 1990. Mensal. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/090703/capa_090590.html. Acesso em 02 set. 2007.

retransmiti-la. A audiência da emissora triplicou no horário da novela⁴¹, o que contribui novamente com a divulgação do Pantanal e da região no restante do país. Ainda não é possível medir o quanto a retransmissão da novela está contribuindo com as vendas das pousadas, mas proprietários e operadores de turismo estão entusiasmados com a oportunidade comercial que a mídia está oferecendo.

Após a primeira exibição da novela, o Pantanal passou a ser tema freqüente em diferentes veículos de comunicação. Outras produções cênicas foram realizadas nas fazendas pesquisadas como um *Reality Show* sobre comitivas para uma televisão belga; cenas para as novelas América (Rede Globo) e Bicho do Mato (Rede Record); reportagens para programas de renome, como os exibidos na National Geographic e na BBC, sempre abordando questões sobre conservação, biodiversidade e, de maneira ainda acanhada, o habitante do Pantanal.

Quando uma cozinheira foi questionada sobre a diferença entre trabalhar em uma fazenda no Pantanal do rio Negro e uma fazenda em outro Pantanal, ela respondeu que é a chance de conhecer pessoas famosas. Mostrou fotos com vários artistas como Ana Maria Braga, Tiago Lacerda, Paulo Gorgulho, Van Dame, Eliane, Luciano Huck, isto é, artistas que foram a trabalho ao Pantanal, demonstrando que esta região em particular, vem sendo bastante utilizada pela mídia.

Além dos meios de comunicação, o turismo também tem se valido das manifestações culturais dos que habitam o Pantanal. Uma pesquisa realizada junto ao “livro de hóspedes” da Fazenda Barra Mansa, uma espécie de coletânea contendo relatos voluntários sobre as experiências dos hóspedes no Pantanal, revelou que 74% dos turistas que deixaram suas impressões mencionavam satisfação com a natureza e 72% mencionavam ter apreciado o contato com as pessoas da fazenda. A partir desta pesquisa feita durante cinco anos de operação da fazenda com turismo, é possível afirmar que, nas impressões finais da hospedagem, o relacionamento interpessoal figura como importância tão grande quanto a relação com a natureza, demonstrando que o alto grau de satisfação se deve, em grande parte, às características das pessoas do local (BARROS e HARTENTHAUER, 2003).

A pesquisa apontou ainda que as manifestações culturais mais marcantes para os hóspedes foram a experiência gastronômica e o uso do laço. É unânime entre os estrangeiros a satisfação com a cozinha pantaneira, que se compõe basicamente de pratos que conjugam o uso da carne, da carne seca, da mandioca e do queijo fresco. Entre os pratos mais conhecidos da gastronomia regional estão o arroz carreteiro, arroz cozido com carne seca; o

⁴¹ CASTRO, D. Juiz nega liminar à Globo contra Pantanal. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 jun. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u411586.shtml>. Acesso em 13 jun. 2008

caribéu, mandioca cozida com carne seca; o surtun assado; um corte de carne, típico pantaneiro, localizado próximo ao lombo do boi; o porco à pururuca, carne de porco monteiro assado; o pucheiro, carne com osso cozida; a chipa, bolinho assado preparado com queijo e polvilho; e o doce de leite e doces de frutas em geral, servidos como sobremesa.

No Pantanal do rio Negro, a produção e o consumo desses produtos se dão *in loco*. A comercialização de um laço de couro ou de um doce de leite, ambos “para viagem”, ou seja, para serem consumidos fora do Pantanal, ainda é pequena, mesmo após os estímulos dados pelo Projeto Sapicuá Pantaneiro. Entretanto, há pessoas que conhecem o valor de seu artesanato e demonstram desenvoltura pra vender seus trabalhos. É o caso de um peão que, atualmente, produz laços em couro com o objetivo de vender para os turistas. Afirma que passou a trabalhar o couro em outro horário que o usual (atividade tradicionalmente realizada antes do amanhecer ou aos domingos), para que os turistas possam visualizá-lo trabalhando e se interessem em comprar. Quando perguntado sobre o valor do seu laço, a resposta foi rápida e em dólares, colocando o valor do produto a cima de U\$ 50,00.

A produção artesanal está deixando de ter um caráter estritamente utilitário para incorporar a questão comercial. Assim como outras manifestações culturais estão sendo apropriadas pela nova economia do espaço, não apenas para serem expostas aos turistas, mas também para satisfazer a curiosidade e a necessidade de consumo dos que estão de fora, influenciados pela mídia.

Recentemente, um restaurante localizado na capital de Mato Grosso do Sul, que utiliza a marca “pantaneiro” no próprio nome e serve pratos regionais em um ambiente tematizado, passou a produzir alimentos pré-cozidos e embalados a vácuo que podem ser armazenados por até 20 meses⁴². Os nomes carreteiro pantaneiro, farofa pantaneira e galinhada pantaneira são agora de propriedade desta empresa e somente ela pode usá-los. O objetivo maior da empresa é vender estes produtos para outros Estados e para o exterior, uma vez que entende que seu produto é de qualidade e exerce representatividade no mercado devido à marca Pantanal.

Outro caso recente é o de um músico sul-mato-grossense que gravou um CD de composições próprias em sua fazenda no Pantanal. Ao colocar o produto no mercado fonográfico, usou a frase “o primeiro CD de música inteiramente produzido no Pantanal”⁴³ como estratégia para promover seu trabalho.

⁴² In: <http://www.comitivapantaneira.com.br/produtos.html>.

⁴³ In: <http://www.guilhermerondon.com.br/>.

Canclini (2003) alerta para o fato de que a interação comercial das culturas populares rurais com a sociedade urbana pode ser extremamente positiva para a manutenção de suas características culturais, desde que as comunidades de beneficiem disso. Estudos revelam que as culturas tradicionais, à medida que se transformam, se desenvolvem, pois o mercado tem necessidade de incluir suas estruturas e bens simbólicos nos meios de comunicação de massa, assim como os sistemas políticos usam estes elementos para fortalecer sua hegemonia e legitimidade⁴⁴ (p. 215).

Apesar de alguns usos comerciais de bens simbólicos do Pantanal serem abusivos no sentido de não beneficiarem a comunidade local diretamente, como é o caso do restaurante acima citado, é preciso reconhecer que grande parte do crescimento e da difusão da cultura pantaneira bem como o fortalecimento da marca Pantanal se deve a sua divulgação nos meios massivos, na produção ficcional e fonográfica e também no turismo⁴⁵.

A intensa exploração da imagem Pantanal leva àqueles que ali habitam a também incorporar a imagem de um Pantanal simbólico, fortalecendo sua identidade territorial, conforme elucida Vargas (2006):

Considerando que a identidade encontra-se profundamente envolvida no processo de representação, admite-se que a forte veiculação do Pantanal simbólico interfere na construção identitária do indivíduo pantaneiro (...) a identidade social/territorial pode ser interpretada como algo “dado”, decorrente da naturalidade, da vivência e da cultura, e também como algo construído, uma auto-atribuição, (...) quando os indivíduos se reconhecem como pantaneiros (p.61-62).

Você se considera pantaneiro(a)? Essa foi uma das perguntas iniciais do roteiro de entrevistas elaborado para a realização desta pesquisa. Observou-se que, para a maioria dos entrevistados, responder a esta pergunta não é fácil, pois, ser pantaneiro tem uma carga simbólica que remete a um modo específico de ser, de vestir, de viver, definidos com base nos significados que a sociedade, como um todo, estabelece para dizer o que é ser ou deixar de ser pantaneiro.

Com 36 anos de idade, Nilson trabalha como vaqueiro no Pantanal há 21 anos. Não se considera pantaneiro porque nasceu e morou na cidade até os 15 anos; porque gosta de usar boné ao invés de chapéu de palha; e porque gosta de comer pão e bolo no desjejum ao invés de arroz carreteiro, diferentemente dos demais colegas de trabalho. Para a turista

⁴⁴ Canclini (2003) alerta para o fato de que se não for a participação e o interesse da população local na continuidade da produção cultural, determinada em manter sua herança renovada, os diferentes usos do patrimônio cultural seriam impossíveis (p. 215).

⁴⁵ Cf. CANCLINI, 2003, p. 217.

francesa Louise, de 49 anos, que o conheceu e com ele conviveu durante sua estada na fazenda, este vaqueiro é pantaneiro, pois possui domínio sobre os cavalos e o gado, conhece bem a natureza e a respeito, toma tereré e sabe fazer churrasco de fogo de chão.

Em algum momento foi repassado a esse vaqueiro o valor de que usar chapéu de palha o faz ser pantaneiro e usar boné, não; que comer comida salgada de manhã, o chamado *quebra-torto*, é hábito de pantaneiro e como ele prefere comer pão, ele não possui os quesitos que o permitiriam se auto-denominar pantaneiro.

Este rapaz não se reconhece como pantaneiro por não compartilhar de valores que, para ele, são essenciais na caracterização do “ser pantaneiro”, pois tem como referência de pantaneiridade os símbolos que foram repassados por seus pais, por colegas de trabalho mais velhos, ou até mesmo pelo patrão. Já para quem o vê de fora, o vê essencialmente pantaneiro, pois sua realidade e seu modo de vida condizem com a expectativa do visitante, que formou uma imagem prévia a respeito do lugar que iria visitar. Esta imagem está ligada à idéia de rusticidade, autenticidade, aquilo que muitos turistas buscam ao optar em viajar para o Pantanal, e é aí que reside o conflito de identidade do rapaz. Para o patrão, “autêntico” é usar chapéu de palha e não boné; para a turista, “autêntico” é laçar um bezerro no campo, com ou sem chapéu.

Segundo Urry e Rojek (1997), a posição predominante é que o turismo deveria ser interpretado como uma busca pela autenticidade. Entretanto, consideram que não há como manter uma cultura isolada de outras, uma vez que a cultura, assim como as pessoas e os objetos, viaja, e, portanto, é difícil definir o que é “autêntico” em um território turístico. Os autores defendem que cultura e turismo se sobrepõem e que isso se deve à “culturalização da sociedade”, que em razão dos fluxos migratórios e turísticos (individual ou massivo), gerou uma homogeneização das esferas sociais e culturais que antes eram distintas (p. 4-5). Essa homogeneização pode ser vista na opção do vaqueiro em usar boné ao invés de chapéu de palha. Se no passado só se via peões usando chapéu de palha, hoje pode-se vê-los usando bonés também e esta mudança foi natural, fruto do intercâmbio entre os povos.

Seguindo o trabalho de Canclini (2003), é necessário entender que a cultura é dinâmica e, como tal, está sujeita a sofrer transformações, seja em função de novos arranjos internos, seja em decorrência de influências externas. Neste caso, deve-se atentar ao fato de que a assimilação do novo ocorre sempre a partir dos parâmetros da cultura receptora e, desse modo, é objeto de resistência ou re-elaboração de sentidos. A cultura se transforma, mas não perde suas referências estruturantes. O fato de um vaqueiro vir a se tornar, por exemplo, um guia de turismo ou um piloto no contexto do turismo no Pantanal, não significa que tenha

perdido sua identidade, que tenha deixado de ser pantaneiro. No ambiente turístico, desde que as manifestações culturais tenham significado para quem as pratica, as referências culturais se mantêm, pois a sua assimilação ocorre com base em parâmetros nativos.

O turismo está reconstruindo ou ampliando a noção de identidade pantaneira. O que antes era determinado pelo padrão, quem dizia o modo correto de agir para ser um pantaneiro em sua propriedade, agora está sofrendo influência dos turistas, que, munidos de idéias pré-concebidas sobre o que esperar de um habitante no Pantanal, estabelecidos com base nas informações adquiridas em imagens, determinam os elementos culturais que darão referência ao que se busca por cultura pantaneira. Em decorrência destas novas exigências do mercado, as pessoas estão se adaptando e reconstruindo sua cultura.

Vargas (2006) afirma que o indivíduo pantaneiro sofre interferência permanente na construção de sua identidade devido à intensa veiculação do Pantanal espetáculo. Entende-se que a mídia impõe valores e demanda a manutenção de características que podem não fazer mais tanto sentido na atualidade, como é o caso de salgar a carne sendo que há refrigeradores para conservá-la. Entretanto, como afirmou Urry e Rojek (1997), a cultura é móvel, dinâmica, ela viaja junto com as pessoas e se transforma, se reconstrói a ponto de poder se tornar híbrida, única, composta de diferentes convenções e símbolos culturais que vão ao encontro do que os turistas desejam consumir. A aproximação das culturas às necessidades de consumo do turismo é uma oportunidade de as comunidades locais dialogarem com o mercado, comercializando seus produtos e se inserindo nele de uma forma inovadora e, até mesmo, mais democrática, pois, em alguns casos, ocorrem sem intermediações dos padrões.

O artesanato é uma das maiores necessidades de consumo do turista. No Pantanal, foi observado que os visitantes costumam ficar fascinados com a delicadeza e com o colorido das faixas paraguaias que os vaqueiros usam na cintura quando saem a cavalo. Sabendo disso e com influência do Projeto Sapicuá, muitas mulheres passaram a tecer faixas em menor tamanho para serem usadas como cinto por mulheres, como marcador de páginas de livro e pulseira, dando outro uso ao produto tecido manualmente nos teares tradicionalmente usados para confecção da faixa masculina. Isto foi questionado por alguns proprietários rurais do Pantanal, que consideram esta mudança uma descaracterização cultural.



Figura 9: Mulher pantaneira tecendo uma faixa-paraguia

O fato é que confeccionar a faixa masculina não oferece vantagem para as artesãs, pois sai mais barato para os vaqueiros comprar faixas industrializadas na cidade que pagar pela confeccionada manualmente. Porém, a técnica de tecer, o ato de mesclar cores e linhas, a ocupação do tempo livre com o artesanato, mesmo que realizado em frente à televisão, se mantém vivo neste grupo social e propicia o contato dos mais jovens com a prática cultural. Por isso, o marcador de livro vendido nas pousadas pode ser visto como um produto tão característico da cultura pantaneira quanto é a faixa masculina.

Da mesma forma, o laço de couro feito pelo peão citado anteriormente não deixa de ser uma manifestação cultural autêntica só porque o turismo fez com que ele adaptasse o horário da produção, o tamanho e o preço do produto para poder comercializá-lo.

Uma pesquisa realizada sobre a influência do turismo na cultura dos índios Pataxó, no litoral sul da Bahia, mostra que “a mudança cultural (...) não deve necessariamente ser percebida apenas pelo ângulo do paradigma da aculturação, pois o seu inverso pode se sobressair com o surgimento de vários novos elementos culturais de caráter tradicional entre a população hospedeira” (GRÜNEWALD, 2005, p. 127). No caso dos índios, há mais de três décadas os elementos da cultura Pataxó estão sendo “reinventados”, desde danças até artesanato. A demanda turística pelo consumo de artesanato indígena cresce junto com o turismo e exige dos artesãos a criação de peças em larga escala, com usos diferenciados dos usos tradicionais. A produção artesanal deixou de ter um caráter utilitário para gerar objetos “inventados” para o consumo dos turistas, seguindo suas imposições comerciais e estéticas.

Para o autor, esta prática não deixa de ser autêntica pois foi criada pelos índios, fazendo, portanto, parte de sua cultura. Segundo ele,

a mercadorização cultural não destrói necessariamente o significado dos produtos culturais, que, orientados para turistas, adquirem novos significados para os seus produtores. (...) se os produtos transformados pela mercadorização guardam traços que satisfaçam às expectativas dos turistas, continuarão autênticos aos olhos desses consumidores (GRÜNEWALD, 2005, p. 140).

Não somente as manifestações culturais mas também os elementos da natureza são capazes de transformar-se em produtos de mercado. Esta transformação pode ser estimulada pelo turismo ou por quaisquer outras ações desenvolvidas a fim de dar uso ao patrimônio natural e cultural. Esta mercantilização não deve ser reduzida a espetacularização ou a uma ação de aculturação, pois pode assumir novos significados para quem os compartilha. Na Região do rio Negro, esta transformação tem gerado resultados positivos para os que ali habitam, pois além de propiciar a participação destas pessoas no mercado e no processo sócio-econômico global, fortalece sua identidade pois valoriza e reconhece a cultura regional.

2.4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Buscou-se, neste capítulo, demonstrar que a territorialidade do turismo no Pantanal do rio Negro se dá a partir das novas relações que ocorrem nas fazendas da região e, sobretudo, da nova forma de o nativo lidar, interpretar e viver naquele território. Além disso, sua identidade está se re-elaborando com o turismo, sem deixar de ser, no entanto, pantaneiro.

Demonstrou-se que medidas restritivas ao uso do rio e outras atitudes conservacionistas em relação ao patrimônio vêm sendo tomadas na região, a fim de fortalecer a frente às novas atividades econômicas que ocupam o espaço pantaneiro e ameaçam sua integridade. É o caso de denúncias contra a prática de queimadas e desmatamento nas fazendas, participação em movimentos contra a execução do projeto Hidrovia Paraná-Paraguai e licenciamento de siderúrgicas no planalto pantaneiro, bem como o estímulo e participação em projetos como o Sapicuá Pantaneiro e Corredores Ecológicos. A Região do rio Negro revelou-se engajada na defesa dos interesses dos fazendeiros que a compõem (quando lhes é oportuno), à medida em que se mantém organizada em associações, seja de proteção ao rio, de promoção da carne orgânica ou de desenvolvimento da atividade turística.

O turismo configura-se como uma das atividades econômicas que tem contribuído com a manutenção da propriedade da terra aos fazendeiros que fazem parte da conformação histórica e social da região. Tem também destacado a região frente às demais áreas do Pantanal, pois revistas de viagens e turismo utilizam sua imagem para promover o Pantanal como um todo, bem como fazendas da região e de fora dela, utilizam a marca rio Negro para se destacar entre os demais destinos turísticos do Pantanal.

Foi visto que a regionalização, na corrente humanista, tem como característica a afirmação das diferenças frente à homogeneização do processo globalizante. A valorização da Região do rio Negro, promovida pelo mercado turístico, pode vir a proteger a identidade do indivíduo pantaneiro e estimular a permanência destes no lugar a que possuem afeto. Porém, é importante salientar que essa valorização tem origem no interesse dos proprietários e do mercado turístico, pois se dá em função de uma necessidade mercadológica de garantir autenticidade ao produto turístico, com o objetivo de satisfazer os anseios de turistas que procuram experienciar um Pantanal exclusivo, sem se preocupar com quanto a viagem possa custar.

Sob o ponto de vista mercadológico, à medida que o turismo se apropria do rio Negro e o eleva a um status diferenciado dos demais, fortalece a região perante a concorrência da oferta turística no Pantanal. Os proprietários da região ganham com essa projeção, pois, ao buscarem oferecer autenticidade e exclusividade, colocam-se em vantagem perante o mercado e com perspectivas de maiores lucros em comparação com a concorrência. Os funcionários também ganham com esse avanço, pois, com o bom andamento da empresa, têm seus trabalhos e salários garantidos. Ao mesmo tempo, podem permanecer no Pantanal e manter um contato com turistas que os valorizam e os vêem como pantaneiros.

Sob o ponto de vista sócio-cultural, os funcionários permanecem submetendo-se à demanda de trabalho delegada pelos patrões – o que não deixa de ser uma forma de manutenção das tradições pantaneiras - e estes submetidos à demanda do mercado, que estabelece padrões de conduta e postura, a fim de manter suas características singulares, para atender às necessidades dos turistas.

É importante ressaltar que esta “autenticidade” só se mantém porque as manifestações e estruturas culturais ainda possuem significado para o grupo. Talvez este significado esteja ligado à perspectiva de gerar renda mais do que à perspectiva utilitária do artesanato, como a mulher que continua tecendo faixas na fazenda para poder vender aos turistas. Neste sentido, o turismo está valorizando o artesanato regional de maneira que passem a ser objetos de consumo, ao invés de simples manifestações do tradicional.

Entretanto, uma das maiores características da territorialidade do turismo na cultura pantaneira é a oportunidade que as pessoas encontraram em dialogar com as demais culturas mantendo suas referências ao mesmo tempo que atendendo às demandas do mercado. Em outras palavras, o turismo, mais do que criar objetos de consumo, está permitindo que estas pessoas que sempre estiveram à margem do processo sócio-cultural e econômico global, dialoguem com o mercado e a sociedade de forma minimamente democrática, ou seja, reconhecidas e valorizadas.

3. A MULHER PANTANEIRA

Escrever sobre um grupo específico de mulheres leva o leitor a pensar que se trata de um trabalho específico sobre gênero. Entretanto, não é este o enfoque desta pesquisa. Por se tratar de uma discussão embasada na ciência geográfica com um aporte da antropologia do turismo, o estudo aqui desenvolvido busca compreender a dinâmica do espaço pantaneiro sob a territorialidade do turismo através do olhar da mulher.

Joseli Silva (2005) em seu artigo “Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira”, discute a invisibilidade feminina como agente da produção do espaço e a falha da ciência geográfica ao não contemplar a visão feminina no instrumento teórico-metodológico. A autora defende uma “geografia feminina” e retoma o trabalho de Bondi e Domosh (1992), em que afirmam que os geógrafos têm uma dificuldade em analisar o espaço sob a perspectiva feminina, porque a produção do conhecimento geográfico está ligada ao androcentrismo (SILVA, 2005, p. 174). Segundo ela, a “geografia feminina” busca compreender como o sujeito feminino é construído nas estruturas de dominação espaciais uma vez que o espaço é constituído por diversos significados atribuídos pelos diferentes grupos que o usam, e esses significados se acumulam no tempo e no espaço, refletindo os estereótipos de gênero e as forças do feminino e do masculino na produção.

Não se deseja fazer desta pesquisa um trabalho da “geografia feminina”, nem debater sobre a questão de gênero na sociedade rural contemporânea, mas alguns conceitos devem ser revisados para que haja um entendimento do leitor sobre os fundamentos teóricos da pesquisadora quando esta se propõe a interpretar a mulher pantaneira:

1) Entende-se que a divisão sexual do trabalho não é natural, mas sim histórica. A subordinação da mulher ao homem “sempre respondeu a interesses econômicos e políticos institucionalizados e transmitidos de geração a geração” (VIEZZER, 1989, p. 115). Nas fazendas de pecuária do Pantanal, o trabalho do campo, base da atividade econômica, sempre foi executado pela figura masculina devido a sua força e resistência física. Às mulheres coube a execução das atividades domésticas. Por isso, no trabalho do turismo, os homens atuam no campo como guias locais e as mulheres na casa como cozinheiras, arrumadeiras e lavadeiras.

2) Acredita-se que o patriarcalismo do modo de produção gera desigualdade na remuneração entre homens e mulheres (HUXLEY & WINCHESTER *apud* SILVA, 2005, p. 184). Observa-se que nas fazendas de gado, o trabalho remunerado das mulheres está atrelado à atividade doméstica de limpeza e manutenção da casa-sede, lavagem de roupas e ao ato de

cozinhar para os patrões e/ou funcionários. Fazendo uma comparação de salários, a remuneração da mulher (quando contratada) é igual à do vaqueiro, entretanto, para aqueles que exercem trabalhos temporários, o valor pago pelo dia de trabalho às mulheres sempre foi inferior ao valor pago aos homens.

3) Compreende-se que a atuação profissional das mulheres, embora seja uma conquista, está, principalmente, em torno de atividades domésticas, o que demonstra a existência de guetos profissionais femininos (MORAES, 2003, p.30). Territórios femininos e masculinos são tradicionais nas fazendas: peões não entram na cozinha (território feminino) e mulheres não entram no galpão (território masculino), a exceção de alguns vaqueiros que cozinham e, esporadicamente, preparam refeições especiais para os patrões, bem como as proprietárias que acompanham o trabalho de campo junto dos peões⁴⁶. Dificilmente há homens trabalhando na limpeza da casa, bem como mulheres trabalhando como vaqueiras ou guias de campo.

4) Percebe-se que todas as mulheres sofrem a mesma discriminação sexual e têm, neste sentido, reivindicações comuns. Mas a impossibilidade de transformar estas reivindicações numa plataforma única, de sensibilizar as mulheres em relação a esta plataforma, está dada pelas contradições situadas no âmbito da divisão de classes e de raças (MORAES, 2003, p. 32). A complexidade deste fato se manifesta nesta pesquisa pois, quando se propõe a falar da mulher pantaneira, agregam-se patroas e funcionárias em um mesmo bloco, exigindo uma classificação do grupo para que haja uma descrição mais aproximada do real. As necessidades das mulheres funcionárias não são necessariamente as mesmas das mulheres proprietárias, sendo uma subordinada à outra, o que dificulta a constituição de reivindicações femininas comuns.

Visto isto, é necessário ainda ressaltar que a interpretação sobre o papel da mulher na sociedade pantaneira será feita através de um olhar também feminino, apesar dos esforços da pesquisadora em destituir-se de gênero, raça e classe social no trabalho de campo.

Neste capítulo pretende-se demonstrar de que forma o turismo influencia a vida das mulheres pantaneiras, sobretudo, em relação à maneira como elas se relacionam com o Pantanal e com suas famílias. A proposta é realizar uma etnografia das mulheres que habitam o Pantanal do Rio Negro, investigando o universo feminino nas fazendas que trabalham com turismo, a partir da observação participante conduzida durante a pesquisa de

⁴⁶ A respeito dos territórios femininos e masculinos nas fazendas, BANDUCCI (2005) ressalta que todos os ambientes domésticos são de domínio feminino: a casa e o terreiro que a circunda, as beiras de baía onde lavam roupas e abastecem de água para serviço da casa e até mesmo a casa sede em caso de estarem empregadas na fazenda (p. 149-150).

campo, complementada pela experiência pessoal da autora, construída ao longo de seis anos de convivência esporádica com essas pessoas.

Para atingir o objetivo proposto, optou-se por seguir pelo viés da antropologia interpretativa, utilizando a abordagem de Clifford Geertz (2000) como base para esta prática etnográfica. Para ele, a etnografia é uma descrição densa em que o pesquisador propõe-se a enfrentar uma “multiplicidade de estruturas conceituais complexas” (p.20) que compõem os símbolos de uma cultura, a fim de apreendê-los e, em seguida, interpretá-los, procurando sempre resistir ao subjetivismo e ao cabalismo, ou seja, evitar a interferência das referências prévias do pesquisador na observação dos fatos, assim como a severidade em suas interpretações. O papel do etnógrafo é observar e interpretar os fatos, no dizer do antropólogo, consiste numa “adivinhação” dos significados, uma “avaliação das conjecturas” (p. 30).

A proposta de observar, registrar e interpretar a cultura pantaneira sob a ótica da mulher como um recurso metodológico e teórico para o desenvolvimento deste trabalho, não é uma tarefa fácil. Existe uma lacuna que separa o observador do observado e ao mesmo tempo os une: para esta pesquisadora, a intenção inicial de estudar esse universo surgiu de um sentimento de admiração e conseqüente curiosidade em conhecer e compreender a esfera feminina das fazendas pantaneiras. Este sentimento aflorou com a convivência cotidiana que a pesquisadora passou a ter com as mulheres locais ao trabalhar em uma fazenda de turismo na Região do rio Negro. Esta lacuna, de ordem sócio-cultural, passou a ser um elo entre as duas partes, pois o interesse em conhecer a realidade do outro era recíproco, o que permitiu a aproximação e, em alguns momentos, a incorporação da pesquisadora ao ambiente pesquisado. Dessa forma, o olhar do estrangeiro, de “turista” da pesquisadora, existente no primeiro momento do contato com as mulheres pantaneiras, transformou-se em olhar investigativo, à medida que essa curiosidade deu origem a uma pesquisa e esta ganhou objetivos e métodos.

Nesse sentido, propõe-se interpretar o significado das relações que sustentam o cotidiano da mulher pantaneira nesse início de século, no contexto das fazendas de turismo. O capítulo foi dividido em três momentos: o primeiro diz respeito ao cotidiano das mulheres, com foco no universo do trabalho; o segundo está relacionado às características identitárias destas mulheres; e o terceiro trata das relações familiares. Ao fim desta análise, pretende-se demonstrar de que forma o turismo está interferindo na dinâmica da família pantaneira, nas relações interpessoais, ao mesmo tempo em que esta é afetada pelas inserções tecnológicas e processo de globalização.

3.1 AS MULHERES QUE OS TURISTAS NÃO VÊEM

Quando se fala em mulher do campo, em especial as que moram e/ou trabalham em fazendas de pecuária no Brasil, a tendência é descrever esposas e mães que assumem as atividades domésticas de cuidar da casa e filhos, prover a alimentação da família, cuidar da criação de animais para consumo próprio e plantar algumas ervas e verduras no quintal. Ou, em outra esfera, a da mulher proprietária rural, aquela que teve acesso aos estudos, mora na cidade ou na fazenda porque gosta de viver no meio rural e quer cuidar de perto do patrimônio.

Belkisse Correa Gomes, em sua dissertação de mestrado na área de educação, realizou um “retrato” das mulheres pantaneiras na década de 20 a 40 e afirma que tanto para as mulheres esposas dos peões, quanto para as proprietárias (estas, normalmente assessoradas por outras mulheres funcionárias), o papel das mulheres nas fazendas esteve atrelado às atividades domésticas que, na maioria das vezes, não era remunerado, à exceção das contratadas pela fazenda.

Após a década de 1990, quando a atividade turística se instalou em fazendas no Pantanal, a atividade feminina não se alterou, no entanto, ganhou em intensidade. Pautou-se em novas regras e horários, à medida que passou a ser realizada através de um contrato de trabalho. Isto porque, com o turismo, cresceu a demanda por trabalho feminino. O que antes as mulheres faziam em casa, agora fazem também na pousada, mediante um salário.

A partir da inserção de um número maior de mulheres no universo do trabalho remunerado das fazendas, elas não ganharam apenas novas responsabilidades, mas também novas oportunidades. A importância de seu ofício na prestação de serviços turísticos aumentou sua visibilidade na sociedade pantaneira mas, apesar de valorizada, ainda não é percebida pelos turistas da mesma forma como são seus colegas do sexo masculino.

Nas fazendas que trabalham com turismo na Região do rio Negro, identificam-se dois grupos de mulheres: de proprietárias e de não-proprietárias, estas subdividas em aquelas que moram e trabalham na fazenda e as que moram na cidade ou na fazenda e trabalham esporadicamente para a fazenda. Essa divisão torna-se apropriada na medida em que cada grupo tem uma relação específica com o trabalho e com o Pantanal. Entender essas diferenças é importante para compreender o universo feminino e de sua família, bem como as transformações na sociedade pantaneira neste início de século.

3.1.1 Caracterização das mulheres que trabalham com turismo

a) Proprietárias

Beatriz é proprietária rural, tem 63 anos e recebeu a fazenda como herança de seu pai na década de 1970. Morou em algumas cidades na infância e na juventude (Aquidauana, São Paulo, Campo Grande), quando estudou e casou-se pela primeira vez. Costumava ir para o Pantanal nas férias, quando se divertia tomando banho de rio, ajudando no trabalho de gado e até mesmo na caça de onças que predavam o rebanho. Seu pai era proprietário de um avião, mas Beatriz gostava de viajar para a fazenda em carro de boi, porque isso também fazia parte da diversão. Ela não cursou faculdade, preferiu assumir a administração da fazenda que herdou e auxiliar o marido, que também era fazendeiro.

Quando seu filho mais velho demonstrou interesse em auxiliá-la na administração da fazenda, optou por trabalhar em uma fazenda vizinha, cujo proprietário é seu amigo, para deixar o filho à vontade nos negócios e para que ela pudesse conhecer um outro ramo empresarial: o turismo. Trabalhou como gerente de um hotel fazenda por três anos.

Da habilidade adquirida durante os únicos anos de sua vida em que teve emprego e não foi empresária, da experiência de hospedar amigos e familiares na fazenda e no intuito de aumentar a renda da fazenda, Beatriz resolveu transformar sua casa em uma pousada, assim que o filho desistiu de trabalhar no Pantanal. O mobiliário antigo da casa-sede, os cristais e louças de família, os porta-retratos que contam a história da fazenda, tudo passou a ser usado e observado pelo olhar curioso dos turistas. Até mesmo a atenção de seus cachorros é dividida com os turistas. Todos os cômodos de sua casa se transformaram em área social, restando-lhe apenas seu quarto como refúgio individual.

Ela acorda cedo, em torno das 5h da manhã e liga o rádio para ouvir as notícias do dia. Aproveita a tranquilidade desse horário para fazer suas orações e praticar exercícios de yoga. Sai do quarto entre 6h e 6h30, dependendo se tem turista ou não na fazenda. Quando vai para a cozinha, sua funcionária já passou o café e arrumou a mesa para a patroa. No seu café da manhã não pode faltar o cafezinho preto e sua “farinha”, um misto de cereais que costuma comer com mamão. Antigamente costumava comer arroz carreteiro no desjejum, hoje, para evitar o ganho de peso, só serve carreteiro quando tem visitantes na casa. O cuidado com o corpo vai além da vaidade: Beatriz, apesar da idade, continua ativa no trabalho de campo sobre o cavalo. Ela precisa estar em forma para atender a demanda de trabalho na fazenda. Costuma acompanhar seu gerente e peões na rotina do trabalho do gado, o que pode se traduzir num dia inteiro sobre o cavalo. Além disso, costuma viajar com amigos uma vez ao ano para cavalgar. Já conheceu diferentes e exóticas paisagens do mundo, a cavalo.

Mas não é só o trabalho com os animais que demanda uma boa saúde física e mental. O contato diário com os turistas exige bastante energia, não sobrando tempo para descanso. Além de estar presente nas refeições e entreter os visitantes com assuntos interessantes e agradáveis, ela os acompanha nos passeios. Quando eles estão descansando, após o almoço ou ao amanhecer, ela está em contato com a equipe de funcionários, organizando o trabalho do dia e negociando com os parceiros do turismo as reservas e organização das viagens de grupos de turistas que estão por vir. Nestes momentos, também se dedica à família, muitas vezes por telefone, atendendo à mãe e aos filhos.

Assim como Beatriz, as outras duas mulheres proprietárias de fazenda turística na região incorporaram a figura de anfitriãs e administram seu dia entre as atividades domésticas - atender aos filhos e netos (muitas vezes à distância), coordenar a equipe de mulheres que cuidam da casa, gerenciar a fazenda - e atender aos turistas de forma que se sintam como convidados da casa, afinal, conforme foi dito, oferecer um serviço personalizado é uma das estratégias do turismo na região.

Ivone tem 81 anos e faz parte do grupo de mulheres proprietárias de fazenda no Pantanal. Apesar de ter passado para o filho a administração da fazenda e não coordenar diretamente a equipe de mulheres, por contar com o auxílio de uma governanta, acompanha à distância as atividades na fazenda: o número de turistas, o cardápio da semana, a reforma de roupas de cama, a demissão da cozinheira e etc. Assim como Beatriz, ela liberou sua casa para o uso dos turistas e isso lhe gera sentimentos conflitantes: ao mesmo tempo em que fica feliz em saber que a casa está com movimento - o que significa que está entrando dinheiro na fazenda - fica incomodada em saber que seu quarto está sendo ocupado por pessoas estranhas. Por isso ela evita ir para a fazenda quando há crianças, pois fica nervosa ao vê-las colocando os pés sujos no sofá, derrubando comida nas toalhas de mesa, furando com o dedo as telas protetoras das janelas, entre outras “travessuras” típicas de crianças.

Ela passou a infância e adolescência no Rio de Janeiro e só abdicou do conforto da casa da mãe quando se casou e foi morar no Pantanal, conforme conta:

“Saí de um apartamento na Prudente de Moraes, na praia de Ipanema, chiquérrimo, para ir morar numa tapera no meio do aguaceiro do Pantanal (...) até construirmos a sede da fazenda demorou um tempo. Fiquei sete anos com os presentes de casamento guardados em caixas (...). Mas foi uma época maravilhosa, eu criei meus filhos na fazenda, eu ouvia música e novela num radinho de pilha, eu fazia jardim, fazia manteiga, lingüiça, sabão, eu tinha uma geladeirinha a gás que cabia duas garrafas de água e só. Eu não lembro disso com mágoa, mas sim com alegria. Mas não sei se faria isso de novo (risadas)” (Ivone, proprietária, 81 anos).

Ela mora na cidade e vai à fazenda em torno de três vezes ao ano, sempre que se angustia com o movimento urbano. Diz que gosta de estar no Pantanal, apesar das mudanças ocorridas ao longo do tempo que mesmo tendo facilitado a vida da mulher pantaneira, “fez perder um pouco a graça”. Para ela, a graça estava em desnatar o leite para fazer manteiga, produzir lingüiça em dia de carneada, passar roupa com ferro à brasa, enfim, atividades que deixaram de ser praticadas devido ao acesso à energia elétrica, ao contexto urbano e à mudança no cotidiano das fazendas em função do turismo. Afinal, fazer lingüiça requer dedicação de um dia que nem sempre é possível com o movimento dos turistas. É a estas alterações que a proprietária se refere quando diz que “perdeu um pouco a graça” estar no Pantanal.

Na condição de proprietária, ela se queixa da mão de obra feminina disponível nas fazendas. Reclama da dificuldade em encontrar mulheres que permaneçam na fazenda por períodos mais longos, como era no passado, quando se chegava a ficar seis meses, até um ano direto na fazenda: “hoje, elas mal chegam e já perguntam quando é a próxima condução pra cidade”. Além disso, ela incomoda-se com o alto consumo das funcionárias referente aos produtos de limpeza, insumos alimentícios e gás de cozinha, como pode ser visto em seu relato:

“as cozinheiras de hoje preferem cozinhar no gás do que usar o fogão a lenha. E olha que não falta lenha boa na fazenda. A gente corta angico⁴⁷ que não faz tanta fumaça (...). Elas não se organizam pra dedicar um tempo da semana pra fazer massa. É muito mais fácil abrir o pacote de macarrão para cozinhar (...) as meninas da limpeza usam sabão em pó para tudo, lavar roupa, limpar banheiro, calçada. Você sabe o preço de um quilo de sabão em pó? Isso que tem sabão feito na fazenda com sebo de vaca, mas elas dizem que corroe os dedos, aí, como que eu vou proibir?” (Ivone, proprietária, 81 anos).

Quando está na fazenda, gosta de acompanhar as atividades de suas funcionárias, mas sem muita dedicação. Gosta de planejar o cardápio das refeições, verificar o enxoval, porém, o restante das responsabilidades, prefere não se interar. Ela comenta que está cansada de gerir funcionários porque considera a parte mais desgastante na administração da fazenda. Também prefere passar para seu filho e netos a responsabilidade e dedicação de fazer com que o visitante sintam-se em casa e seja a ele dado um serviço personalizado. Ela senta-se à mesa com os hóspedes em algumas refeições, mas prefere jantar no seu quarto para poder assistir novela sem ser incomodada. Diz que prefere jantar sozinha a “fazer social” com os hóspedes.

⁴⁷ Angico (*Anadenanthera colubrine*) é uma árvore de grande porte. Sua madeira, quando seca, é considerada pelas cozinheiras como a melhor para o feitiço de fogo por não fazer muita fumaça e formar brasa.

Tanto ela como Beatriz reconhecem que fazer “o social” com os hóspedes é um esforço extra, mas entendem isso como necessário, pois consideram o atendimento personalizado um grande diferencial. Para os turistas, aparentemente, este esforço não é percebido, pois sua estada na fazenda raramente ultrapassa cinco dias. É o que ressalta Krippendorf (1989) ao analisar a relação entre turistas e comunidades receptoras. Ele identifica que o turista não toma consciência que aqueles momentos inesquecíveis que está vivendo durante a viagem é uma repetição contínua de atividades para quem está servindo. Para os visitantes, a experiência é única, para os prestadores de serviço, ela se repete grupo após grupo.

O mesmo foi ouvido de Marina, outra proprietária de fazenda de turismo na região. Ela considera a interação com os turistas a parte mais difícil e cansativa, conforme relata, “chega uma hora que enjoa contar a mesma história pela décima vez”. Além de expor ao turista alguns causos que permitem que ele tenha uma maior inserção ao modo de vida no Pantanal, a anfitriã deve interessar-se em ouvir os causos do turista, por mais desinteressantes que pareçam ser. Conforme Marina esclarece,

“na alta temporada, é um grupo atrás do outro e os turistas daqui adoram contar as viagens deles para outros lugares do mundo, é legal, eu gosto, aprende-se muito, só que na alta temporada é todo dia! (...) as vezes a gente não tá a fim de saber do safári que ele fez na África do Sul, eu quero mesmo é acabar de jantar e ir ver se minhas filhas já foram dormir, mas não dá, tem que ficar lá com cara de interessada sem parecer falso, isso é cansativo” (Marina, proprietária, 36 anos).

O trabalho de anfitriã exige conhecimento atualizado a respeito da geopolítica mundial, além de atitudes diplomáticas para que não haja choque de opiniões. Isto porque durante as refeições, são debatidos assuntos diversos como a atual política nos países da América do Sul, a questão fundiária na África e no Brasil, a responsabilidade dos países desenvolvidos perante o aquecimento global, enfim, temas variados que podem gerar polêmica e desarmonia dependendo de quem esteja envolvido na conversa.

Para ser anfitriã é necessário ter o perfil para tal. Por isso mesmo, duas das proprietárias entrevistadas consideram esse “fazer social” uma atividade desgastante. Mesmo aquela que tem esse perfil, reconhece a dificuldade do ofício, pois, não é todo dia que se está disposto a receber as pessoas.

A fim de desfazer este caráter de sacrifício do ofício e transformá-lo em prazer, Marina conta com seu marido para atender aos turistas: eles organizaram uma escala de trabalho para que não se torne desgastante para nenhum dos dois. No dia em que um está atendendo aos turistas, o outro está respondendo às consultas por preços e reservas na internet

e assistindo às filhas e as questões da fazenda. Isto permite que o “fazer social” deles com o turista seja, segundo ela, gostoso e não exaustivo.

b) Funcionárias em fazendas de turismo

Como dito, além da mulher proprietária, há nas fazendas que trabalham com turismo na Região do rio Negro, mulheres que moram e trabalham na fazenda e mulheres que trabalham esporadicamente na fazenda, prestando serviços temporários. O serviço prestado pelos dois grupos de mulheres é o mesmo, o que as diferencia é o tipo de contrato de trabalho.

Entre as mulheres não-proprietárias entrevistadas para esta pesquisa coincide o fato de as de idade superior a 40 anos serem funcionárias contratadas da fazenda e, aquelas abaixo de 40 anos, trabalharem como diaristas. Mas isto não é uma regra.

As primeiras são, em sua maioria, casadas e moram com seus maridos no Pantanal. Das seis mulheres entrevistadas deste grupo, todas foram criadas em fazendas no Pantanal, cinco delas nasceram na Região do rio Negro. Elas já moraram muitas vezes na Região entre um emprego e outro e, atualmente, estão trabalhando com turismo.

As segundas são chamadas de diaristas, isto é, ganham por dia trabalhado, pois prestam serviços temporários em fazendas de turismo, principalmente nos períodos de alta temporada - feriados e entre os meses de julho e setembro. No restante do ano, moram e trabalham na cidade como auxiliares de cozinha, manicures, faxineiras e trabalhos afins, sendo chamadas esporadicamente para trabalhar na fazenda para atender algum grupo específico ou cobrir folgas das funcionárias fixas. A maioria é solteira, de origem rural e possui filhos. O fato de não serem contratadas fixas da fazenda, não significa que não tenham habilidades necessárias ou vontade para tal. É possível que, por serem mais jovens, e/ou, muitas vezes, por não terem relacionamentos estáveis, elas prefiram manter este tipo de relação trabalhista com as fazendas para poder estar perto dos filhos e manter um convívio social na cidade.

Porém, há também mulheres que moram na fazenda e trabalham esporadicamente na pousada, também com um contrato de diarista. São chamadas para prestar serviços rápidos como lavar roupa, auxiliar na cozinha ou na limpeza da casa.

É comum que os proprietários da região dêem preferência pela contratação de casais, por estarem em busca de funcionários com maior estabilidade no emprego. Entretanto, é crescente a presença nas fazendas de mulheres chefes de família, que têm sob sua tutela um grande número de crianças. São mães solteiras que possuem filhos de um ou mais homens e que, raramente, recebem pensão alimentícia como auxílio para a criação dos filhos.

Acumulam as responsabilidades de mães, donas de casa e de provedoras familiar, que às vezes é dividida com os membros de suas famílias, principalmente as avós, ao invés de fazê-lo com os genitores.

A realidade deste grupo de mulheres é tema de estudo de MORAES (2003), que revela um aumento da porcentagem de mulheres chefe de família no Brasil, de 20,1 para 25,4% entre os anos de 1990 e 1999 (p. 28). O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho em concomitância com a desestruturação do paradigma tradicional familiar e com o processo de modernização levou ao aumento das responsabilidades da mulher como provedora familiar. Entre as atividades profissionais mais comuns a este grupo de mulheres está o serviço doméstico, uma atividade de baixo prestígio e remuneração. E é justamente este tipo de trabalho que tem sido ofertado para as mulheres nas fazendas de turismo no Pantanal.

Nestas propriedades há, normalmente, três mulheres trabalhando fixas – uma cozinheira da pousada, uma arrumadeira/garçonete e outra cozinheira da pensão⁴⁸. Esta última, que mora e trabalha na fazenda, normalmente, também trabalha como lavadeira e passadeira do enxoval da pousada (lençóis, toalhas, redes etc) e das roupas dos proprietários, sendo este serviço parte de suas responsabilidades diárias. As funções acumuladas pela cozinheira de pensão variam em cada fazenda. Algumas ainda são responsáveis pela horta e criação de galinhas.

A governanta da casa-sede de uma das fazendas de turismo da região, Nádia de 39 anos, é responsável pela manutenção (limpeza e arrumação) de todos os cômodos da casa e pela cozinha. Na ausência da patroa, ela é a mulher da casa. É uma pessoa de confiança, pois tem acesso a todos os pertences pessoais da proprietária. Esta a apresenta aos turistas como *Chef de cuisine*, uma forma de valorizar seu trabalho e por considerá-la uma cozinheira “de mão cheia”. Nádia mora com o segundo marido na fazenda. Seu esposo trabalha como peão e, quando tem turistas, trabalha como guia de campo, o que ele define como sendo o trabalho de “levá os turista pro campo passeá a cavalo, acompanhá nosso trabalho de gado, de curá bezerro, recolhê tropa, mostrá os bicho, tamanduá, passarinho, procurá onça, essas coisa” (Roberto, guia de campo, 32 anos).

Dona Maria, mãe de Nádia, é esposa do capataz e também mora na fazenda. Quando perguntada se trabalha na fazenda, ela conta: “Já cozinhei e limpei muito pra patroa, hoje eu só vou lá (casa sede) quando tem uma costura pra fazê ou pra ajudá a prepará um

⁴⁸ Pensão é a casa da fazenda onde ficam hospedados os funcionários solteiros e onde, normalmente, trabalha uma cozinheira que serve refeições.

bolo, fazê um pão, essas coisa”. Dona Maria foi caseira da fazenda durante mais de 15 anos. Atualmente ela prefere prestar serviços esporadicamente para a fazenda, apesar de continuar morando na propriedade. Seu trabalho é solicitado quando há algum serviço de costura para a proprietária, ou quando há um movimento maior de turistas na fazenda em que ela é chamada para ajudar na cozinha, recebendo por isso como diarista.

As relações de parentesco nas fazendas mobilizam uma rede de ajuda mútua, de prestação de serviços, alicerçada nas relações hierárquicas e costumeiras: os empregados devem ajudar ao patrão no momento de maior demanda de trabalho, assim como a mãe ajuda a filha na cozinha para atender aos turistas. Esta rede que sempre existiu no passado, permanece atuante mesmo com as mudanças ocorridas nas fazendas nas últimas décadas. Isto reforça a existência de uma região que integra lugares vividos e espaços sociais comuns a um grupo de pessoas, neste caso, os rionegrans.

Quando há turistas na fazenda, Nádia diz que sua responsabilidade é cuidar das refeições e que, o restante dos serviços, fica por conta das diaristas, uma ou duas, dependendo da quantidade de quartos ocupados. Apesar de ela dizer que sua função quando há turistas é apenas cozinhar, ela também supervisiona o trabalho das diaristas, porque afinal, é quem conhece o “jeito que a patroa gosta”. Além disso, ela exerce outras atividades no seu dia, conforme conta:

“Eu cozinho, limpo casa, tudo! Cuido dos cachorro, crio galinha, ganso, papagaio porque eu gosto, não é minha obrigação cuidar disso daí, mas eu cuido porque eu gosto de bicho, né? (...) Quando tem turista eu só cozinho, mas vira e mexe vô vê o trabalho das outras menina. As vezes eu termino aqui (sede) chego lá, lavo um copo que tá sujo, limpo minha casa, lavo ropa que tá suja, e só. Eu tenho duas casas pra cuidar, né? (risos). Agora, quando eu tô muito apertada de serviço aqui, como na época de turismo, aí se não dá tempo de eu limpa uma casa, meu marido limpa e dá uma varredinha lá e limpa os copo, eu dô minha ropa pra vizinha lavá, porque eu não tenho tempo né?” (Nádia, cozinheira, 39 anos).

3.1.2 O dia-a-dia das trabalhadoras de fazendas de turismo

O cotidiano de Nádia é cheio de atividades. Quando tem turista na fazenda, acorda às três e meia da manhã. Vai ao banheiro, que fica do lado de fora da casa, toma banho e ao mesmo tempo escova os dentes para ganhar tempo. Em seguida, arruma a sala de sua casa, dá comida para o cachorro e passa café, para que esteja pronto quando o marido levantar. Afirma que acorda cedo para poder, antes de ir para a casa-sede, organizar a sua própria casa e tomar o mate⁴⁹ com sua mãe, que mora ao lado⁵⁰.

⁴⁹ O mate ou chimarrão é uma bebida quente, de influência sul-americana, feita com a infusão de folhas secas e pisadas da erva-mate (*Ilex Paraguayensis*), tomado ao amanhecer pela maioria dos pantaneiros. Costumam colocar outras ervas junto à erva-mate para tratar de doenças. (NOGUEIRA, 2002, p. 148).

No caminho, aproveita para soltar os gansos e galinhas que dormiram presos no galinheiro. A mãe reclama: “não agüento esses ganso, todo dia! eu não preciso acordá tão cedo, mas todo dia tem essa algazarra! A Nádia chega aí pra me vê e tenho que levantá”. Neste encontro, costumam ouvir as notícias no rádio, comentar os acontecimentos da novela na noite anterior, contar o que pretendem fazer no dia e comentar alguma notícia da família ou da fazenda. A mãe aproveita o tempo para acender o fogo do fogão a lenha e colocar a água para ferver, que será usada para passar o café e esquentar a carne seca que será usada para preparar o arroz carreteiro de seu marido.

O dia está começando a clarear quando Nádia pede bênção à mãe e vai embora para sua casa, ver se o marido já levantou. Em seguida, segue no rumo da casa-sede da fazenda para iniciar um novo dia de trabalho. Observa-se que sua mãe ficou feliz com a visita, apesar do horário.

Ao chegar à cozinha da casa-sede, Nádia liga o rádio, em tom baixo para não despertar ninguém. Coloca a água na chaleira e põe no fogão a gás para que o café fique pronto mais rápido. Enquanto a água não ferve, inicia o fogo no fogão à lenha usando diesel e madeira. Esta madeira é cortada toda semana pelo *praieiro*⁵¹ que a armazena próximo da porta da cozinha. Ela conta que prefere fazer fogo com angico “porque não esfumeia tanto”. Em seguida, lava as mãos e começa a cortar a carne de sol para fazer o carreteiro e explica: “quando tem turista é assim, tem que fazê carreteiro, ovo frito, toda manhã, é pra eles conhecê nossos costume”. Passa o café e com a água que restou na chaleira, esquentar a carne de sol e a coloca para fritar em uma panela sobre o fogão à lenha.

Enquanto isso, Gilda, sua colega de trabalho, já está na copa cuidando da arrumação dos itens do café da manhã. Ela tem 24 anos e é a primeira vez que mora no Pantanal. Se mudou para acompanhar o marido que arranhou emprego de peão na fazenda. Tem um filho de quatro anos que mora com a avó em outra fazenda, no município de Três Lagoas, distante 515 km de Aquidauana, cidade mais próxima da fazenda. Ela preferiu deixá-lo com a avó porque tinha a intenção de trabalhar na pousada e, para isso, não teria com quem deixar a criança. É a primeira vez que Gilda trabalha com turismo.

⁵⁰ Nas fazendas, as residências de funcionários são separadas da casa-sede, por uma distância que varia de 500m a 1,5Km. As construções são distribuídas entre as partes mais altas do terreno para que estejam protegidas da inundação no período das chuvas. Normalmente, as casas de funcionários ficam próximas umas das outras e da pensão.

⁵¹ *Praieiro* é o funcionário da fazenda, normalmente do sexo masculino, responsável pela manutenção do pátio ao redor da casa, o que inclui varrer as folhas secas, plantar e molhar as plantas, colher frutos, bem como cortar a lenha e auxiliar na limpeza mais pesada da casa-sede, separar o lixo e dar o destino devido a cada resíduo sólido, além de outras atividades, de acordo com o organograma de cada fazenda. Em muitas fazendas é também o responsável pela ordenha das vacas (Cf. BANDUCCI JR., 2005).

Ela acordou tão cedo quando Nádia porque teve que preparar o quebra-torto⁵² do marido em casa. Ela não disfarça que está com sono, pois comenta: “fui dormir tarde, fiquei assistindo (televisão) até uma hora”. Ela trabalha com muita cautela, lentamente, com medo de quebrar a louça da patroa, pois a “regra” estabelece de quem quebrar alguma coisa, deve pagar pelo conserto ou por uma peça nova. Esta penalidade nem sempre acontece, conta a proprietária, que diz agir desta forma para evitar acidentes com seus objetos de decoração.

Por isso, Gilda arruma a mesa aos poucos, fazendo várias viagens da copa para a mesa do café da manhã carregando jogos americanos, xícaras, talheres, taças, garrafas térmicas, sucos, etc. Assim que encerra a organização da mesa, pega a vassoura e começa a varrer as calçadas e a organizar a área social da pousada, como explica: “tem que varrê, pra quando eles (os turistas) acordá não ter nada sujo, tem que tá varrido”.

Nádia continua preparando os itens do café da manhã. Neste momento, o praqueiro já trouxe o leite, que foi ordenhado das vacas leiteiras em torno das quatro horas da manhã. Ela separa a quantidade de leite que será usada na casa sede para fazer queijo e outros produtos, da quantidade que será dividida entre os demais funcionários da fazenda. Usando um pano de algodão limpo, ela cõa o leite da casa-sede, ainda morno, para retirar as impurezas maiores. Em seguida, coloca o coalho na panela onde está o leite destinado para a confecção de queijo e põe o restante para ferver em uma panela sobre o fogão a lenha e comenta: “Tem que fervê que é pra não fazê mal”, indicando que é necessário esterilizar o leite para a ingestão humana.

Com o turismo, aumentou o consumo de leite e derivados nas fazendas e, conseqüentemente, o número de vacas leiteiras para que se possa atender aos serviços de alimentação dos turistas. Ocorre em um determinado período do ano, entre os meses de agosto e novembro, quando as vacas são apartadas de seus bezerros, pois estão em fase de parir novamente e, neste momento, deixam de produzir leite até que o próximo bezerro nasça. É quando a quantidade de leite na fazenda fica bastante reduzida e a prioridade é que atenda à casa-sede e, portanto, aos turistas.

Enquanto cuida das panelas sobre o fogão, controla a temperatura do forno que está assando chipa⁵³, assiste ao trabalho de Gilda e planeja o cardápio do almoço, ela acompanha os anúncios de recados na rádio, bem como aguarda atenta se alguém a oferece

⁵² Quebra-torto ou almocinho é a primeira refeição do dia, normalmente composta por arroz carreteiro, mandioca aferventada, farofa, chá, etc. (NOGUEIRA, 2002, p. 143).

⁵³ Chipa é um biscoito salgado assado, similar ao pão de queijo, à base de polvilho doce, manteiga, ovos e queijo curado. Tradicionalmente é modelado em forma de ferradura, mas pode-se encontrar em bastões ou bolinhas. A mesma massa pode ser frita em gordura quente, sendo assim chamada de chipa frita.

alguma música naquela manhã. De repente, Nádia sai em disparada para fora da cozinha, para tocar as galinhas que estão invadindo o espaço do café da manhã dos turistas e defecando no local. A essa hora a patroa já levantou e passou pela cozinha dando as instruções do dia, conferindo o cardápio do almoço e do jantar e fazendo comentários sobre o serviço do jantar na noite anterior.

Em torno das sete horas, o marido de Nádia aparece na cozinha da casa-sede para fazer o desjejum. Ao mesmo tempo, a patroa e os turistas sentam-se à mesa do café da manhã e ela passa a atender os eventuais pedidos que possam surgir. Aproximam-se também, as outras mulheres que moram na fazenda, para buscar o leite que lhes foi separado. Nádia fica dividida entre atender ao marido, às colegas de trabalho, à patroa e aos turistas, tendo que fazer tudo ao mesmo tempo. Para ajudá-la, Gilda deixa o que estava fazendo e se dedica a atender aos pedidos da patroa.

Quando os turistas e a patroa saem para o passeio, as duas param para tomar café e comer alguma coisa. Aproveitam para planejar as atividades da manhã, sentar um pouco e, como diz Gilda, “pitar um cigarrinho”.

Após o descanso, que dura em torno de 15 minutos, Gilda começa a organizar os quartos e Nádia inicia o almoço. Começa pela sobremesa, pois esta precisa de um tempo maior na geladeira para atingir o ponto ideal. Além de cuidar da cozinha, ela deve atender ao telefone e anotar recados na ausência da patroa.

Gilda inicia a limpeza dos quartos dos hóspedes pelos banheiros, porque considera esta a parte mais chata, conforme esclarece: “Eu tenho horror de limpá banheiro com essa creolina⁵⁴, o chêro é muito forte, não sei como que tem alguém que goste. Mas o sistema aqui é assim, até que já tô acostumando”, indicando que o uso do produto é recomendado pela proprietária, como medida de prevenção de acidentes contra o aparecimento de anfíbios, em especial, pererecas e serpentes. O manuseio de produtos químicos é feito sem luvas de borracha, apesar de haver luvas disponíveis para uso. Ela se defende dizendo que, com as luvas, perde a sensibilidade das mãos e que, por isso, prefere não usá-las, pois tem medo de derrubar alguma coisa, reflexo do medo de ter que pagar por aquilo que quebrar. Enquanto limpa o vaso sanitário, desabafa:

“Sabe, eu queria terminá meus estudos, mudá de trabalho, porque a vida aqui é só limpá, lavá, essas coisas. Eu queria estudá turismo, né? Acho legal trabalhá em

⁵⁴ Creolina é um produto químico de uso veterinário, de ação bactericida, que atua como desinfetante quando usado na limpeza de casas.

fazenda assim, como guia, mexendo com outra coisa, não com limpeza” (Gilda, serviços gerais, 24 anos).

Apesar de estar feliz por ter sido chamada para trabalhar como diarista no hotel e ganhar uns troquinhos, Gilda não se orgulha de seu ofício. Entende que as mulheres que não têm estudos trabalham com limpeza e as que puderam estudar, têm oportunidade de outros tipos de trabalho.



Figura 10: Camareira arrumando quarto dos hóspedes

Depois de higienizar o banheiro, Gilda segue arrumando as camas e organizando, segundo ela, a “bagunça dos turista”. Nesta bagunça, é comum encontrar objetos que lhe despertam a curiosidade em saber para que servem e como se utiliza. É a partir desta curiosidade que conhece, segundo ela, novos cosméticos no mercado, roupas com tecidos modernos, produtos tecnológicos, entre outras novidades. Ela tem consciência que não deve mexer nos pertences dos hóspedes e demonstra respeito a esta regra, mas confessa que quando se trata de cosméticos não resiste em sentir o cheiro ou ler o rótulo para entender qual o uso. Foi o caso de um aparelho de Sistema de Posicionamento Global – GPS⁵⁵, que encontrou

⁵⁵ Muitos turistas, apesar de terem optado por viajar para um ambiente distante do mundo urbano e suas tecnologias, carregam consigo equipamentos como o GPS, que serve justamente para saber sua localização geográfica, computador e vídeo-game portátil, aparelho de música digital e até mesmo aparelho de telefone celular, afastando-se da intenção inicial da viagem: descansar, desligar-se do mundo do trabalho e estar em

caído ao lado da cama. Ela conta que ao tirá-lo do chão, observou os detalhes e, na oportunidade que pôde, perguntou a um dos guias de campo o que era aquilo.

Gilda e as demais mulheres que prestam serviço como arrumadeiras, são as únicas pessoas da pousada que têm acesso à intimidade de cada hóspede. Adriana que também trabalha esporadicamente como camareira, só que em outra fazenda, comentou que já se surpreendeu ao observar que há hóspedes homossexuais na fazenda, como comenta: “Me mandaram preparar um quarto duplo pra dois homens. No outro dia, quando fui arrumá o quarto, as cama tavam junta, eles tinha amarrado com cinto os pé da cama”. Intimidades como esta são observadas e comentadas somente entre elas, pois não costumam repassar para pessoas de fora do grupo de trabalho, principalmente na presença dos proprietários. Isto é reflexo da distante relação existente entre patrão e empregado nas fazendas, pois, ao mesmo tempo em que elas são conscientes da discrição que seu ofício exige, demonstram-se atentas à cobrança do patrão sobre uma postura profissional, pois têm medo de ser repreendidas.

Quando finaliza a limpeza dos quartos e da área comum da pousada, Gilda vai até a cozinha oferecer ajuda para o preparo do almoço. Tem esta iniciativa porque, segundo ela, não gosta de ficar parada enquanto tem outra pessoa trabalhando. As duas aproveitam que estão juntas para “descansar as pernas” e tomar tereré. A conversa rende alguns minutos, até que Nádia, ao olhar para o relógio localizado ao lado da geladeira, percebe que os turistas e a patroa logo voltarão do passeio. Ela aproveita a tranqüilidade daquele momento na pousada para ir até a horta colher folhas para a salada. A horta é mantida pelo praieiro e Nádia pede permissão a ele para entrar. Ela comenta que gosta de plantar, mas que não o faz porque não sobra tempo.

Quando volta à cozinha, pede para Gilda lavá-las e aproveita para passar pelos quartos para verificar o trabalho da colega. Faz isso discretamente para que ela não perceba que está sendo avaliada. Nádia percebe que a colega esqueceu um frasco de produto de limpeza no banheiro de um hóspede. Ela recolhe, mas não comenta nada e se justifica: “se eu falá, ela vai se chatiá, e daí quem paga o pato sô eu, porque daí tenho que cozinhá e limpá, já sei disso, então nem falo”. A cozinheira tem medo que a colega de trabalho não goste de sua atitude e abandone o posto de trabalho, o que faria com que ela acumulasse funções até uma nova diarista ser chamada.

contato com a natureza e a cultura local. É inevitável que estas tecnologias chamem a atenção dos funcionários da fazenda e que possam gerar intenções de compra e consumo destes produtos. Mas é importante salientar que esta inserção tecnológica promovida pelos turistas no ambiente rural pantaneiro é bastante positiva à medida que propicia a democratização da informação.

A mesma postura é observada no trabalho de Francisca, 47 anos, governanta em outra pousada da região. Ela é responsável por gerenciar um grupo de três mulheres e comenta a dificuldade que tem em delegar funções:

“Eu vejo que eu sô muito cricri com as coisa, tipo a limpeza, tem pessoas que não limpam igual eu limpo. Porque não é todo mundo que faz igual a você né? Essa é a maior dificuldade que eu tenho, de arrumar uma pessoa certa que limpa igual eu limpo. Aí eu acabo fazendo as coisa do meu jeito. As vezes mando elas descansá e vô lá e faço tudo de novo. Eu vejo que eu não consigo mandá fazê do meu jeito e daí acabo trabalhando mais que todo mundo” (Francisca, governanta, 47 anos).

A cobrança por um padrão de limpeza é comum entre as mulheres que moram e trabalham na fazenda. O asseio de suas casas e da casa-sede é tido como referência particular, sendo a principal característica observada entre elas. Em outras palavras, entende-se que uma mulher deve ter a casa bem organizada e limpa, incluindo o pátio ao redor, que deve ser varrido constantemente. Existe uma subjetividade naquilo que é considerado individualmente como a limpeza ideal, o que leva as mulheres a terem dificuldade de relacionamento no trabalho. É o caso da governanta acima citada, que tem dificuldades em comandar sua própria equipe, porque seu padrão de limpeza é diferente do de suas funcionárias.

De volta à cozinha de Nádia, observa-se que, com a chegada da patroa, as duas funcionárias aceleram o preparo do almoço. Apesar de ter hora certa para ser servido, é comum haver adiantamento, principalmente se houver crianças no grupo.



Figura 11: Mulheres preparando a refeição dos hóspedes

Enquanto a cozinheira arruma os alimentos nas vasilhas para servir, Gilda organiza a mesa da refeição. Ela fica nervosa quando esquece se a faca fica ao lado direito ou esquerdo do prato, se as taças estão de acordo com o que será servido, isto é, detalhes de etiqueta à mesa que não fazem parte de seu cotidiano, mas que são cobrados no ambiente de trabalho. A patroa acompanha de perto a arrumação da mesa e orienta a funcionária quando necessário - o que nem sempre é visto como ajuda por parte de Gilda, que se sente pressionada e nervosa com a presença da patroa, preferindo que ela não estivesse ali.

Durante as refeições, a proprietária costuma badalar um sino, que fica sobre a mesa, para chamar as funcionárias para tirar os pratos, fazer um pedido de bebida, ou sinalizar que podem ser servidos a sobremesa e o café. Por isso, durante as refeições dos hóspedes, Gilda e Nádia ficam atentas às badaladas do sino que podem soar do salão. Esperam ansiosas na cozinha que a refeição termine para que possam limpar a cozinha e ir para casa descansar.

As refeições são mais longas quando há turistas na fazenda, pois a proprietária conduz a conversa com assuntos que envolvam os convidados, fazendo daquele momento uma oportunidade de troca de experiências, o que nem sempre é possível durante o passeio, quando os turistas estão mais focados na observação da natureza. Por isso, para as funcionárias, a espera parece longa, apesar de a cozinheira aproveitar o tempo para dar encaminhamento ao jantar. Somente quando é tirada a mesa dos hóspedes, as duas sentam-se para almoçar. O marido da cozinheira lhes faz companhia, pois também é seu horário de almoço. Já o marido de Gilda deve optar por cozinhar para si em casa ou pagar um almoço avulso na pensão dos funcionários, o que para ele é mais prático. Isso nos dias em que Gilda fica direto na pousada porque, normalmente, ela volta para casa no fim da manhã para preparar o almoço para ele, antes de retornar para a pousada e servir o almoço para os hóspedes.

A siesta ou o ato de sestar, isto é, descansar depois do almoço, é um hábito no Pantanal. Os turistas aproveitam a oportunidade e compartilham o hábito, o que não é uma tarefa difícil, haja vista o calor intenso neste período do dia e o fato de a comida ser bastante saborosa, o que faz com que as pessoas cometam alguns exageros na refeição. Somente quem não siesta neste momento na fazenda são aqueles que realmente não gostam de cochilar no meio do dia e preferem dar andamento em algum trabalho ou, as mulheres que trabalham na cozinha, pois é hora de lavar pratos e panelas, jogar água na cozinha, tendo turistas ou não na fazenda. A diferença é o horário em que se finaliza o serviço: mais cedo quando não há hóspedes.

O passeio da tarde costuma iniciar a partir das 15h30, hora que os hóspedes começam a sair dos quartos e circular na área social da pousada, normalmente, em busca de café preto e alguma iguaria doce. Sabendo desse ritual, Nádia, antes de fazer seu horário de descanso, organiza uma bandeja com café e doces na sala de refeições.

Ao chegar em casa, a primeira coisa que ela faz é deitar no sofá e ligar a televisão. Neste horário, costuma assistir filmes na TV Globo, a única que tem bom sinal na fazenda. Depois de um cochilo rápido, fica incomodada com o fato de ter roupa acumulada para lavar, de não ter um bolo ou um queijo fresco na geladeira, de o banheiro estar precisando de uma faxina, de não poder fazer a unha, porque quando há turistas na fazenda, não há tempo para cuidar da própria casa nem de si mesma. Por outro lado, o dinheiro que ela ganha quando há turistas, complementa sua renda e, segundo ela, é o que permitiu que ela e o marido estejam construindo uma casa na cidade, conforme explica:

“Nóis dois ganhamo o salário (mínimo rural), quando tem turista a gente sempre ganha as gorjeta, é pôca coisa mais no fim do mês ajuda né? Dá pra comprá mais tijolo, mais cimento, faz uma diferença” (Nádia, cozinheira, 39 anos).

O horário de descanso passa rápido. Ela aproveita para passar na casa da mãe para conversar, antes de seguir para a pousada. Neste dia, a mãe está entretida com a confecção de uma faixa paraguaia que pretende dar para seu marido. Gilda também está com um tear em sua casa mas, por causa do trabalho na pousada, está sem tempo para dar continuidade ao artesanato.

Ela está bastante nervosa porque o caminhão com as compras do mês chegou da cidade e seu pacote de cigarros não veio. Mensalmente, os funcionários fazem um pedido de compras de produtos alimentícios e farmacêuticos que é enviado para o escritório da fazenda na cidade, que realiza as compras, respeitando as marcas solicitadas, quantidades, etc. A compra é descontada do salário mensal, o que, dependendo do valor, leva os funcionários a ficarem em débito com a fazenda.

Neste mês, a lista de compras de Gilda passou do orçamento mensal, gastando mais do que tinha em crédito, uma vez que mandou comprar uma antena parabólica para seu aparelho de televisão e cartão para o celular para poder manter contato telefônico com sua mãe e com seu filho. Por isso, o escritório deixou de comprar o cigarro, por dar prioridade aos produtos alimentícios. Ela encara o corte de seu pacote de cigarros da lista de compras como um desafio e está disposta a sair da fazenda se não for atendido seu pedido. Enraivecida, ela se dirige à proprietária, que pede desculpas pela atitude do escritório. A proprietária também é

fumante e entende a agonia da funcionária, mas aproveita a situação para conscientizá-la da importância de planejar a lista de compras. Ela lhe entrega um pacote de fumo e folhas de caderno para que fume até que tenha uma nova condução da cidade para trazer seu cigarro.

Nas fazendas, o cigarro funciona como moeda de troca. Quando os fumantes pedem favor aos colegas, o pagamento se dá em cigarros. Nádia não fuma, mas seu marido sim. Nesta semana, como está sem tempo para lavar roupa em função do movimento do turismo, pediu que a vizinha, que fuma, o fizesse e a pagou com duas carteiras de cigarros em troca das três calças jeans, três camisas, quatro camisetas, duas toalhas de banho e um jogo de lençóis, lavados, limpos, “mas não passados”, ressalta ela.

Em torno das cinco e meia da tarde, cozinheira e arrumadeira retornam para a pousada, enquanto os turistas permanecem no campo e só retornam por volta do anoitecer. Antes disto, Gilda enche garrafas térmicas com água filtrada e gelada, e segue com as garrafas e copos para os quartos dos hóspedes e da patroa, para abastecê-los de água para a noite e preparar as camas para dormir. É o chamado abre-leito, em que se retira a colcha da cama, coloca-se uma manta sobre o pé da cama e dobra-se levemente o sobre-lençol, numa posição que indique que a cama está pronta para ser usada. Ela deixa copos e a garrafa térmica sobre a mesa dos quartos, verifica se há velas nos castiçais e caixa de fósforos para ser usado em caso de haver falta de luz, e arruma os pertences dos hóspedes, caso haja algo fora do lugar.

Enquanto isso, a cozinheira dá encaminhamento aos pratos frios e quentes do jantar, bem como à sobremesa daquela noite e ao bolo que será servido no café da manhã do outro dia. Também aproveita para cortar em cubos pequenos a manta de carne-seca que está na geladeira, para que esteja pronta para iniciar o arroz carreteiro no amanhecer do outro dia.

Na cozinha, sobre a geladeira, há uma televisão que permite que elas acompanhem suas novelas. Ao mesmo tempo, o rádio permanece ligado, pois, por volta das sete horas da noite, o radialista costuma fazer a locução dos recados enviados ao longo do dia. Ao ouvir a voz do radialista, ela diminui o som da televisão e fica atenta. É neste momento que fica sabendo quem está trabalhando onde, se determinado casal está junto ou separado, isto é, as novidades sobre as famílias que moram no Pantanal, pois o radialista conta os detalhes:

“Olá Zuleide que tá aí na Fazenda São João, estamos com saudades, vem logo pra casa! Quem manda esse recadinho são seus filhos Gilson, Natáli e Luciene”.

“Alô, alô Seu Ramão, que tá na Fazenda São Clemente, a Dona Abigail tá querendo saber quando é que o senhor vai voltar pra casa, não demora não, heim Seu Ramão! Eu se fosse o senhor não facilitava! Ela manda essa música pro senhor”.

Entre elas, há conversa e risadas a respeito dos recados que o radialista lê e comenta, o que demonstra que conhecem as pessoas que se comunicam pelo rádio e que todos fazem parte de uma grande rede “pantaneira” de relacionamentos.

Enquanto isso, os hóspedes e a proprietária chegam do passeio e vão para o banho. Esta, antes disto, passa pela cozinha para ver se há recados e saber como vão as coisas na fazenda e para o jantar. Depois do banho, aperitivam na varanda da casa, ouvindo música e conversando. Paralelo a isso, proprietária e capataz se comunicam por rádio para acertar as atividades do outro dia.

Quando a proprietária autoriza o serviço do jantar, as mulheres na cozinha vibram, pois, quanto mais se espera para servir, mais se demora em finalizar o serviço e mais tarde estarão liberadas para descansar.

Normalmente, por volta das nove da noite, as mulheres encerram as atividades na cozinha e seguem, com lanterna na mão, para suas casas. Os hóspedes e proprietária permanecem na sala da casa, bebendo vinho e conversando. Em suas casas, as funcionárias se encontram com o marido, geralmente na sala e em frente à televisão. Assistir à novela das oito e o que vier depois na programação da TV Globo faz parte da programação noturna dos homens e das mulheres. Há aqueles que aproveitam a noite para ir até o vizinho assistir televisão, conversar, mas Nádia nesta noite, incomodada com o cheiro de comida no cabelo, prefere ir tomar banho antes de sentar-se no sofá e colocar as pernas para cima.

A refeição noturna em sua residência varia muito. Pode ser um pacote de bolacha, um pão com queijo quente, como também às vezes cozinham um miojo (macarrão instantâneo que se tornou item indispensável na lista de compras do mês dela) ou esquentam alguma sobra da refeição dos hóspedes. Seu marido a estava esperando chegar para poderem jantar juntos. Em frente à televisão, os dois comem e acabam cochilando no sofá, até que um deles acorde e leve o outro para o quarto.

Em paralelo, a proprietária aguarda os hóspedes sinalizarem que vão dormir, para poder apagar as luzes e trancar as portas de casa e, finalmente, poder ir para seu quarto descansar.

Observando o cotidiano de proprietária e cozinheira, conclui-se que ambos os trabalhos são intensos e exigem atenção, raciocínio rápido, dedicação e paciência. Ambos exigem habilidades em gestão de pessoas, pois o tempo todo estão se relacionando e coordenando ações. Enquanto uma passa a manhã sobre um cavalo, sob sol, acompanhando os hóspedes no campo, a outra fica em pé, sob o calor do fogão a lenha, preparando as refeições,

e lavando vasilhas. Da mesma forma, enquanto a proprietária está atenta à administração da fazenda, aos problemas da família que está na cidade, à organização da viagem do outro grupo que está por chegar, a cozinheira está coordenando a limpeza da pousada, o trabalho do praeiro, planejando o cardápio da semana, pensando na filha que está na cidade.

Durante um dia de trabalho em que há turistas na fazenda, ambas seguem a mesma jornada de 15 horas de trabalho, contando o tempo destinado para atividades dedicadas à fazenda e atividades particulares, estas, realizadas quando possível. No período em que não há turismo, o tempo de trabalho, em média, é reduzido para nove horas diárias, pois, na maioria das vezes, as atividades cessam ao entardecer.

Comparando com a rotina de trabalho dos homens, observa-se que mesmo quando não há turistas na fazenda, as mulheres possuem uma jornada mais longa de trabalho, pois o compromisso com a arrumação e limpeza da cozinha após as refeições estende a permanência delas na casa-sede.

A descrição aqui, desenvolvida a respeito do cotidiano das mulheres que trabalham com turismo, foi feita com base na observação de uma das fazendas de turismo na Região do rio Negro. No entanto, observou-se que na relação cotidiana das mulheres com o trabalho e com os turistas, não há muitas variações entre as fazendas, à exceção do relacionamento dos funcionários entre si e deles com os patrões, conforme será visto adiante.

3.1.3 A relação das mulheres com o meio

Ao conviver com mulheres proprietárias e não proprietárias de diferentes faixas etárias, foi possível observar que há uma diferença na forma de se relacionarem com o Pantanal, mais especificamente, com a Região do rio Negro. Para algumas, a região é seu local de morada, sua casa, seu espaço de identidade, mesmo com a inserção do turismo, que veio a alterar a dinâmica das fazendas, conforme visto no primeiro capítulo. Para outras mulheres, é um ambiente de trabalho, com diversificada oferta de empregos, principalmente na área de turismo. Neste sentido, busca-se investigar os elementos que levam a esta diferença de percepção e verificar se a abertura para novos postos de trabalho e o conseqüente aumento do número de funcionários nas fazendas, tem influenciado na relação de pertencimento ao espaço, uma das características que deram formato à Região do rio Negro.



Figura 12: Três gerações de mulheres trabalhando juntas na pousada

Iracema tem 56 anos, é cozinheira e mora na região desde criança. Quando lhe foi perguntado onde se sente em casa, ela não teve dúvidas em dizer que é na fazenda. Ao mesmo tempo, Iracema tem uma casa na cidade, construída por ela e pelo marido com economias acumuladas ao longo de 40 anos de trabalho em fazendas na região. Esta casa fica fechada, sob o cuidado de um vizinho, pois o casal permanece a maior parte do ano no Pantanal. Dentro dela, tudo parece novo, ou porque foi recentemente comprado, ou porque tem pouco uso. Há geladeira, freezer, televisão, tanque de lavar roupas, jogo de sofá e, segundo ela, “a melhor cama do mundo”. Esta relação com a cama se dá pelo fato de que, na maioria das vezes que vai à cidade, Iracema está de folga do trabalho, o que faz com que sua estada na cidade seja sinônimo de descanso.

Ela afirma que a Região do rio Negro é seu local de morada, lugar onde se sente em casa, pois foi onde passou a maior parte de sua vida. Foi onde se casou, criou os filhos, mantém relacionamentos de compadrio. Entretanto, a casa em que mora na fazenda é desprovida de vários itens de conforto, como a melhor cama do mundo e o tanque de bater roupas que ela possui na cidade. Mesmo consciente de que passa a maior parte do ano na fazenda, ela prefere deixá-los lá pra que não se desgastem na viagem ao Pantanal.

Foi o que aconteceu com a mudança de Gilda que tem 24 anos e é a primeira vez que mora no Pantanal. Empolgada com o novo emprego do marido e a possibilidade de trabalhar na pousada, levou consigo todos os eletrodomésticos e móveis que couberam no barco que fez sua mudança para a fazenda, sem nem saber onde ficava a fazenda. Chegando

lá, percebeu que a casa onde iria morar estava ilhada em função da cheia do rio e que, no transporte, alguns de seus pertences molharam, quebraram ou deixaram de funcionar. Incomodou-se com os mosquitos e com a umidade na fazenda, mas não retornou para a cidade, segundo ela, para não ter que carregar a mudança novamente e correr o risco de estragar mais coisas. Custou a se acostumar com a estação da chuva, mas assim que o Pantanal secou, começou a trabalhar esporadicamente na pousada e, atualmente, conta com graça esta história, mas confessa que se arrepende de ter levado suas coisas para a fazenda, até porque, não sabe por quanto tempo ficará lá.

Observa-se que, a despeito do vínculo afetivo que as mulheres possam ter com o Pantanal, preferem ter suas aquisições intactas e sem uso na cidade a expô-las a uma viagem para que lhes ofereçam determinados confortos na fazenda. O desejo de preservar seu patrimônio material está ligado ao fato de elas não encontrarem seu “lugar” na fazenda, pois não são donas de seu próprio espaço e por maior estabilidade que possam ter no trabalho, estão cientes de que podem vir a mudar de emprego.

Iracema afirma que prefere continuar lavando roupa na mão a levar seu tanque elétrico para o Pantanal. Gilda, da mesma forma, quando vier a mudar de fazenda, já não carregará seus pertences de casa consigo novamente, pretende guardá-los na cidade. Para ambas, a vida na fazenda está relacionada ao “desconforto”. Porém, este “desconforto”, se comparado ao estilo de vida das mulheres no Pantanal há 20 anos, é um grande avanço, pois, diferentemente daquele tempo, hoje, as casas nas fazendas possuem água encanada, eletricidade, telefone e outras facilidades que fazem a morada no Pantanal, e também o trabalho, ser muito mais confortável que no passado, mas ainda desconfortável em relação ao que possuem na cidade.

A maioria das mulheres entrevistadas, que trabalham na Região do rio Negro, afirmam gostar de morar no Pantanal. Algumas estão em busca de uma vida mais tranqüila, outras querem ficar próximas de familiares que moram na região, há ainda aquelas que vêm como uma oportunidade para economizar e poder comprar alguma coisa na cidade no futuro. As motivações são variadas, mas quando perguntadas se gostam da vida na fazenda, são unânimes em dizer que sim.

A busca pela tranqüilidade é mais presente no discurso das mulheres funcionárias maiores de 35 anos e das proprietárias, como demonstram os relatos abaixo:

“Eu estou trabalhando aqui. Uma fazenda no fim do mundo. Quando eu falei que vinha pra cá me perguntaram o que eu ia fazer no fim do mundo. Eu disse que eu quero paz. Eu quero ter paz. Não adianta você viver numa fazenda que é cheia de

regalia e você não ter paz consigo mesmo, sabe? Por isso que a gente saiu da outra fazenda, pra ter um pouco de paz de espírito comigo. Porque lá eu trabalhava, trabalhava e não vivia” (Irene, cozinheira, 46 anos).

“Eu moro na fazenda. Eu tenho uma ótima casa, uma ótima horta, verduras, leite fresco, queijo, carne fresca. Quer coisa melhor que isso? É claro que eu vou à cidade com certa frequência pois tenho que ir ao banco, atender minha família, mas por mim, eu não sairia daqui nunca. Aqui eu tenho tudo que preciso e pra melhorar, agora, com o turismo, o mundo vem até minha casa, os hóspedes me trazem as notícias do mundo. Ficou mais perfeito” (Beatriz, proprietária, 63 anos).

A relação de identidade com a região e com o grupo social que a compõe resiste às mudanças no sistema de produção, porque ainda vivem ali muitas pessoas da mesma geração, que possuem um passado em comum, que gostam das mesmas coisas e isso faz com que os símbolos culturais resistam, mesmo que apenas nas lembranças.

“Eu gosto do Rio Negro, me sinto bem aqui. No momento que você pega aquele areião, aquela areia branca, eu que fui criada pra cá, prepará a matula, a farofa, então é isso. Eu gosto de viajar por causa da matula. Pra mim é tudo bom. Com o turismo a gente viaja de avião, pega carona no avião dos turista pra í pra cidade. Ai não tem mais que fazê matula, perdeu a graça viajar” (Claudete, serviços gerais, 49 anos).

Mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do tempo, verifica-se no relato das funcionárias maiores de 35 anos, prazer em viver na fazenda e nostalgia do tempo sem eletricidade, em que as pessoas eram mais próximas:

“Eu moro aqui (no Pantanal), não acho lindo não. Acho bonito, é bom de morar, eu gosto. É isso que representa pra mim. Eu gosto de morar. Quando eu to na fazenda não tem nada o que eu não goste de fazer não. Tem gente que gosta de sentar e tomar um tereré. Eu gosto assim, de se poder pegar um cavalo e sair assim, ir pra beira do rio pescar. Eu gosto muito de pescar assim... Quando eu era menina... o que mudou... eu acho que hoje a fazenda tá bem dizer que nem cidade, né? Porque não era assim. De primeiro, a fazenda, esse Pantanal todo, não tinha luz, não tinha o conforto que hoje nas fazenda tem. Era tudo na vela, lamparina, hoje não. Eu lembro pra mim que quando eu era criança, mais nova, era melhor que agora. Hoje em dia já tá tudo mais moderno, eu acho. (...) Hoje em dia nas fazenda, escureceu, você já liga uma televisão e fica assistindo e vai dormir. Antes, quem morava na fazenda saía de noite, ia na casa de um vizinho, tomava um mate, conversava. Hoje em dia não tem mais assim. Aquele jeito mesmo que era de fazenda. Hoje em dia tudo mudou. Aqui a gente pega um cavalo e vai na beira do rio pescar, né? Mas já não é mais como era naquela época” (Nádia, cozinheira, 39 anos).

Para Nádia, o Pantanal continua sendo um bom lugar para morar, um ambiente tranquilo, apesar das “modernidades” que deixaram a vida na fazenda similar a da cidade. Esta similaridade se refere ao fato de as pessoas estarem cada vez mais reclusas em suas casas, convivendo menos em comunidade, como era habitual no passado. Isso pode ocorrer por alguns motivos: a televisão faz com que as pessoas interajam menos; com o turismo,

houve uma redução no tempo livre nas fazendas e abolição dos finais de semana e feriados em função da demanda de trabalho; aumento da presença de pessoas de hábitos urbanos no Pantanal, em razão do aumento da oferta de empregos com o turismo nas fazendas. Portanto, a chegada da energia elétrica e da televisão, assim como a mudança no modo de produção do espaço através do turismo são elementos que estão interferido nos costumes da sociedade pantaneira.

Entre as mulheres mais jovens, abaixo de 35 anos de idade, há algumas que estão pela primeira vez na Região do rio Negro por causa do emprego do marido e/ou da maior oportunidade de trabalho em função da atividade turística. Elas não conheceram o Pantanal do passado a que Nádia se refere, mas afirmam que trabalhar em fazenda é melhor que trabalhar na cidade. O motivo que as leva a esta opção é comum também às mulheres a cima de 35 anos: apesar de os salários nas fazendas de turismo serem similares aos pagos na cidade para os mesmos tipos de serviços, existe nas pousadas a possibilidade de haver um complemento de salário com as gorjetas, ou “caixinhas”, como costumam falar. Além disso, as fazendas da Região do rio Negro ficam bastante distantes da cidade, o que as localizadas na borda do Pantanal, na região serrana de melhor acesso, não propiciam.

Este distanciamento não está apenas relacionado à tranquilidade, mas, principalmente, à economia. Estar longe da cidade por períodos longos, significa deixar de consumir, afinal, não se gasta dinheiro nas fazendas, pois estas provêm luz, água, carne e leite para os funcionários e suas famílias. Algumas ainda fornecem verduras e remédios, o que permite que a vida no Pantanal seja mais rentável do que se estivessem na cidade.

“Bom, pra mim morar aqui é bom. Quer ver? Por exemplo, você fica aqui um tempão sem ir na cidade, quando você vai você tem dinheiro. Não compensa você morar perto da cidade, em fazenda beira de serra. Se todo mês você vai na cidade, você guarda dinheiro? Não, de que jeito? E aqui não, quando você vai lá você tem dinheiro guardado, para mim é vantagem” (Irene, cozinheira, 46 anos).

Observa-se que muitas mulheres encaram o trabalho no Pantanal como um período para economizar e realizar seu sonho, que é praticamente unânime entre as entrevistadas: a casa própria. Algumas já conseguiram comprar suas casas na cidade, mas lhes falta murar o terreno, fazer uma reforma, isto é, há sempre algo a melhorar. Para outras, esse sonho ainda está longe de ser concretizado, por isso é importante estar em um lugar que não gere muitos gastos. Para elas, trabalhar na Região do rio Negro é vantajoso pois, quanto mais longe for a fazenda, maiores as possibilidade de economia:

“Eu falava que nunca viria morar nesse Pantanal, fim de mundo, mas tô aqui. Pelo que eu vi até gora eu tô achando bom (...) Eu gosto da fartura daqui, na cidade tem que comprar a carne, o leite, aqui a gente tem tudo. Se eu quero fazer um ovo eu pego um ovo, um leite, na cidade já precisa ir comprar. Assim o dinheiro que entra a gente guarda, não precisa ficar gastando igual é na cidade” (Gilda, serviços gerais, 24 anos).

“Eu acho que quem vive no Pantanal não tem as dificuldade de quem vive na cidade. As coisa são muito cara. Aqui mesmo, eu comento com as gurria, a gente vive aqui tão bem, e mesmo assim tem gente que reclama daqui. Aqui é muito bom, aqui a gente tem saúde, tem fartura que não tem na cidade” (Arlinda, serviços gerais, 27 anos).

O fato de as fazendas da Região do rio Negro serem distantes é visto como um ponto positivo para o trabalho feminino, pois viabiliza o objetivo da maioria das mulheres: economizar. Mas apesar dessa relação “utilitarista” com o Pantanal, muitas demonstram orgulho em trabalhar em um lugar distante, conhecido por sua riqueza de vida selvagem. Observa-se em sua fala uma influência da imagem produzida sobre o Pantanal, o que foi chamado de “Pantanal espetáculo” no capítulo anterior. Elas o descrevem com um tom romanceado, similar ao que se ouve e lê sobre o Pantanal na mídia: “Pra mim, Pantanal foi uma emoção, é tudo muito bonito, muito diferente, pra mim tudo é novidade. É indescritível” (Arlinda, serviços gerais, 27 anos).

Também valorizam a oportunidade de conhecer gente “de fora”, isto é, os turistas estrangeiros, bem como artistas e pessoas famosas.

“(...) as vezes eu falo pras menina na cidade, que aqui é mais que se você morá em Aquidauana, lá você vive naquele mundinho, você não conhece ninguém novo, aqui não, aqui você vê pessoas, conversa, convive com vários tipos de pessoas, que é muito importante. E as pessoa lá, é aquela vidinha. Tem pessoas que nunca viram um americano na vida né? Fica bobo de vê. Tem pessoas por exemplo que nunca viu o Almir (músico e dono de fazenda na região), que qué conhecê o Almir, (...) e ficam encantado com a gente que tá sempre junto, o Almir vem aqui” (Francisca, governanta, 46 anos).

Em suma, trabalhar com turismo na Região do rio Negro é desfrutar da fartura da fazenda, é uma oportunidade de economizar e também de conhecer pessoas de fora e famosas. Mas afinal, é considerado um local de morada ou de trabalho pela maioria das mulheres?

Entre as maiores de 35 anos, que trabalham nas fazendas da região e se consideram rionegrans, como é o caso de Iracema, o Pantanal é o local onde se sentem em casa. Em seus discursos, a relação de pertencimento ao espaço é mais expressiva que a relação de trabalho. Entretanto, todas possuem o objetivo de conquistar um espaço próprio na cidade para quando se aposentarem, por isso tantos anos de dedicação e trabalho para economizar,

construir uma casa e mobiliá-la. É com este objetivo que moram e trabalham no Pantanal. Portanto, pode-se afirmar que, no presente, a Região do rio Negro é seu “lugar” de trabalho, mas também de morada, e que no futuro, seu “lugar” será na cidade, onde serão donas de seu próprio espaço.

Para este grupo de mulheres, o Pantanal configura este sentimento de familiaridade, sossego, segurança, por causa da experiência de topofilia (TUAN, 1980) que estabeleceram com a região. É o que Relph (1979) considera como “lugar”, isto é, o espaço único e particular por que se tem afeição, por possuir significado e por ser o centro a partir do qual se olha para o restante do mundo. Essa relação com a região sempre fará parte da vida destas mulheres, mesmo quando estiverem morando definitivamente na cidade, pois será presente em suas memórias.

Já para o grupo de mulheres mais jovens, a relação de trabalho com o Pantanal prevalece sobre a de morada. É o espaço que representa economia a ser desfrutada na cidade. Não há como desenvolver a mesma relação com a região da maneira como as mais velhas possuem, pois não há um contexto histórico que as torne rionegrans de uma hora para outra. No momento, trabalhar na Região do rio Negro ou em outra tem o mesmo significado. Valorizam a vantagem de que ali há maior oportunidade de economizar e conhecer pessoas famosas. Entretanto, o espaço está em transformação, uma vez que é dinâmico e pode vir a produzir, através do turismo, outros significados para esta nova geração que levem à manutenção ou transformação dos sentidos impressos na representação social da Região do rio Negro, tal como se apresenta hoje.

3.1.4 O sentido do trabalho e do lazer

O trabalho desenvolvido pelas mulheres é bastante valorizado pelos patrões que reconhecem os serviços de limpeza, arrumação e gastronomia como essenciais para atividade turística. As atividades de campo realizadas pelos homens são destaque na experiência do turista, pois são os momentos de lazer e observação da natureza os maiores motivadores da viagem ao Pantanal. Entretanto, sem uma boa estrutura na área de governança e gastronomia na pousada, a viagem pode não atingir a expectativa esperada. Em outras palavras, de nada adianta o visitante ver todos os animais selvagens que gostaria de seu quarto ou a comida que for servida estiverem fora do padrão de qualidade esperado.

Contando com a responsabilidade e experiência das mulheres referente ao trabalho doméstico, os proprietários podem se dedicar a outras atividades vinculadas à fazenda ou à pousada. Isto porque as funcionárias entendem o fazer doméstico como inerente

à figura feminina e que, por isso, não há dificuldades na realização das tarefas demandadas pelas pousadas. Além disso, a maioria delas está satisfeita com o salário que ganha, bem como com o cargo que ocupa.

A maior dificuldade no trabalho, segundo elas, está em atender ao “jeito” da patroa. Isto está relacionado tanto às exigências sanitárias, na organização e na limpeza, na frequência das faxinas, no tempero das refeições, quanto à personalidade da patroa, principalmente a maneira como ela lida com os funcionários. Além disto, as funcionárias apontam como dificuldade o relacionamento com os demais funcionários da fazenda, pois o convívio intenso, muitas vezes, pode levar a conflitos entre eles.

Para as proprietárias, a dificuldade maior está em encontrar mulheres que saibam atender bem e que permaneçam na fazenda por períodos longos, sem que desejem ir para a cidade com muita frequência. Comentam que algumas mulheres chegam para trabalhar já perguntando a data de retorno e que isto não é o que se espera de alguém que se propõe a trabalhar no Pantanal, principalmente numa região distante como a do rio Negro.

Nenhuma das funcionárias entrevistadas possui segundo grau completo, a maioria parou os estudos no meio do primeiro grau e, por isso, consideram que o trabalho que executam é condizente ao grau de educação escolar que possuem. Entretanto, a forma como descrevem seu papel na fazenda é depreciativo, mesmo reconhecendo a importância do seu fazer para o andamento do turismo na fazenda.

“A gente limpa, arruma, serve as coisa no restaurante, torna a limpá e arrumá. O trabalho aqui é esse, não tem nada demais. Os peão não, eles vão pro campo, levam os turista passeá, todo dia tem coisa nova pra contá. Os turistas olham pra gente e vê uma diarista simples, igual da cidade, não tem diferença nenhuma” (Arlinda, camareira, 27 anos).

Mulheres e homens reconhecem que o trabalho feminino tem uma jornada diária mais intensa que o masculino, destacando o trabalho da cozinheira, que é a primeira a chegar e a última a sair da pousada. Entretanto, houve entrevistadas que indicaram o serviço dos homens como o mais pesado da fazenda, por ser realizado no campo com os animais, sob sol. Já o trabalho das mulheres, como dito, é tido entre elas como um ofício simples, inerente à figura feminina. Estas funcionárias reconhecem que trabalham mais ao longo do dia, mas consideram seu ofício menos árduo que o masculino. Apesar de passarem a maior parte do dia em pé, limpando, arrumando, cozinhando e servindo os turistas, elas tendem a valorizar o trabalho masculino perante o feminino, quando a pergunta é para saber quem fica mais cansado ao final do dia. Segundo uma das entrevistadas, isto ocorre pelo fato de as mulheres

admirarem o trabalho dos homens, bem como a liberdade que desfrutam, uma vez que eles fazem exatamente aquilo que os turistas pagam para vivenciar: a observação da vida selvagem, enquanto elas permanecem nas dependências da pousada, fazendo o trabalho de casa.

Os homens, quando estão guiando turistas no campo, seguem o ritmo dos visitantes. Se eles saem tarde para o passeio, o trabalho do guia se inicia mais tarde; se eles dormem após o almoço, os guias dispõem de tempo para fazer o mesmo. Ao contrário das mulheres, que devem estar na ativa antes de os hóspedes acordarem, varrendo calçadas e preparando o café da manhã. Da mesma forma, quando os hóspedes vão para os quartos descansar após as refeições, elas permanecem limpando e organizando o ambiente de trabalho. Em suma, o dia de trabalho dos guias encerra ao final da tarde, enquanto o das mulheres, somente depois do jantar dos hóspedes.

Apesar de liberados do trabalho mais cedo, os maridos costumam retornar para a pousada depois do jantar para acompanharem as esposas no trajeto de volta para casa. Eles afirmam que é para a segurança das mulheres, mas sabe-se que é também para garantir que elas sigam direto para casa. Nas fazendas tradicionais de gado, eram as mulheres que aguardavam os maridos chegarem do trabalho. No turismo, houve uma inversão de papéis.

Se a intensidade da rotina de trabalho é variável de acordo com o movimento do turismo e dos turistas, assim o é a ocupação do tempo livre nas fazendas. Para as mulheres diaristas, todo dia na fazenda é dia de trabalho, uma vez que ganham por dia trabalhado. Quando há turistas, desfrutam de alguns momentos de descanso durante as pausas para tomar tereré e de algumas horas, conforme dito anteriormente, após a arrumação da cozinha no período da tarde. Quando acontece de elas estarem na fazenda e não haver turistas hospedados, permanecem trabalhando na manutenção do hotel, porém, com um ritmo menos acelerado. A folga, na visão delas, está ligada à ida para a cidade. Uma vez que o pagamento é por dia trabalhado, não lhes faz sentido tirar um dia de folga na fazenda, pois esta é lugar de trabalho.

“Eu trabalho o dia inteiro, acordo umas 4h30 da manhã e vou até a hora de dormir. Descansar, eu descanso só nas férias. Aqui não dá pra folgar um dia, porque todos dia você tem que fazer café, almoço, janta. Isso é ser pantaneira. Quem cozinha não tem folga. De manhã cedo tem quebra-torto, quem vai levantar 7h pra fazer comida? 7h tem que tá servido. Quando é 9, 10h, já tem que preparar o almoço, depois do meio-dia já é hora de preparar a janta. Então você não tem folga. Folga você tira nas férias. Daí eu fico com as minhas filhas, mato a saudade, dou amor. Tomo mate, toda tarde eu vou tomar mate com a minha mãe” (Irene, cozinheira da pensão, 46 anos).

“A folga que tem é na cidade. Aqui não tem folga assim, de ficá um dia inteiro sem fazê nada, isso não tem. Então folga quando vai pra cidade. Eu acho bom assim porque ficar aqui sem fazê nada eu não gosto. É melhor ficá sem fazê nada na cidade. Porque aqui eu não gosto de ficá a toa. Aqui é lugar de trabalho, se for pra ficá sem fazê nada, eu não acho bom” (Silvana, lavadeira e cozinheira da pensão, 54 anos).

Estes depoimentos reforçam a existência de uma relação de trabalho com o Pantanal. Estar na fazenda significa estar trabalhando à disposição do patrão e dos turistas. O direito ao descanso lhes é restrito a algumas horas do dia, dificilmente a um dia inteiro. É importante ressaltar que isto não é imposto pelos patrões, mas sim pelas próprias mulheres que entendem que enquanto estiverem na fazenda devem estar na ativa, produzindo, trabalhando. Ser mulher na fazenda é desenvolver as atividades domésticas e estas demandam trabalho todos os dias. Por outro lado, quanto mais dias de folga acumularem, mais tempo poderão ficar junto de seus familiares na cidade. Por mais que algumas mulheres se sintam em casa na fazenda, relacionam o período de descanso à sua permanência no centro urbano.

Na fazenda, durante o descanso vespertino e as pausas para tomar tereré, elas aproveitam para descansar as pernas e conversar. É o momento de relacionar-se com os colegas de trabalho, contar as notícias que ouviram no rádio, falar sobre o que aconteceu na novela na noite anterior ou sobre uma conversa no telefone com alguém da cidade. Muitas vezes, utilizam este tempo em atividades particulares como fazer as unhas, limpar o quarto, lavar a roupa, isto é, continuam trabalhando, porém, para elas mesmas:

“Eu gosto de sentá, fumá, conversá. Tomá um tereré é bom né? É isso que eu faço quando tô descansando. Mas tem dia que eu não páro porque tem que arrumá minhas coisa também, senão eu vô dormí e tem uma boca-de-sapo⁵⁶ no meu quarto, eu vô vesti uma roupa e tá tudo sujo” (Silvana, lavadeira e cozinheira de pensão, 54 anos).

Entre as mulheres mais jovens, principalmente as que prestam serviço esporadicamente às fazendas, existe o desejo de exercer outras atividades no mercado de trabalho, diferente de limpeza e conservação das pousadas:

“Eu queria sabê falá inglês que é pra podê saí dessa vida de limpeza. Acho que eu queria ser guia, acho legal. Mas tinha que ser guia tradutor, porque os menino que são daqui (guias locais) ganham o mesmo que nós na faxina. A gente fica muito aí né? Viram a onça e eu não vi.(risos)” (Arlinda, copeira e arrumadeira, 27 anos).

⁵⁶ Esta serpente (*Bothrops neuwiedii*) é tida pela população local como a mais perigosa no Pantanal, por seu veneno ser forte e por ocorrer com frequência em ambientes domésticos.

Assim como admiram o trabalho dos guias de campo, elas também admiram o trabalho dos guias bilíngüe e/ou especialistas em alguma área da biologia, que acompanham os turistas estrangeiros. A presença é cada vez mais constante destes profissionais nas fazendas da Região do rio Negro, pois a demanda de estrangeiros em busca de uma experiência diferenciada também é crescente. Há guias especialistas em observação de aves, botânica e plantas medicinais, fotografia de vida selvagem, turismo eqüestre e até mesmo em pesca esportiva. São profissionais de diferentes idades e de ambos os sexos, que dominam alguma língua estrangeira e prestam serviço esporadicamente às fazendas.

As mulheres mais jovens, que estão pela primeira vez trabalhando com turismo no Pantanal, percebem o contato freqüente destes profissionais com os turistas e o quanto é mais rica a experiência deles por poderem se comunicar na mesma língua. O intercâmbio entre turistas e guias bilíngüe é mais efetivo que entre turistas e mulheres não proprietárias. Por isso, justifica-se o desejo de algumas delas em voltar a estudar, para poder trabalhar no campo e, claro, ter uma diária mais alta que a de cozinheira ou arrumadeira, ou, talvez, um status diferenciado dentro do organograma das pousadas.

O ofício doméstico é, portanto, reconhecido por proprietárias e pelos funcionários homens, como o de maior demanda de trabalho em uma pousada, figurando-se como de grande importância entre os demais serviços na pousada, ao passo que quem os executa valoriza mais o trabalho de campo, realizado na maioria das vezes por homens. Esta desvalorização do próprio fazer demonstra a força do modelo de organização do trabalho nas fazendas de gado, construído ao longo de 200 anos e sua influência sobre o grupo social, mesmo com a alteração nas relações de trabalho e no modo de produção das fazendas. O trabalho realizado no campo pelos homens era o que gerava o sustento da família e, por isso, sua superioridade sobre o trabalho exercido por suas esposas, uma vez que a maioria delas não possuía vínculo de emprego com a fazenda, caracterizando o trabalho doméstico feminino como complementar ao masculino.

Situação semelhante havia sido anteriormente apontada por Woortmann (1991) e Alencar (1993) em relação à divisão do espaço segundo categorias de gênero em comunidades pesqueiras do norte e nordeste brasileiros. Os rios e mares compõem espaços masculinos pois, a pesca, atividade base da economia familiar nestas comunidades, é exercida por homens. Já a terra firme, onde há a produção agrícola de subsistência e onde estão localizadas as residências, constitui um espaço feminino de produção. Com as mudanças na produção do espaço ocorridas ao longo do tempo nestas comunidades, as mulheres ganharam outros papéis e oportunidades de trabalho remunerado, assim como a pesca não é mais,

necessariamente, a principal atividade econômica das famílias. Apesar de participantes destas transformações, os grupos sociais resistem em mesclar os espaços e desta forma quebrar o paradigma estabelecido historicamente de bipolarizar espacial e simbolicamente o universo do trabalho.

Na atual conjuntura das fazendas da Região do rio Negro permanece este modelo de divisão espacial do trabalho por gênero formado pela prática da pecuária. Porém, o significado de cada ofício para o grupo se transforma à medida que homens e mulheres vão se adequando ao novo modelo de produção e às respectivas mudanças nas estruturas familiares que a nova atividade econômica nas fazendas gera.

3.1.5 O destino do pagamento

Como dito, o salário mensal ou a diária recebida pelo trabalho nas pousadas é considerado satisfatório entre a maioria das mulheres⁵⁷. Existe certa variação no destino dado à remuneração, de acordo com a faixa etária e estado civil de cada funcionária, porém, o pagamento de prestações em lojas de roupas e eletrodomésticos é comum a todas. Muitas funcionárias que trabalham esporadicamente nas fazendas possuem dívidas com a fazenda, pois têm a necessidade de pedir adiantamento de pagamento para quitar as prestações na cidade, o que faz com que estejam sempre em débito com a fazenda, como uma delas disse: “trabalho para pagar e não para ganhar”.

As mulheres que possuem filhos ou netos em idade escolar, arcam com as despesas de vestuário, medicamentos e material escolar, além de contribuir com as compras do mês na casa onde as crianças estão hospedadas, normalmente de parentes. Outro custo fixo é a compra de cartões de telefone celular, para ter na fazenda e na cidade, assim podem se comunicar com a família com frequência e têm a garantia de que as pessoas na cidade vão receber a ligação.

As mulheres casadas, em sua maioria, estão economizando para construir ou reformar suas casas na cidade. Gastam muito pouco, encomendando do supermercado somente o essencial para o mês. As jovens que são solteiras e ainda não têm filhos, por se alimentarem na pensão ou no hotel, fazem pedidos de produtos mais supérfluos do supermercado como chocolates, balas, biscoitos, alimentos instantâneos, que no total, pode sair mais caro que as compras de insumos básicos das funcionárias que têm família.

⁵⁷ O salário mínimo rural é de R\$ 404,00. Consulta feita no Ministério do Trabalho em julho de 2008.

Algumas mulheres chegam a receber salários maiores que o de seus companheiros. É o caso das cozinheiras e governantas que são profissionais reconhecidas na região e que recebem propostas de trabalho com certa frequência, o que faz com que tenham maior poder de negociação sobre seus salários. Há também as cozinheiras de pensão, que recebem salário fixo para tal, mas prestam outros serviços extras para a pousada e colegas de trabalho, como lavar e passar roupas, confeccionar queijos e doces, criar galinhas e vender os ovos, fazer croché e vender os produtos, o que faz com que sua renda mensal seja maior que a do esposo. Esta diferença salarial do casal não se apresenta como uma problemática nem representa competitividade, pois ambos compartilham dos mesmos sonhos e juntam seus salários para alcançar seus objetivos.

“Eu não acho o trabalho dela mais importante. Cada um tem uma importância no serviço, ela cozinha eu cuido das coisas, então cada um faz seu serviço e tá tudo certo. Ela tem o trabalho dela eu tenho o meu, cada um faz o seu serviço. Ela acaba ganhando mais que eu mas também trabalha mais. Eu acho que não tem nada de mal, né?” (Cláudio, responsável pela manutenção da pousada, 63 anos).

Esta posição de companheirismo e parceria adotada pelos maridos é um dos reflexos positivos da atividade turística na região. Além de estar possibilitando o aumento da renda familiar quando dá oportunidade de emprego para ambos os sexos, contribui com o estabelecimento de uma relação de igualdade entre os gêneros, ao contrário do que se verifica em outras realidades. Em inúmeras comunidades onde o turismo tem exercido territorialidade, o fato de a mulher conquistar autonomia financeira tem levado à violência familiar, pois os maridos não admitem a perda do controle absoluto sobre a vida financeira da família. Seria interessante realizar um estudo mais aprofundado sobre o que leva a este cenário positivo na Região do rio Negro.

Algo comum a todas são os gastos com cosméticos e produtos de higiene. As empresas que fazem venda por catálogos, como Natura e Avon, fazem sucesso entre as funcionárias das fazendas. Algumas delas são revendedoras de produtos destas empresas e divulgam seus serviços na região, levando mulheres de outras fazendas a se deslocarem até elas para fazer compras. Há mulheres mais empreendedoras que possuem produtos a pronta entrega. Se solicitado, elas chegam a vender produtos, como protetor solar e creme hidratante, até mesmo para os turistas.

Jurema, cozinheira, 59 anos, conta que administra muito bem seu salário e o do marido. Como ambos fazem as refeições na pousada, gastam muito pouco com supermercado, comprando apenas produtos de higiene, medicamentos, erva mate e biscoitos, além do gás

para o fogão, que só é trocado a cada ano. Encomendam também umas latas de cerveja de vez em quando, mas essa informação, se perguntado, eles negam, pois é proibida a entrada de bebidas alcoólicas na maioria das fazendas. Isto porque o uso abusivo de álcool é um grande problema

É com o dinheiro das gorjetas que recebe, que ela investe em cosméticos, pois acredita que esse dinheiro é para ser gasto com itens pessoais e não para a casa ou para o casal. Eles têm casa própria na cidade, onde mora a filha com sua família. As economias do casal são guardadas em uma poupança, pois os dois têm o objetivo de investir na compra de um caminhão para fazer frete de mercadorias para o Pantanal, quando ambos estiverem aposentados.

3.1.6 As mulheres diante da mobilidade dos turistas

Foi exposto que a rotina das fazendas e das mulheres sofre alterações quando há presença de hóspedes na pousada. Em algumas fazendas, o turismo é tão freqüente que a mudança da rotina se dá quando não há hóspedes na pousada e, da forma como o turismo está crescendo na região, a tendência é que ganhe cada vez mais espaço no cotidiano das fazendas.

Na Região do rio Negro, o número de turistas estrangeiros é um pouco maior que o de turistas brasileiros, sendo os estrangeiros, em sua maioria, provenientes da Europa, e os brasileiros, do Estado de São Paulo. A pesquisa feita por BARROS e HARTENTHAUER (2003) identificou que os elementos natureza e relação interpessoal com a população local configuram o mesmo índice de satisfação dos turistas ao término da viagem. Entretanto, os dados não revelam qual era a expectativa deles antes de sua chegada. As pousadas não costumam registrar dados sobre o perfil do turista, mas afirmam que, em sua maioria, são pessoas com alto poder aquisitivo, cujo motivo da viagem é conhecer a natureza do Pantanal.

Esta é a impressão que as mulheres funcionárias também têm a respeito dos turistas. Para elas, são pessoas ricas. Afirmam isto por observarem a forma como se vestem, como se sentam à mesa, pelo fato de terem condições de fretar um avião para chegar ao Pantanal. Acreditam que o principal objetivo que os leva a ir até o Pantanal é ver de perto os animais selvagens em seu habitat natural. Elementos culturais seriam secundários, conforme mostra o depoimento a seguir, porém, é visto também como um motivador da viagem:

“(...) tem gente que vem ver jacaré, que vem ver onça, que vem ver passarinho, tem muito passarinho. Porque boi, essas coisas eles vêm por lá. Eles gostam de ir atrás dos bicho. Conhecer a comida também. Mas o principal é conhecer os bicho” (Irene, cozinheira, 46 anos).

As mulheres que trabalham no serviço das refeições são as únicas que mantêm contato freqüente com os hóspedes. Pelo fato de não haver comunicação verbal direta entre elas e os turistas estrangeiros em função da língua, o contato se dá por intermédio de um tradutor, o chamado guia bilíngüe, ou, na maioria das vezes, por impressões visuais, isto é, a língua dos gestos. Há hóspedes que visitam a cozinha ao final da estada, a fim de conhecer a responsável pelos momentos de prazeres à mesa, assim como há outros menos inibidos que anotam receitas e métodos de preparo dos pratos ao longo da hospedagem. Através deste tipo de manifestação, cozinheiras e auxiliares entendem que seu trabalho e modo de vida são apreciados pelos turistas.

“Eu acho que eles gostam do serviço da gente, de a gente ter coragem de morar aqui. Que nem eles sempre pergunta: “ai, você mora aqui?, você mora sozinha, casada, solteira?” Eu falo que eu moro aqui, tenho minha casa na cidade, minhas folga eu vô pra cidade, fico um pouco na minha casa, eles admira muito. Eles acham que eu tenho muita coragem de morá aqui, sem marido, sem nada. Mas eu falo que eu vô pra cidade, tenho meu namorado na cidade, tem que í né? Tem que cortá cabelo, namorá, né?” (Francisca, governanta, 47 anos).

Já as mulheres que trabalham na arrumação dos quartos e lavanderia, muitas vezes nem vêem os hóspedes, apesar de manterem contato direto com a intimidade de seus quartos. Algumas mais experientes já sabem dizer a nacionalidade do hóspede só de olhar para as bagagens e sentir o cheiro do quarto, conforme conta:

“Os holandeis, belga, franceis, têm tudo cheiro forte, eles não são de tomá muito banho não. Usam perfume que toma conta da roupa de cama, do quarto. Os ingleses são mais certinho, eles mesmo arruma a cama deles (...). E brasileiro? com criança então! qué que troque toalha de banho todo dia, essas coisa. Mas tem gente muito boa também” (Claudete, serviços gerais, 49 anos).

As mulheres são invisíveis para alguns visitantes, assim como alguns turistas o são para algumas funcionárias, pois elas não estão envolvidas nas atividades de campo que são os momentos em que ocorre interação espontânea entre turistas e comunidade local. Um sabe da existência do outro, mas não necessariamente se encontram visualmente. Além das refeições, poucos são os outros momentos em que há contato com elas. À exceção dos visitantes que realmente querem conhecê-las, como citado anteriormente e, para isso, visitam a cozinha, sentam para conversar quando encontram elas descansando, em outras palavras, incorporam o espaço das mulheres ao seu próprio espaço no interior da pousada, propiciando momentos de intercâmbio cultural e conhecimento da realidade da mulher pantaneira.

Há uma incidência, ainda não quantificada, de turistas que retornam à região e, assim como são capazes de lembrar os nomes dos funcionários, estes relembram as principais características do grupo, fazendo com que os hóspedes se sintam mais à vontade no lugar. Inácio, paulista, 57 anos, é pescador esportivo e esteve pela segunda vez na Fazenda Rio Negro no período da pesquisa de campo. A cozinheira, ao vê-lo chegar, não hesitou em dizer que nunca mais alguém havia trazido um peixe tão grande quanto o que ele pescou em sua última estada. Este tipo de contato com os hóspedes demonstra que é possível existir proximidade entre turistas e funcionárias, mesmo onde o vai-e-vem de turistas é mais intenso, mas esta é uma ação que parte dos turistas e não das funcionárias.

Muitos costumam deixar presentes para elas como roupas, calçados, equipamentos de pesca, de observação de aves, cosméticos e revistas. Algumas vezes o fazem para se livrar do excesso de bagagem, outras, mais freqüentemente, para presentear aqueles que lhes deram atenção e carinho durante sua estada no Pantanal. Quando há a possibilidade de interação, elas percebem que seu trabalho é valorizado, o que contribui com a manutenção da presença delas no Pantanal.

“hoje em dia tá todo mundo muito encantado com esse negócio de Pantanal, ainda mais com o turismo, você vê que vem todo mundo e diz: ‘ai que coisa boa, que maravilha, como é bom, se eu pudesse eu gostaria de morar aqui’. Então eu acho bom, não sei se pra minha vida toda mas eu gosto de morar em fazenda” (Francisca, governanta, 47 anos).

Nem todas as mulheres funcionárias têm noção geográfica sobre a proveniência dos visitantes. Dizer que vêm da Holanda ou do Japão significa para elas que vêm de longe, mas não necessariamente que sabem identificar se são de um país desenvolvido ou de um determinado continente. Entretanto, sabem descrever as características dos viajantes de acordo com sua nacionalidade e, desta forma, podem se preparar para recebê-los.

“Ah, a gente tem experiência né? Assim, se você diz que tá vindo um grupo de japonês, já tem que atenta pros chuveiros, porque eles gostam de tomá banho bem quente. Tem que acendê a serpentina⁵⁸ todo dia. Tem os pescador argentino, paulista, que acorda antes da gente e já vai pro rio. Dá pra limpar o quarto deles bem cedinho, já adianta o serviço. Tem os cavalêro belga, eles bebem até tarde, toda noite, tem que ter bastante vinho no estoque, e assim vai. Tem os judeu também, que não come pêxe de côro, não adianta fazê pintado que eles não come” (Francisca, governanta, 47 anos).

⁵⁸ Quando não se tinha acesso à energia elétrica nas fazendas, a água quente nos chuveiros e torneiras da cozinha era proveniente de um sistema de aquecimento artesanal, em que uma serpentina de água passa pelo fogão à lenha, sendo em seguida armazenada em um reservatório, mantendo-se em temperatura morna. Atualmente, algumas pousadas dispõem de chuveiro elétrico, outras de chuveiros com aquecimento solar, mas há ainda as que mantêm o sistema tradicional em caso de emergência ou para potencializar o calor dos outros sistemas.

A adaptação dos saberes e hábitos domésticos de acordo com a proveniência dos turistas é um sinal do processo de modernização do meio. As atividades desenvolvidas nas fazendas passam por transformações para que se mantenha uma relação fluida com as demandas da atividade turística. As funcionárias estão se inserindo habilmente nas regras estabelecidas pelos turistas e de maneira espontânea. Trocar o sistema de serpentina por chuveiros elétricos para que haja maior satisfação dos turistas japoneses não deve ser visto como uma descaracterização do modo de vida no Pantanal, mas sim como uma adaptação à demanda de mercado. Não só o banho dos japoneses ficou mais quente, como o dos funcionários da fazenda e do patrão. A alteração levou à melhoria na qualidade da experiência do turista e de vida dos funcionários. A serpentina não deixou de existir, ela deixou de ser necessária com a chegada da energia elétrica nas fazendas. Ela pode ser reativada quando os outros sistemas de aquecimento venham a falhar.

A adesão à modernidade em determinados processos pode ser bem-sucedida para as comunidades locais, estando longe da idéia de descaracterização de culturas, defendida por muitos autores que consideram o turismo como uma ameaça às tradições de comunidades receptoras. Conforme afirma Canclini (2003):

a reelaboração heterodoxa – mas autogestiva – das tradições pode ser fonte simultânea de prosperidade econômica e reafirmação simbólica. Nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade (p. 239).

As inserções do moderno na cultura local são visíveis também no universo da cozinha pantaneira. No intuito de oferecer pratos tradicionais que incorporem as adaptações necessárias para atender a cada grupo de turistas, existe nas fazendas uma preocupação constante entre proprietárias e cozinheiras que é a de planejar os cardápios das refeições. Objetiva-se aproveitar os insumos do estoque e servir bem as refeições, ao mesmo tempo em que respeitar as restrições alimentares de cada grupo, com o cuidado para que haja variedade e fartura, uma característica marcante da gastronomia pantaneira. Apesar de planejado, o cardápio sofre constantes mudanças, à medida que as preferências alimentares do grupo são observadas: há pessoas que comem mais saladas que outros, mais carne que acompanhamentos, uns comem sobremesa, outros não, e assim por diante.

A dificuldade maior está em atender grupos com crianças ou pessoas com restrições alimentares, como os vegetarianos. Numa região que tem a carne como base da alimentação, fica difícil servir refeições em que a proteína animal não pode estar presente. As crianças também exigem atenção maior, pois possuem horário certo de alimentação, bem

como preparos específicos que nem sempre compõem a proposta de refeição típica oferecida aos adultos, como batata frita, filé de carne grelhado, macarrão sem molho, entre outros.

Algumas fazendas possuem pastas onde estão descritas sugestões de cardápios semanais, acompanhadas de caderno de receitas que facilitam a criação da cozinheira. Outras, ainda não estão organizadas desta forma e sentem maior dificuldade em criar cardápios. Nas fazendas onde há uma maior rotatividade de cozinheiras, este material é bastante eficiente, pois auxilia na padronização das refeições. Mas, como diz a cozinheira Jurema de 59 anos, “não tem nada como a prática, cozinheira pantaneira mesmo, cozinha pra quatro, pra quarenta, e tá sempre bom”.

3.1.7 Classificando os turistas

Para facilitar a comunicação e organização, as mulheres costumam usar um código para identificar cada grupo, estabelecido de acordo com a motivação da viagem do turista. Os turistas de pesca esportiva são os “pescadores”, isto significa para as mulheres que o café da manhã deve ser servido mais cedo que de costume, o que faz com que elas tenham que levantar mais cedo também. Significa que haverá peixe fresco no hotel e que as refeições devem ocorrer em desacordo à regras estabelecidas pela pousada, pois são os peixes que dizem a hora de começar e de terminar a pescaria.

Os turistas que acompanham pesquisas científicas são os “botinudos”, apelido dado por usarem botas de *trekking*. Ficaram assim conhecidos porque não costumam tirar as botas para entrar nas áreas sociais da pousada, sujando de terra o chão e os tapetes. Eles costumam levar matula para o campo, o que exige da cozinheira preparar uma refeição salgada logo ao amanhecer. Quando não levam matula⁵⁹, chegam do campo com muita fome e tendem a devorar os pratos do *buffet*. Já é sabido, portanto, que quando há botinudos, a reposição dos pratos nas refeições deve ser intensiva e que não se deve colocar tapetes de cor clara nos quartos e banheiros.

Os turistas observadores de aves são os “passarinheiros”, que, segundo as mulheres, são os mais tranquilos. Também exigem um café da manhã mais cedo que o habitual, mas, em geral, costumam se adequar aos demais horários da pousada. Um cuidado com os passarinheiros é com os equipamentos que ficam nos quartos, para que não peguem poeira ou caiam no chão. Quando percebem que há um passarinheiro na pousada, ficam

⁵⁹ Alimento constituído normalmente de carne seca com farinha, levada no sapicuí (bolsa), por quem viaja percorrendo longas distâncias (NOGUEIRA, 2002).

atentas às aves ao redor da casa, pois, desta forma, podem contribuir com a satisfação dos turistas e mostrar que não são só os homens que têm olhos atentos para a natureza.

Os “turistas” são os hóspedes mais freqüentes, que estão no Pantanal para passear e fazer todas as atividades disponíveis. Querem fotografar, passear a cavalo, de barco, ver os animais. Para os proprietários, são os ecoturistas, ou aqueles que compram o pacote de ecoturismo. Os turistas seguem o padrão de hóspedes a que a pousada e os funcionários estão acostumados.

Há também as famílias com crianças, que acabam sendo chamadas de “grupo das crianças”. Saber que há um grupo com crianças, além de exigir os preparos gastronômicos acima citados, significa que a copa deve estar sempre impecável, pois será visitada com freqüência pelos hóspedes, principalmente a geladeira, para guardar mamadeira, doces, etc. Há que verificar os colchões toda manhã, para colocá-los no sol caso alguma criança tenha urinado a noite; manter à disposição da família biscoitos, bolos e sucos para lanche; reservar sempre um litro de leite para a amadeira dos mais novos; combater com maior rigidez as formigas no quintal, pois as crianças não percebem os formigueiros na grama, isto é, estes grupos necessitam de atenção maior da equipe de governança.

Por fim, há os “casais em lua de mel”, cujo quarto é arrumado com maior riqueza em detalhes, como roupa de cama e banho especiais, arranjo de flores naturais, aromatizador de ambientes especial, entre outros que variam de pousada para pousada. Há também o cuidado em escolher um quarto mais reservado, a fim de dar maior privacidade ao casal.

As camareiras estão habituadas a arrumar quarto de casal para homossexuais. Assim que percebem que se tratam de dois hóspedes do mesmo sexo com maior intimidade (normalmente este dado não é informado no momento da reserva), arrumam quarto de casal para eles. Não há surpresas em encontrar duas camas de solteiro juntas em um quarto onde estão dois homens hospedados, ou ver duas mulheres saírem de mãos dadas para um passeio de barco. Inclusive, tomam a iniciativa de juntar as camas adequadamente ou, até mesmo, trocar por uma de casal, ao sentirem que este é o desejo dos hóspedes. Como dito, há um cuidado em se referir a estes hóspedes, pois elas procuram tratar a situação com naturalidade, usando termos como “os meninos” ou “as meninas” quando precisam falar a respeito dos casais homossexuais.

Esta naturalidade em lidar com o homossexualismo não é consequência única do hábito de conviver com situações como esta no turismo, mas também da alta exploração do

tema realizada pelos veículos de comunicação e à maior visibilidade de homossexuais em convívio social no meio urbano.

A mobilidade dos turistas estrangeiros e brasileiros de alto poder aquisitivo na Região do rio Negro, pode parecer, num primeiro momento, uma ameaça de interferência cultural àqueles que trabalham nas fazendas. Entretanto, o contato com realidades diferentes sempre existiu entre os funcionários, uma vez que os familiares dos fazendeiros da região, em maioria, seguem padrão e estilo de vida similares ao dos turistas. Há, com a intensificação do fluxo turístico, um maior contato com tecnologia, como o uso freqüente de computadores portáteis entre os turistas, máquinas fotográficas e filmadoras digitais, calçados com *design* avançado, roupas com tecidos especiais para ambientes úmidos, etc., que é extremamente positivo sobre o ponto de vista das mulheres entrevistadas, uma vez que estes produtos permitem que elas, mesmo trabalhando no meio rural, acompanhem os avanços tecnológicos do mundo contemporâneo. Entretanto, isto pode ser visto como um ponto negativo se vier somente a estimular o consumo de quem tem dificuldade em estabelecer prioridades de investimento e não conseguir ter um objetivo específico de compra.

Em poucos momentos se observam indiferença ou sentimento negativo das mulheres em relação aos hóspedes. Este descontentamento ocorre, por exemplo, quando há um hóspede extremamente insatisfeito, que exige que o trabalho seja refeito, ou quando há uma criança muito “arteira”, cujos pais não impõem limites, prejudicando o trabalho das mulheres. À exceção de casos como estes, os momentos de mau-humor ou irritação das mulheres se dão por motivos pessoais ou por dificuldade de relacionamento com colegas ou patrões, demonstrando que preferem manter um relacionamento harmônico com os hóspedes, voltado para a satisfação de suas necessidades.

Muitos turistas reconhecem o papel feminino na pousada, mesmo não mantendo contato físico nem visual com a maioria delas. Elas são quase invisíveis aos olhos dos turistas, pois estes passam a maior parte do tempo com os guias de campo e têm neles a imagem do “pantaneiro”, como membro representante da cultura local. Porém, o resultado de seu trabalho é percebido facilmente pelos turistas. Esta percepção é demonstrada através de elogios verbais e escritos, do ato de deixar presentes, de comentar que deseja voltar, de chorar no momento da despedida e, claro, no valor das gorjetas deixadas no final da estada. Nestes casos, a auto-estima das mulheres da região é renovada, devido à valorização de seu trabalho e de seu modo de vida.

Como visto, as mulheres que os turistas não vêem, ou vêem quando precisam de algum serviço específico, possuem um cotidiano intenso, formado por uma rotina de

trabalho que varia de acordo com o movimento dos turistas. Em suma, elas preferem economizar suas folgas para serem desfrutadas na cidade, pois é onde se permitem vivenciar momentos de lazer. Isto porque mantêm uma relação de trabalho com o Pantanal, apesar de muitas considerarem este seu lugar de morada. Após conhecer o mundo do trabalho feminino nas pousadas de turismo, busca-se neste momento compreender as características que dão identidade a este grupo de mulheres.

3.2 “MULHER PANTANEIRA”, “DO PANTANAL” OU “MEIO-PANTANEIRA”

Jurema tem 59 anos e trabalha há sete em uma pousada da região como cozinheira. Ela afirma ser uma pantaneira legítima. Conta que já trabalhou também em outras fazendas, “para variar um pouco, porque muito tempo num lugar cansa, né?”, mas poucas vezes se aventurou a trabalhar em fazendas fora da Região do rio Negro. Jurema se considera pantaneira, segundo ela, porque nasceu na Fazenda Rio Negro, no tempo em que “passava pelo rio boiada de dois mil boi, todo dia (...) tinha mais de vinte famílias morando na fazenda”. Para ela, pantaneira é a pessoa que nasceu e viveu no Pantanal a maior parte de sua vida.

Mas nem todos entendem a mulher pantaneira da mesma forma como esta cozinheira. Ao buscar elencar as características que uma mulher deve ter para ser considerada pantaneira, identificou-se que a descrição varia de acordo com quem a define. Houve um entrevistado de 71 anos que afirmou que a presente investigação não faz sentido, “porque mulher pantaneira não existe mais”. Ao mesmo tempo, houve uma funcionária de 22 anos que se considera pantaneira, apesar de estar morando e trabalhando no Pantanal há apenas dois.

No intuito de compreender como a sociedade que compõe o Pantanal do rio Negro define a mulher pantaneira, optou-se por dividi-las em quatro grupos e identificar como cada grupo enxerga a “pantaneira” em seu contexto social.

a) A mulher pantaneira sob o olhar dos patrões/patroas

Uma proprietária comentou, no início desta pesquisa, que achava interessante pesquisar a mulher pantaneira porque é ela “a base da família”, se não for o trabalho dela junto à família e à casa, “não tem peão que fique na fazenda”. Para ela, ser mulher pantaneira é “gostar do Pantanal, ter coragem, saber viver no Pantanal, conhecer as plantas para uso

medicinal, saber tratar animais, saber utilizar a carne e o leite que a fazenda oferece, enfim, ter uma relação direta com a natureza” (Beatriz, proprietária, 63 anos).

Outra proprietária de fazenda na região, após se definir como pantaneira, afirmou que não há mais mulher pantaneira no Pantanal, o que há, atualmente, são mulheres que estão no Pantanal: “as pantaneiras estão morrendo, mulher pantaneira é coisa do passado, o que tem hoje é mulher ‘do Pantanal’ ” (Ivone, proprietária, 81 anos). Para ela, ser mulher no Pantanal de hoje, com o auxílio da tecnologia e o acesso à cidade facilitado por estradas, é similar a ser mulher em qualquer outra área rural do país. Ela se considera parte integrante das “últimas pantaneiras de verdade”, mas ao observar seus hábitos e seu cotidiano, verifica-se que também usa estas inovações e facilidades do mundo contemporâneo.

Em seu conceito, para ser considerada pantaneira, a mulher tem que ter uma vida árdua de fazenda, como era no passado quando não se tinha acesso à energia elétrica e eletrodomésticos, quando não existia água encanada e era necessário banhar-se e lavar roupas na baía. Época em que os bebês usavam fralda de pano, que se conservava carne em latas com gordura, que as idas à cidade ocorriam a cada semestre. Por isso, ela define as mulheres que moram e trabalham no Pantanal contemporâneo como mulheres “do Pantanal”, porque as pantaneiras, como ela concebe, provavelmente não devem mais existir, pois o Pantanal não é mais o mesmo.

Esta visão de que o Pantanal não é mais o mesmo está focada nas facilidades e confortos gerados pelo acesso das fazendas à tecnologia e comunicação. Entretanto, não considera o fato de que mesmo com todas estas facilidades, as mulheres continuam trabalhando por aproximadamente 16 horas diárias quando tem turistas na pousada e que isto lhes exige tanta força de trabalho e coragem quanto no passado. Mesmo fora do contexto do turismo, como demonstra Banducci Jr. (2005), o trabalho feminino exige esforço intenso, pois as mulheres cuidam da casa, dos filhos, da criação, além de realizarem trabalhos para outros peões e para a casa-sede.

Outra proprietária de pousada na região conta que foi criada na fazenda, mas que passou a adolescência e juventude estudando fora. Retornou para o Pantanal há seis anos com o marido e já têm dois filhos sendo criados da mesma forma que ela foi no passado. A opção por ter os filhos no Pantanal é para que sejam pantaneiros também. Ela se considera pantaneira, mesmo tendo passado a maior parte da vida em cidade grande, pois além de conhecer e gostar de conviver com as adversidades do Pantanal, tem um sentimento de pertencimento à terra que, segundo ela, é o principal requisito para ser pantaneira:

“tem que gostar de morar aqui, saber apreciar o movimento de cheia e seca do Pantanal, os animais, as aves. Não se importar com os mosquitos, essas coisas de Pantanal. Não precisa ter pé rachado como uns falam, isso qualquer mulher do campo tem. Tem que ter sentimento por esse lugar. Aí sim pode ser considerada pantaneira” (Marina, proprietária, 36 anos).

Não há uniformidade na descrição das proprietárias da região em relação às características que fazem uma mulher ser pantaneira. Com uma visão fatalista, a mais velha delas entende que não há mais mulheres pantaneiras, pois para ela, a exigência de trabalho árduo nas fazendas acabou. Na visão da outra, a pantaneira é uma mulher forte que tem relação com o ambiente. Já para a mais jovem, basta que a mulher se identifique com o Pantanal para ser considerada pantaneira.

A percepção varia de acordo com a idade das proprietárias devido à imagem que possuem do Pantanal: relacionada ao trabalho árduo para aquelas que viveram no Pantanal de difícil acesso e sem energia elétrica; ou vinculada ao Pantanal da biodiversidade para aquela que vive no Pantanal espetáculo.

b) A mulher pantaneira sob o olhar do turista

O contato maior dos turistas na pousada é com os homens que trabalham como guias. As mulheres funcionárias são vistas durante as refeições quando estão servindo a mesa ou quando são solicitadas para algum serviço como o de lavanderia. O contato maior dos visitantes é com a figura da proprietária, sendo ela, muitas vezes, quem passa a ser identificada como pantaneira:

“Para mim, a pantaneira é uma pessoa culta, educada, então ela tem uma outra forma de pensar comparada aos assentados daqui, pois o pouco que conheci destas pessoas, não lhes interessa nada mais além do gado. Por isso ela é diferente, devido à sua cultura” (Hernández, turista espanhol, 59 anos).

As funcionárias são percebidas pelos turistas mais sensíveis que, apesar de não verem as mulheres trabalhando, sabem que são elas que estão na cozinha preparando as refeições e executando os serviços de limpeza e arrumação dos quartos. Eles as descrevem como uma pessoa discreta e eficiente:

“A mulher, ao que percebi, é a pessoa responsável pelo asseio da casa, pela manutenção da ordem e higiene, e também responsável pela comida. Que aliás, o fazem muito bem. Lavam uma roupa muito bem, melhor que qualquer lavadeira na Espanha. O que fazem, fazem bem” (Antonio, turista espanhol, 62 anos).

Eles diferenciam a mulher pantaneira daquela de origem urbana e o fazem com base na aparência física ou função que desempenham dentro da pousada:

“A cozinheira é uma mulher pantaneira, eu fui até a cozinha conhecê-la para elogiar a cozinha. Também vi a moça que limpa o quarto, não nos encontramos, ela não se identificou, nem eu, mas ela parecia pantaneira. Elas são bem discretas, bem quietas, possuem um ótimo tempero. Não deu para conhecer muito. A gente sabe que a gerente é do Norte, ela que disse, a outra também não parece ser daqui também, então as pantaneiras ficam mais na cozinha mesmo (Daniel, turista brasileiro, 41 anos).

Entre os turistas, portanto, a mulher pantaneira é a proprietária e as demais mulheres que fazem todo o serviço doméstico da pousada, à exceção das que ocupam outros cargos na pousada, como guias bilíngües e gerentes, que não podem ser consideradas pantaneiras porque possuem maior escolaridade e são provenientes de um grande centro urbano. Elas se diferenciam das demais não apenas por desempenharem outras atividades na pousada, mas também pela aparência física, modo de se expressar e de vestir.

c) A mulher pantaneira sob o olhar dos maridos

“Minha mulher é uma guerreira (...) agüenta o dia todo trabalhando. Ela é acostumada ao mosquito, à água, à cobra” (Roberto, guia de campo, 32 anos). Assim afirmou um dos entrevistados, ao ser perguntado se considera sua esposa uma pantaneira. A valorização da capacidade das mulheres em suportar as adversidades do Pantanal é presente no depoimento de vários maridos.

Porém, nem todos definem suas esposas como pantaneiras, sugerindo que elas se encaixariam na definição de “meio-pantaneiras”. Um dos homens que utilizam este termo é Sidney que tem 39 anos e é guia de campo. Ele diz que sua atual esposa é meio pantaneira porque “é morena, tem a pela curtida de sol, não reclama em viajar de trator, mas tem muita vaidade”. Isto é, ela tem a resistência da mulher do campo, mas deixa de ser pantaneira porque é vaidosa. Segundo diz, ela faz regime para emagrecer, compra produtos caros de beleza, quer ir para a cidade alisar o cabelo, tem atitudes que, para ele, são de mulher urbana. Além disso, para ser “totalmente-pantaneira”, é preciso ter passado a infância no Pantanal, conforme esclarece:

“A mulher pantaneira é criada no Pantanal, a minha mulher não foi criada no Pantanal, ela sempre morô em fazenda, mas na serra. A gente tá junto trabalhando no Pantanal há dois anos, então ela é ‘meio-pantaneira’ ” (Sidney, guia de campo, 39 anos).

Outro marido que chama sua companheira de meio-pantaneira é Luis. Ele tem 32 anos e foi quem levou Gilda de 24 anos para o Pantanal. Ele a chama de meio-pantaneira porque apesar de ela não ter nascido no Pantanal e estar morando há poucos meses lá, tem força e coragem para suportar o trabalho na fazenda e as adversidades do ambiente. Portanto, para que pudesse ser considerada plenamente pantaneira, teria que ter nascido no Pantanal ou pelo menos morado por mais tempo.

As mulheres consideradas “meio-pantaneiras” por seus maridos, são, em geral, as mais jovens de 35 anos, que não possuem vínculo histórico-cultural com o Pantanal, mas que têm origem rural e carregam para o campo alguns hábitos urbanos, por isso o “meio” no nome. No caso da esposa de Sidney, o fato de ela cuidar do corpo e investir em cosméticos para se sentir mais bonita e cheirosa não interfere em sua identidade. Influencia apenas o olhar do marido que a diferencia das outras mulheres, normalmente das mais velhas, que não têm a mesma vaidade que as mais jovens nem as mesmas referências de mundo pois são de gerações diferentes. A esposa de Sidney também não se considera pantaneira, mas não por causa do uso de cosméticos e sim pelo fato de não ter nascido no Pantanal.

As mulheres consideradas “totalmente pantaneiras” por seus maridos foram todas criadas em fazendas no Pantanal, algumas na própria região de estudo, não havendo dúvidas entre os maridos de que são pantaneiras. Para estes, portanto, a mulher pantaneira é aquela que foi criada no Pantanal e que, além disso, têm coragem e força para trabalhar.

d) A mulher pantaneira sob o olhar das não-proprietárias

Para as mulheres não-proprietárias, que moram e trabalham na fazenda, a mulher pantaneira é forte, sabe e gosta de trabalhar. Tem saúde, não se importa com o desconforto da fazenda e gosta do contato direto com a natureza. Segundo uma delas, é

“uma mulher de fibra, de coragem de trabalhá, sabe? Não tem medo de nada, não tem medo de porco, sabe enfrentar a vida como é aqui no Pantanal. Eu acho que é assim. Trabalhá, cuidá uma horta, plantá uma mandioca, plantá uma abóbora pra comê, fazê fartura né? Eu acho. Não pode ter frescura pra comê, tem que comê carne com farinha, farinha com leite” (Claudete, serviços gerais, 49 anos).

Também ressaltam que a pantaneira é diferente da mulher da cidade, porque leva uma vida mais saudável, tem destreza ao lidar com animais e até mesmo com os seres sobrenaturais, mas ressaltam que possuem um nível mais baixo de educação escolar que as mulheres urbanas.

“Eu acho que ser pantaneira é boa, eu acho que é ser mais que uma mulher da cidade. Aqui a gente tem mais saúde, não tem medo, eu não tenho medo de cobra, de saci... Só no falá, assim, ela (pantaneira) não fala chique assim” (Silvana, lavadeira e cozinheira de pensão, 54 anos).

As mulheres mais jovens, que trabalham esporadicamente na fazenda, reforçam o lado corajoso da pantaneira, que opta por deixar o conforto e a família na cidade para ir trabalhar “no fim de mundo”, conforme descrevem a Região do rio Negro. Ao mesmo tempo, algumas identificam a pantaneira com a figura da proprietária, pois esta se assemelha ao estereotipo do “pantaneiro”, isto é, o vaqueiro, que acompanha o trabalho de campo, veste-se com calça jeans, botas e chapéu, além de não desempenhar trabalhos caseiros de limpeza e arrumação.

“Eu falava que nunca viria morar nesse Pantanal, fim de mundo, mas tô aqui. Pelo que eu vi até gora eu tô achando bom.(...) eu acho que a pantaneira tem que viver no Pantanal, morar, acho que é isso. Gostá do Pantanal, tem que gostá de morá no Pantanal. Tem que usar calça jeans, camiseta e botina. Chapéu, camisa de manga comprida. Acho que é isso. Só que eu não visto assim” (Gilda, serviços gerais, 24 anos).

Para este grupo de mulheres, ser pantaneira é uma coisa boa, está ligado a idéia de tranqüilidade e de gostar do contato com a natureza. Entretanto, nem todas se reconhecem como tal porque não foram criadas no Pantanal, apesar de a maioria ser de origem rural. Quando perguntado a uma delas se acha bom ser pantaneira, ela responde:

Eu acho bom, eu acho gostoso ser pantaneira. É bom, porque viver no Pantanal você conhece a fazenda, vem gente de fora, você conhece muitas pessoas de fora (turistas). A gente passa a conhecer...”(Arlinda, camareira, 27 anos).

Observa-se que para esta mulher, ser pantaneira é morar em fazenda que recebe visitantes, isto é, uma fazenda de turismo. Ela conheceu o Pantanal com a atividade turística e se considera “um pouco pantaneira”, pois, apesar de não ter sido criada no Pantanal, está morando na fazenda há três anos e, portanto, está habituada ao modo de vida local.

Os turistas não convivem tempo suficiente com as mulheres para poderem diferenciar a mulher “pantaneira” da “meio-pantaneira”, por exemplo. Eles sabem diferenciar a proprietária das funcionárias, e as funcionárias pantaneiras das não pantaneiras, estas últimas sendo as que ocupam outros cargos na pousada como guia bilíngüe e gerência. Entre

proprietárias, esposos e funcionárias, existe a figura da “meio-pantaneira”, ou mulher “do Pantanal”, mas isto não é identificado pelos turistas.

Para os proprietários de pousada que buscam manter as características regionais na prestação de serviços, contratar mulheres “pantaneiras”, “do Pantanal” ou “meio-pantaneiras” é indiferente, pois o importante é que dêem conta do trabalho. Entretanto, dão preferência às que possuem algum tipo de vínculo com a região, pois sabem que as demais encontram dificuldade de adaptação às adversidades do meio e necessitam de contato mais freqüente com a cidade, o que os donos das pousadas afirmam não poder oferecer.

Se as mulheres que moram e trabalham com turismo na Região do rio Negro, são ou não pantaneiras, cada um tem uma opinião. O fato é que até mesmo aquelas mais jovens, que estão a pouco tempo trabalhando no Pantanal, se reconhecem como pantaneiras pelo fato de estarem dispostas a morar no “fim de mundo”. Um leque de elementos aos quais elas crêem como diferenças faz com que se sintam diferentes de uma mulher não-pantaneira e isto é visto de maneira positiva, pois todas afirmam que ser pantaneira é uma coisa boa. Algumas se denominam “um pouco pantaneiras” por respeito àquelas que consideram “totalmente pantaneiras”, uma vez que o fato de terem nascido ou morado por longo período no Pantanal faz estas mulheres terem um grau maior de pantaneiridade que as outras.

Aqueles que afirmam que mulher pantaneira não existe mais esquecem que o Pantanal não é mais o mesmo de 30 anos atrás e que, portanto, as pessoas que o habitam e sua cultura também estão passando por modificações, acompanhando inevitavelmente o desenvolvimento da sociedade. Eles afirmam que as mulheres de hoje não sabem desnatar o leite, criar galinhas, reclamam em andar de trator, são muito vaidosas, e que por isso não podem ser consideradas pantaneiras. Eles esquecem que estas mulheres nasceram em um momento histórico em que outros valores estão sendo ressaltados em sua educação mas que a carga de trabalho continua intensa, mesmo que modificada em seu conteúdo. O trabalho no Pantanal continua árduo tanto quanto no passado.

É importante salientar ainda, que aquilo que supostamente faria com que elas perdessem as características de pantaneiras, conforme alguns depoimentos fatalistas, não está sendo influenciado direta ou exclusivamente pelo turismo, mas sim pelo processo pelo qual toda a sociedade mundial está passando. Um exemplo disso é aquela esposa que foi definida pelo marido como “meio-pantaneira” por investir em cosméticos e fazer regime. Ela age desta forma provavelmente porque faz parte do universo dela cuidar do corpo e da pele. Trata-se de um comportamento valorizado e esperado de uma mulher moderna. O turismo é um dos meios que ela encontrou para ter dinheiro, mas a necessidade de consumo vem por diversos

caminhos: a televisão e as revistas, as idas para a cidade, o contato com as outras mulheres que também estão neste contexto, bem como com as turistas.

A exigência do mercado turístico por “autenticidade” é uma constante e reforça o poder da territorialidade do turismo sobre a cultura. Na Região do rio Negro, as mulheres demonstram consciência sobre este aspecto e buscam, na medida do possível, servir pratos com características regionais, o que não significa que não possam introduzir um novo ingrediente para incrementar o paladar ou aproximá-lo do padrão internacional. Elas não devem ser vistas como “meio-pantaneiras” só porque colocaram gengibre no doce de leite, por exemplo. Como afirma Grünewald (2005), o impacto do turismo sobre a cultura não deve ser apenas analisado pela ótica da aculturação, uma vez que a cultura é dinâmica e a atividade turística contribui com sua “reinvenção”, o que leva ao surgimento de novos elementos que serão incorporados à comunidade local, podendo dar-lhes novas referências identitárias.

A pantaneiridade no grupo de mulheres que moram e trabalham no Pantanal é presente mesmo com as inserções do mundo moderno. Se a funcionária que vive no Pantanal há um ano se considera pantaneira, ela o é. Assim como o peão que usa boné e come pão no desjejum, pois estas pessoas que se identificam como pantaneiras estão mantendo ou gerando novas relações com o meio que lhes garantem uma identidade.

Como visto no capítulo anterior, a identidade é profundamente influenciada pelo processo de representação, sendo que o intenso uso do Pantanal simbólico interfere na construção identitária do indivíduo pantaneiro (VARGAS, 2006, p.61). O turismo está reconstruindo a noção de identidade pantaneira, à medida que indica os elementos que caracterizam o “ser pantaneiro” na atualidade. Ao mesmo tempo, estas pessoas se reconhecem como tal, resultado naturalmente alcançado pela vivência, ou construído pelo processo de “auto-atribuição”. Conforme esclarece Vargas, “a construção da ‘comunidade imaginada’ de qualquer nação ou região faz com que o indivíduo haja como próprio daquele lugar, porque se sente pertencente a esse recorte territorial”(VARGAS, 2006, p. 62). Como disse uma proprietária, não precisa ter calcanhar rachado para ser pantaneira, basta ela se identificar com o Pantanal.

Elas poderiam dizer que são pantaneiras porque lhes foi repassado que isso é bom ou porque é isso que o turista quer ouvir. Mas analisando seu modo de vida e suas relações com o meio, verifica-se que esta identidade existe, não lhes foi imposta. A mulher pantaneira atual, assim como a do passado, continua sendo uma pessoa forte, pois chega a trabalhar 16 horas por dia e em pé; trabalhadeira, pois entende que com o trabalho poderá adquirir seu espaço próprio no futuro; e corajosa, pois abdica da vida na cidade, junto dos

familiares, para viver num ambiente distante, onde há mosquitos e perigo de cobras. Uma diferença é que ela está mais vaidosa que no passado, pois o cuidado com a saúde física e a beleza são características da maioria das mulheres modernas.

3.3 ESTRUTURA FAMILIAR E QUALIDADE DE VIDA

3.3.1 Relações familiares à distância

Morar e trabalhar na Região do rio Negro oferece para as mulheres a vantagem de estarem em um lugar tranquilo, num ambiente que oferece fartura de alimentos para que possam economizar, mas com a grande desvantagem que é estar longe dos filhos e/ou netos. Muitas vezes, elas ficam privadas de acompanhar o desenvolvimento das crianças, de estar presente nos momentos importantes da educação infantil, cuidarem deles quando estão doentes, etc.

Há unanimidade no depoimento das mães e avós pantaneiras, que é dos filhos e/ou netos que mais sentem falta quando estão na fazenda. Este é o tema predominante nas conversas durante a roda de tereré, nas visitas aos vizinhos nos períodos de pouco movimento de turistas, além de ser o principal motivo que as leva a pedir folga no trabalho e ir para a cidade. Este pedido às vezes surge mascarado por diferentes outros motivos, como ir a uma consulta médica, atender um parente doente, a necessidade de retirar um documento, pois acreditam que sentir saudades dos familiares não é um motivo suficiente para tirar uma folga que não estava prevista. Isto é o que conta a lavadeira Silvana, de 54 anos, quando afirma que não se sente a vontade em pedir ao patrão para ir à cidade simplesmente porque está com saudades do neto. Ela confessa que, por mais de uma vez, inventou alguma desculpa para poder estar presente na festa de aniversário dele ou na apresentação de fim de ano na escola.

Preocupação maior surge quando netos e filhos ficam doentes. Léia, ex-proprietária que hoje mora na cidade, comenta que reza todos os dias pelas mães pantaneiras, pois sabe a dificuldade que é estar isolada no Pantanal sem poder atender às necessidades dos familiares na cidade, principalmente das crianças.

O que tem diminuído o sentimento de ausência familiar e facilitado a comunicação entre mulheres e familiares na cidade é o telefone celular. Este já é tido como um dos itens básicos para se viver e trabalhar no Pantanal. A maioria das fazendas provê a antena para que os funcionários possam conectar seus próprios aparelhos de telefonia e fazerem suas ligações. É uma ação que a fazenda promove para evitar que os funcionários

utilizem muito o telefone da casa-sede, onerando a conta mensal, e para liberar os proprietários da responsabilidade e do compromisso de dar recados, chamar para atender ligações etc.

Conforme conta uma cozinheira, a comunicação daqueles que moram nas fazendas com seus parentes na cidade ficou mais constante e de maior qualidade de informações depois da chegada do telefone celular no Pantanal:

“Hoje tá muito modificado, qualquer peão tem celular. Você tem acesso a quem tá na cidade, se você tem uma parente doente, toda semana você tem notícia, né?”
(Irene, cozinheira, 46 anos).

Poucas mulheres que trabalham na região estão juntas de seus filhos, à exceção daquelas cujo filho (a) também trabalha na fazenda. As mulheres que moram com os filhos na fazenda não conseguem acompanhar o ritmo de trabalho na pousada paralelamente ao de casa, por isso optam por não trabalhar com turismo e somente morar na fazenda junto da família. Mesmo com a presença na região de uma escola em regime de semi-internato, em que as crianças passam a semana na escola e o fim de semana na fazenda, não há possibilidade da mãe trabalhar, pois, no turismo, não há final de semana nem férias escolares: todo dia pode ser dia de trabalho.

Aquelas que optam por trabalhar com turismo e possuem filhos pequenos, deixam-nos na cidade, normalmente, junto à avó, que é a pessoa de maior confiança que uma mãe pode contar. As avós exercem papel fundamental nesta sociedade pantaneira, pois, sem elas, não seria possível para estas mulheres prestarem serviço nas fazendas.

Arlinda tem 27 anos, três filhos e trabalha esporadicamente como camareira em uma fazenda na região. Ela costuma ficar no Pantanal durante os três meses de alta temporada (de julho a setembro), sem ir para a cidade. Comenta que não se preocupa com as crianças por estarem sob os cuidados da avó e que se sente bem desta forma porque, pelo menos nesta época do ano, pode contribuir com o sustento dos filhos.

Não apenas as crianças, mas também os adolescentes são assistidos pelas avós na cidade. Estas mulheres passam duas vezes pelo processo da maternidade: a primeira com seus próprios filhos e a segunda com os netos:

“Meu filho mais novo tem 14 anos e mora na minha casa lá em Aquidauana, a avó dele por parte de pai mora lá prá ficá cuidando dele. Quando ele pega férias vai pra casa da outra avó que mora em São Paulo e quando dá, vem pra cá ficar comigo”
(Francisca, governanta, 47 anos).

Os filhos de muitas mulheres são adultos e, em sua maioria, vivem com suas famílias na cidade ou em outras fazendas. As mulheres que possuem casa própria costumam disponibilizá-la para que os filhos possam ir morar com suas famílias e não tenham que pagar aluguel. Além de ajudarem os filhos, elas mantêm a casa ocupada, evitando riscos de furto, por exemplo.

“Na minha casa, lá mora a minha filha. Eu tenho outra casa, que mora minha outra filha. As duas são casadas, moram com a família delas. Quando eu vou pra cidade fico na casa da mais velha que tem mais espaço. Agora eu quero construir outra casa junto delas pra quando eu aposentar” (Irene, cozinheira, 54 anos).

Segundo as mulheres da região, está cada vez menor o número de crianças morando nas fazendas, pois o período letivo das escolas rurais do Pantanal é diferenciado do da cidade, fazendo com que muitas percam o ano, caso os pais saiam da fazenda e se mudem para a cidade.

Para outras, há menos crianças porque já não se faz mais tantos filhos como antigamente: “Hoje também tem menos criança, antigamente não tinha televisão, esse ditado é muito verdadeiro, hoje tem menos criança porque tem televisão. Pode ver!” (Irene, cozinheira, 46 anos).

Esta redução no número de crianças no Pantanal também pode ser reflexo do cuidado que os pais estão tendo em manter os alunos matriculados regularmente em escolas na cidade, a fim de lhes prover uma educação continuada.

Uma das proprietárias de fazenda tem outra opinião. Ela afirma que a preferência por escolas da cidade se deve ao programa de governo federal chamado Bolsa Família, em que as famílias brasileiras de baixa renda, que comprovarem que estão mantendo os filhos na escola, recebem auxílio econômico mensal. Para ela, muitas vezes, a preocupação dos pais não é a de que o filho estude, mas sim a de que a família não perca o benefício do governo.

O que percebe é que na Região do rio Negro vem aumentando a presença de mulheres, em função da demanda de trabalho com turismo e diminuindo o número de crianças matriculadas na escola, o que faz com que as relações familiares entre mães e filhos sejam, cada vez mais, mantidas à distância.

3.3.2 Casamentos e namoros

Entre as mulheres casadas que trabalham na região, todas estão acompanhadas dos maridos nas fazendas. Alguns deles trabalham como guias de campo, outros prestam serviço de manutenção da pousada ou permanecem como peões sem se envolver diretamente com a atividade turística. Eles não revelam sentir ciúmes de suas esposas pelo fato de elas estarem em convívio com os turistas. Da mesma forma, aquelas cujos maridos são guias, demonstram não se importar com o contato que os maridos têm com as turistas, porque entendem isso como trabalho:

“Outro dia ele foi levar uma mulherada, tudo loira, grandona! Elas veio a cavalo pra cá. E daí foram tomar banho de sol na praia, elas ficaram tudo de biquini e só tava ele lá. Mas fazê o que, é o trabalho dele (Nádia, cozinheira, 39 anos).

Uma proprietária ressalta que, atualmente, ocorre uma inversão de papéis. Antigamente, eram as mulheres que sentiam ciúmes do marido em relação às mulheres solteiras da fazenda. Eles passavam o dia trabalhando no campo e, antes de voltar para casa, passavam na pensão ou no galpão para tomar o bicho⁶⁰. Muitas vezes demoravam em voltar para casa e isso era motivo de briga. Hoje, são eles que ficam em casa aguardando elas voltarem do trabalho, pois o serviço deles se encerra bem antes do delas. Os mais precavidos, vão até a pousada buscar as esposas após servirem o jantar aos turistas, para acompanhá-las no caminho de volta para casa.



Figura 13: Casais de diferentes faixas etárias trabalhando juntos nas fazendas

⁶⁰ O bicho é o nome popular dado à dose de cachaça que a fazenda costuma dar aos peões ao final de um dia de trabalho de campo. É também uma medida de evitar que os funcionários tenham bebida alcoólica em casa e se excedam, podendo gerar confusões na fazenda.

A oferta de emprego para o casal em uma mesma fazenda tem oportunizado, além do aumento da renda familiar, a proximidade dos casais que, muitas vezes, ficavam separados. Isto porque algumas mulheres preferem ficar na cidade com os filhos, a permanecer na fazenda somente acompanhando o marido. Isto varia de casal para casal, mas o que se observa atualmente, é que as mulheres estão interessadas cada vez mais em ter sua própria renda e, em caso de não haver emprego para elas no campo junto do marido, elas preferem ficar na cidade, onde a oferta de trabalho tende a ser maior. Por isso, com o aumento das possibilidades de trabalho para mulheres nas fazendas de turismo, as relações conjugais e, conseqüentemente, a estrutura familiar, tendem a se manter mais estáveis.

Este é um fato relevante ao se analisar a interferência do turismo nas relações familiares, pois, ao contrário do que ocorre em comunidades pesqueiras do litoral nordestino, registrado por Woortman (1991), o turismo tem contribuído com a aproximação de casais e valorização do papel da mulher à medida que oferece oportunidade de trabalho para ambos. Nas comunidades pesqueiras analisadas, as mudanças na produção do espaço levaram a alterações na relação entre casais. As mulheres deixaram de complementar a renda familiar quando perderam seu espaço de produção agrícola para fazendas de cana e passaram a depender do dinheiro do marido. No Pantanal, as vagas de trabalho para mulheres, com preferência para casais, tem aumentado significativamente e isto contribui com a estabilidade financeira e emocional das famílias pantaneiras.

Observa-se que o contato com os turistas não representa um potencial de interferência nas relações conjugais. Não há ocorrência de relações sexuais entre mulheres e turistas. Há entre os casais atitudes de ciúmes frente ao relacionamento deles e delas com os demais funcionários. Os maridos reconhecem que não gostam que suas mulheres fiquem conversando com os colegas de trabalho, conforme esclarece um deles: “se o trabalho dela é na casa, não têm que ficá de conversa com os guia” (Jaime, peão, 39 anos).

Entre as solteiras, há aquelas que estão namorando um colega de trabalho na fazenda, mas escondem o fato porque não querem que a patroa fique sabendo. Isto porque, muitas vezes, o peão tem esposa e família na cidade. Apesar de todos na fazenda saberem do namoro, pois não há como manter segredos em uma sociedade tão pequena, são bastante discretos, comentam o fato somente entre si. Todos são, em geral, solidários em situações como esta, pois entendem que manter a fidelidade em um casamento à distância é difícil.

No passado, o namoro entre moradores de fazendas vizinhas era comum, pois havia maior relacionamento entre vizinhos, que costumavam promover festas nos finais de semana e feriados, competições e jogos de futebol aos domingos. Com o crescimento da

atividade turística na região, este tipo de evento de confraternização não ocorre mais com frequência e, muitas vezes, quando ocorre, há a presença de turistas, o que faz com que alguns funcionários estejam a trabalho na festa atendendo os hóspedes.

“Com o turismo acabou tudo, a gente costumava jogar bola todo domingo. Às vezes fazia torneio, hoje a gente não consegue mais nem montar um time” (Beto, capataz de fazenda de pecuária, 45 anos).

Por isso que, atualmente, os casais de namorados se formam dentro da mesma fazenda, são colegas de trabalho, o que restringe a possibilidade de escolha e também de estímulo ao desejo de namorar.

Mais uma vez se constata que o turismo exerce territorialidade sobre a região de estudo como um todo e não apenas nas fazendas turísticas, afinal, a cultura, a tradição e a história intermediam a mudança econômica e também o modo como as pessoas e os lugares estão ligados. Vive-se um novo tempo em que as relações entre os rionegrans dependem da mobilidade dos turistas.

3.3.3 Qualidade de vida e auto-estima

Com a inserção do turismo como nova atividade econômica na Região do rio Negro, o papel da mulher nas fazendas ganhou outro *status* dentro da sociedade. A dependência da atividade por profissionais que mantenham a qualidade nos serviços básicos de alimentação e limpeza fez com que o tradicional ofício feminino nas fazendas se transformasse em um requisito para que a pousada possa funcionar.

A personagem feminina em uma pousada tem importância reconhecida por todos: proprietários, turistas, maridos e por elas mesmas. Para os turistas, o fazer masculino se destaca sobre o feminino, pois são eles quem os conduzem às experiências junto à vida selvagem. Entretanto, reconhecem a importância de seu ofício nas pousadas.

Para algumas proprietárias, a preocupação maior com a equipe se dá quando uma cozinheira ou governanta pede demissão. É quando a base da pousada se desestrutura, pois enquanto houver uma cozinheira de confiança e com autonomia para trabalhar, os proprietários e gerentes podem cuidar de outros detalhes operacionais.

Desta mesma forma considera o marido de uma cozinheira: “Os turista passa a maior parte do tempo comendo e dormindo. Se essa parte não tiver boa, não adianta nada eu levá eles conhecê as beleza do Pantanal, que eles não vão tá à vontade” (Roberto, guia de campo, 32 anos).

O trabalho com turismo não tem apenas propiciado aumento na renda de algumas famílias, mas também tem oferecido a oportunidade de conquistar o sonho de casa própria com mais rapidez. Possuir uma casa própria é o combustível diário que estimula muitas mulheres a acordarem cedo e a seguirem a intensa rotina de trabalho nas pousadas, mesmo longe dos filhos.

“Assim, aqui talvez você ganha até melhor (se comparado com uma fazenda de pecuária). Que eu comprei casa, comprei lote, tudo trabalhando com turismo” (Claudete, serviços gerais, 49 anos).

Administrar o próprio dinheiro e ter autonomia na decisão de onde investir é apontado pelas mulheres que trabalham com turismo na região, como a grande conquista social da classe feminina no Pantanal. As mulheres com mais de 35 anos que são casadas relembram os tempos em que só havia a entrada do salário do marido na família, e que a elas era dado o direito de gastar somente com supermercado e roupas para crianças. O restante do dinheiro elas nem imaginavam para onde ia. Classificam os gastos demasiados que seus maridos costumavam e costumam ter com bebidas e festas quando vão para a cidade, salientando a preocupação referente à alta incidência de alcoolismo entre os homens.

“Com o turismo mudou bastante, porque no tempo da fazenda eu morava na minha casa né? Eu só vinha ajudá quando precisava na fazenda. Aí quando virou turismo, não, aí eu já passei a trabalhar como funcionária do hotel, ter meu salário todo mês, ganhando aquilo, eu todo mês eu tô trabalhando e ganhando o meu dinheiro, e quando eu morava pra cá não, eu contava com o dinheiro do marido só. E eu passei a me sentir, depois que eu comecei a trabalhá pro turismo, que eu ganho o meu dinheiro, que eu quero fazê uma coisa, eu pego e faço, dependendo do meu dinheiro. E tudo mais, por causa que a gente se soltou mais, ser uma pessoa mais, tipo assim, você quer comprar alguma coisa, chega lá e compra, tem a segurança que vai podê pagá” (Iracema, cozinheira, 57 anos).

Em relação ao consumo de bebida alcoólica, a independência financeira feminina também tem trazido algumas transformações neste aspecto da sociedade rionegrana. Algumas mulheres já possuem o hábito de comprar as desejadas “latinhas geladas” de cerveja e convidar os homens para beber, mesmo isto sendo proibido na maioria das fazendas. Há casos de mulheres demitidas por aparecerem alcoolizadas para trabalhar ou terem brigado na fazenda por estarem bêbadas. O que antes era visto como fato corriqueiro no universo masculino, hoje é parte do feminino também.

Além de viabilizar a conquista da casa própria, as mulheres que têm conseguido administrar seu dinheiro estão oferecendo aos filhos e/ou netos, oportunidades de

participarem de cursos de informática, aulas de inglês, escolas de dança ou artes marciais, além do ensino tradicional. Mesmo não estando presentes na educação como gostariam, viabilizam o acesso a estes cursos que antes não faziam parte do universo destas famílias.

“Eu vim parar aqui porque eu quero dá muito estudo pra meus filho, pra eles serem alguém na vida. É o que eu falo pra eles, vocês tem que estudá pra ser alguém na vida. Principalmente pra minha filha, que é mulher. Pra ela estudá computação, essas coisa. Ela qué ser professora, o mais velho qué ser peão, mas mesmo pra ser peão hoje em dia tem que ter estudo” (Arlinda, camareira, 27anos).

Como visto anteriormente, o contato com outras culturas e com pessoas famosas também é consequência do trabalho e é visto como vantajoso. Nas fazendas de turismo, trabalha-se mais que nas de pecuária, mas há a oportunidade de trocar conhecimentos com pessoas de fora do Pantanal.

“Também é bom porque você conhece muita pessoa de longe que trás coisa pra gente e também leva da gente. Isso é muito importante, você convivê. Vê pessoa de Portugal, gente diferente, é tanta gente que passa. Eu atendi o presidente uma vez. Quando veio aquele cara que faz filme nos EUA, ele veio com a gente. E muda a rotina da gente, eu não gosto de ficá parada, quando tem turista a gente nem vê o dia passá” (Claudete, serviços gerais, 49 anos).

Trabalhando para os turistas, as mais tímidas também ganham desenvoltura social, pois não há como fazer o atendimento sem que tenham que tomar a iniciativa de comunicar-se com os hóspedes. Muitas mulheres sofreram no passado com a opressão dos maridos ou pais, que exigiam que elas permanecessem caladas na presença de estranhos ou de pessoas tidas como mais importantes que elas. Este tipo de comportamento não é mais observado entre as funcionárias, havendo pouca dificuldade de adaptação delas ao atendimento dos hóspedes, como no caso deles abraçá-las para tirar uma foto ou fazerem uma brincadeira, conforme conta esta cozinheira: “E também tem o atendimento que se eu tenho que í lá atendê, eu já sô diferente daquela dos otros tempo né? Eu vô lá, pergunto se querem mais alguma coisa (demonstrando menos timidez)” (Iracema, cozinheira, 57 anos).

As melhorias alcançadas a partir da autonomia da mulher na administração da renda familiar, na habilidade em lidar com as pessoas de fora, têm contribuído, segundo elas, com a elevação de sua auto-estima e permitido que haja um aumento na qualidade de vida de seus familiares. Uma entrevistada considera que estas conquistas têm grande representatividade na sociedade pantaneira, pois “nunca alguém imaginô que filho de cozinheira pantaneira pudesse falá inglês e mexê com computador. (...) e tem gente que

atravessa o mundo pra vir aqui comê nosso arroz carreteiro, quem é que ia imaginá isso?” (Francisca, governanta, 47 anos).

Para ela, qualidade de vida é poder exercer o mesmo trabalho que faria na cidade, porém, desfrutando da tranquilidade do Pantanal. Sabe-se que por trás disso há o grande esforço em conviver com a angústia de estar longe dos familiares, mas isto elas mesmas preferem abstrair, pois “não há conquistas sem sacrifícios” (Irene, cozinheira de pensão, 46 anos).

3.4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Um encontro de gerações marca o território feminino nas fazendas da Região do rio Negro. De um lado estão proprietárias e não-proprietárias que foram criadas em um Pantanal sem acesso à energia elétrica, sem conexão com as cidades durante o período de cheia, em que o ser humano era mais um entre as demais espécies que conviviam harmonicamente junto à natureza. De outro lado, estão proprietárias e não-proprietárias que foram criadas em meio às facilidades tecnológicas e ao acesso mundializado da informação, que não possuem tamanha afinidade com o ambiente pantaneiro como as anteriores, mas que se dispõem a nele morar devido às oportunidades de trabalho em um espaço tranquilo. Todas convivem, cada qual imbuída de valores e objetivos próprios, em fazendas que buscam a manutenção da propriedade através do incremento da atividade turística como complementação de renda ou, em alguns casos, como substituição à pecuária bovina.

Mulheres “pantaneiras”, “meio pantaneiras” ou “do Pantanal”, de diferentes idades, ganham prestígio no atual mercado de trabalho nas fazendas da região, à medida que são tidas por proprietários, turistas e pelos próprios pantaneiros, como peças-chave na atividade turística. A valorização de sua presença na fazenda é um dos reflexos que a nova atividade econômica está levando à região estudada. Entretanto, muitas se auto definem pantaneiras como forma de atender à demanda das pousadas por autenticidade na prestação de serviços, ou, simplesmente, por necessidade de auto-afirmação sobre sua presença no Pantanal. Aquelas que já são tidas na sociedade como pantaneiras, reconhecem a importância de seu papel no cenário turístico e chegam a utilizar isto como poder de negociação de salários e benefícios.

Trabalhar com turismo na região tem oportunizado à maioria das mulheres, a realização do sonho de construir uma casa na cidade. Além do salário mensal que recebem da

fazenda, que seria o mesmo na cidade para a realização do mesmo ofício, recebem gorjetas, prestam outros serviços às pousadas e colegas de trabalho, o que incrementa sua renda mensal. Elas têm a chance de poupar, uma vez que a fazenda provê alguns benefícios, como luz elétrica, água, leite e carne, evitando estes e outros tipos de gastos na cidade.

A conquista da autonomia para administração da renda familiar é outra interferência positiva que o turismo tem levado às mulheres que trabalham na região. Mães solteiras, mulheres casadas e viúvas encontraram nas fazendas de turismo independência financeira com acúmulo de renda a curto prazo, que viabilizam o planejamento dos investimentos em educação dos filhos e/ou netos, aquisição de bens duráveis e até mesmo realização de alguns desejos de consumo, como os ligados à estética.

O fato de algumas mulheres casadas terem seus empregos mais valorizados na fazenda e, por isso, ganharem mais que seus maridos, não é visto por nenhuma das partes como um problema. Isto não tem interferido no relacionamento do casal, uma vez que tudo é considerado renda familiar. Portanto, para eles, quanto mais elas ganharem, melhor para a família.

Além da questão econômica, o turismo coloca as mulheres em contato direto com pessoas exógenas ao Pantanal, levando a elas uma idéia sobre a diversidade cultural que existe no mundo, aproximando-as daquilo que antes só era visto na televisão e nas revistas.

Com o turismo, as mulheres estão desenvolvendo habilidades de comunicação que contribuem com seu crescimento pessoal e elevação de auto-estima. À medida que os turistas buscam interação com as mulheres, a barreira que possa existir entre clientes e funcionários é quebrada. Assim se viabiliza o intercâmbio cultural em que os turistas têm a oportunidade de conhecer também a mulher pantaneira, além do vaqueiro e dos animais silvestres da mesma forma que elas podem conhecer a realidade dos visitantes.

A visibilidade delas no interior das pousadas ainda é pequena, pois seu espaço de trabalho não coincide com o espaço de vivência dos turistas. Entretanto, através de diferentes formas de expressão como relatos escritos e a entrega de presentes, as mulheres entendem que seu trabalho é reconhecido pelos hóspedes, apesar de pouco se verem.

Para muitas mulheres, não há como conciliar atendimento aos filhos e trabalho nas pousadas, optando por deixá-los na cidade, na casa dos avós ou outros parentes para poderem trabalhar. Isto se transformou na maior preocupação delas quando estão prestando serviços nas fazendas. O relacionamento à distância foi facilitado nos últimos anos pela comunicação via telefone celular, que tem aproximado as mães e avós do cotidiano dos que estão na cidade, reduzindo a angústia de estar longe.

Se não estivessem trabalhando nas fazendas da Região do rio Negro, estas mulheres estariam trabalhando em outro lugar e, da mesma forma, precisariam de ajuda para atender os filhos, mesmo que somente durante parte do dia. A jornada vivenciada pelas mulheres que, depois de criarem seus filhos, têm que assumir a educação dos netos para que seus filhos possam trabalhar, é um fato social que não ocorre apenas no universo das prestadoras de serviço para as pousadas pantaneiras, mas da maioria das mulheres que exerce atividades profissionais fora de casa.

O turismo tem interferido na dinâmica familiar das mulheres pantaneiras de diferentes maneiras, algumas positivas, como o aumento da renda familiar e da auto-estima, a conquista da autonomia financeira e a possibilidade de oferecer melhor qualidade de vida e de educação aos filhos e netos. Outras interferências são negativas, como a ausência na criação dos filhos, a redução no tempo de lazer e namoro e a dedicação por horas de trabalho pesado que levam ao esgotamento no final do dia.

O aumento da participação da personagem feminina no universo das fazendas pantaneiras é reflexo da territorialidade do turismo e as conseqüências dos impactos são analisadas por elas como positivas, o que leva ao entendimento de que o turismo tem contribuído com a valorização do papel da mulher na sociedade pantaneira.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou averiguar de que forma a introdução do turismo na Região do rio Negro influencia no cotidiano das fazendas, nas relações sociais e de trabalho entre proprietários e empregados, com destaque para o entendimento das interferências desta atividade nas relações da mulher com o meio e com seus familiares. Buscou-se também investigar se o vínculo afetivo com a região se conserva, se transforma ou se extingue com a alteração do modo de vida e das relações de trabalho.

No primeiro capítulo, identificou-se como oportuno registrar a existência da Região do rio Negro como uma subregião geográfica que não consta nos mapas oficiais do Pantanal. Formada pela união de elementos históricos e reforçada pelo sentimento de pertencimento à área, a Região do rio Negro revelou-se como um espaço vivido para um determinado grupo social, com tamanha identidade que estas pessoas se auto-definem como rionegranas. Proprietários de fazendas e funcionários estabeleceram um relacionamento de cumplicidade e fidelidade, assim como redes de relações de parentesco e compadrio se formaram ao longo dos anos entre as famílias de funcionários, compondo uma região carregada de significados que dão sentido aos que a definem.

Transformações de ordem ambiental, social e econômica estão sendo vivenciadas pelas fazendas pantaneiras de maneira mais intensa nos últimos 40 anos e desestabilizam a estrutura que deu formato à região identificada. A beleza do rio Negro e seu *status* de conservação levaram ao uso turístico da área, visto como uma alternativa de complementação ou substituição de renda às fazendas. Isto tem gerado mudanças nas estruturas físicas e humanas das fazendas, com destaque para o papel da mulher na sociedade pantaneira.

No mercado turístico, as pousadas do rio Negro fazem uso da peculiaridade do patrimônio natural e buscam valorizar o patrimônio cultural a fim de diferenciarem-se da demais pousadas do Pantanal. A Região do rio Negro está se transformando em uma marca, formatando uma imagem conservacionista sobre os aspectos ambientais e culturais. Com o fortalecimento desta marca, a tendência é que a idéia de região se mantenha, porém não está imune a transformações. Novas fazendas podem vir a se integrar à região por encontrar vantagens na utilização da marca, o que levará a alteração do seu formato inicial. Paralelo a isso, a rede de pessoas que possui vínculos com o espaço vem aproveitando o momento de alta oferta de trabalho nas fazendas e a busca dos proprietários por “autênticos” pantaneiros.

Isto tem contribuído com a manutenção da presença destas pessoas na área, assim como do pilar sócio-cultural que sustenta a região.

À medida que a região ganha espaço no mercado, novas pessoas estão sendo introduzidas na área para dar conta da demanda de trabalho e criando vínculos com a região que podem levar à reformulação de sua identidade. Elas estão se integrando às redes de relacionamento, a fim de participar das ofertas de trabalho, pois os proprietários mantêm a prática de privilegiar a contratação de pessoas com referências de procedência e de trabalho. Em suma, o turismo está promovendo elementos que tendem a contribuir com a conservação da Região do rio Negro, não tanto no seu formato, mas principalmente no estabelecimento de novas relações identitárias do grupo com a área.

No segundo capítulo, verificou-se que a territorialidade turística na região está provocando mudanças no ambiente e na sociedade pantaneira. Estas mudanças são observadas em ações como a organização da sociedade em prol da conservação do patrimônio natural e na promoção do Pantanal como destino turístico. Em menor escala, são desenvolvidas em escolas e fazendas da região iniciativas de valorização da sociedade e de permanência das pessoas no local com o qual mantêm relação afetiva. Algumas ações são concomitantes à atividade turística, como a legislação de uso do rio. Outras ações são decorrentes do turismo, como a produção de artesanato para comercialização nas pousadas e a preocupação em ofertar produtos e serviços “autênticos”. A busca pelo “autêntico” é verificada na preferência dos proprietários por contratação de pessoas que se identificam com a região e no estabelecimento de padrões de conduta e postura para atender às necessidades dos turistas.

O intercâmbio cultural é natural da atividade turística, assim como é comum a comercialização de signos representativos de uma cultura. Enquanto a população local conhece algumas características dos estrangeiros, estes conhecem e consomem a cultura local, seja na compra de artesanato, consumo de comida típica ou no registro fotográfico de práticas cotidianas. O atendimento às demandas de consumo dos visitantes tem oportunizado que homens e mulheres pantaneiros dialoguem com o mercado e com a sociedade de maneira inovadora e, em muitos aspectos, mais democrática e por eles valorizada. Os funcionários das pousadas deixam de ser simples prestadores de serviços assalariados das pousadas e passam, em alguns casos, a atores que representam o Pantanal. Isto leva à manutenção de suas referências, assim como ao aumento da renda através da venda de artesanato ou recebimento de gorjetas.

Com um olhar sobre o universo feminino das pousadas, o terceiro capítulo mostrou que proprietárias e funcionárias das fazendas de turismo desempenham papéis

importantes no planejamento e operacionalização dos serviços das pousadas. Ambas trabalham intensamente quando há turistas na fazenda, dividindo seu tempo e atenção entre as questões familiares e as demandas de trabalho.

Verificou-se que o espaço de identidade das mulheres de idade superior a 35 anos, aquelas que possuem referência histórica com a região, vem sofrendo transformações com o aumento do contato com o meio urbano e tecnológico, assim como com a inserção do turismo no Pantanal. Algumas atividades que compunham seu cotidiano no passado deixaram de fazer sentido com a chegada da energia elétrica e das facilidades de transporte para a cidade. Outras ficaram bastante limitadas pelo intenso compromisso com o trabalho gerado pela demanda das pousadas. Já a nova geração de mulheres não compartilha destes símbolos porque possui hábitos bastante ligados à cidade, mesmo aquelas que são de origem rural. Elas não demonstram interesse em criar galinhas e porcos ou em plantar uma horta e uma roça, porque lhes é mais prático mandar comprar estes produtos na cidade. Ao mesmo tempo, querem e gostam de estar no Pantanal por causa da tranqüilidade, da “fartura” da fazenda, e principalmente, por causa da possibilidade de economizar.

O turismo tem contribuído significativamente com a inserção de um novo grupo de mulheres no Pantanal. Na região de estudo, este grupo se mescla a outro, composto por mulheres que possuem uma relação identitária com as fazendas e as pessoas do rio Negro, construída ao longo de anos de trabalho na região. Ambas estão ali a trabalho e com o objetivo de ganhar dinheiro: algumas com maior ansiedade em retornar para suas casas na cidade e investir a renda conquistada com o trabalho; outras, com mais tranqüilidade, pois quanto mais tempo permanecerem no Pantanal, mais elas poupam e menos se expõem aos perigos ou dificuldades da vida urbana.

A partir dos relatos registrados na pesquisa constatou-se que as mulheres, em geral, possuem uma relação de identidade com a região, umas com mais intensidade que as outras, o que varia de acordo com o tempo de vivência no Pantanal. Se reconhecem como pantaneiras por serem mulheres fortes, trabalhadeiras e por estarem dispostas a ficar longe de seus familiares e das facilidades da cidade em prol do sonho de conquistar um espaço próprio na cidade e de oferecer aos filhos e netos o acesso à educação continuada e a cursos que complementem seu aprendizado.

Os serviços de governança e gastronomia demandados pelas pousadas geram um aumento na oferta de trabalho feminino nas fazendas. Dependendo da realidade de cada família, isto contribui com o incremento da participação da mulher na renda familiar, promove sua independência financeira e/ou a fortalece como provedora familiar.

Proprietárias, maridos e as próprias funcionárias reconhecem a importância de seu papel no turismo, valorizando a participação feminina na sociedade pantaneira. Foi identificado que o fato de o turismo promover uma ascensão econômica e social das mulheres não interfere negativamente em seu relacionamento com os maridos.

Verificou-se que para uma parte dos turistas, elas são invisíveis, pois desempenham funções de bastidores que não viabilizam momentos de interação. Para os mais curiosos e interessados em conhecer estes bastidores, são mulheres fortes, com habilidades para a cozinha e conservação da casa.

Buscou-se demonstrar que o turismo e a tecnologia propiciam melhor qualidade de vida às mulheres pantaneiras à medida que podem manter contato frequente com seus familiares e com a cidade através do telefone celular e de caronas frequentes nos transportes que levam os turistas. Por outro lado, o trabalho nas fazendas limita a presença delas em momentos importantes da educação e assistência à saúde de seus filhos e netos, da mesma forma que reduz seu tempo de lazer e dedicação às relações sociais. O turismo, portanto, interfere nas relações das mulheres com o meio e com suas famílias de diferentes maneiras, positivas e negativas. Ao mesmo tempo que eleva a auto-estima, promove a autonomia e o empoderamento, gera cansaço e saudades dos que estão na cidade.

Da maneira e intensidade com que cresce na região, a perspectiva é que o turismo exerça territorialidades cada vez mais marcantes sobre o ambiente e a sociedade pantaneiros. A pecuária está perdendo espaço em algumas fazendas e, com a chegada do turismo, o foco da atenção dos proprietários sobre os homens se reduz, dando destaque para as cozinheiras e arrumadeiras que desempenham serviços domésticos. Para os turistas, a imagem do Pantanal sempre estará ligada à abundância e riqueza da vida selvagem e continuará por muito tempo vinculada à lida com o gado, pelo menos enquanto for viável a pecuária bovina no Pantanal. O vaqueiro permanece como destaque na visitação, enquanto as mulheres ora são visíveis, ora não. Porém, para elas, a valorização através de melhores oportunidades de trabalho e salário é mais importante que o reconhecimento de seu papel na sociedade por parte dos turistas. Se Pantanal significa trabalho, para elas, ser pantaneira é sinônimo de estar atuante na sociedade, gerando renda e melhorando as condições de vida de suas famílias.

A condução desta pesquisa não se mostrou uma tarefa fácil, pois destituir-se do olhar feminino na observação e interpretação objetiva da luta destas mulheres pela manutenção da integridade de suas famílias exige grande habilidade e experiência. Momentos de emoção, surpresas e orgulho de ser mulher marcaram esta pesquisa, da mesma forma que a presença da pesquisadora no campo procurando respostas gerou reflexão, provocou saudades

e lágrimas nas entrevistadas. O que se espera é que os resultados aqui apresentados sejam úteis àqueles que procuram entender a dinâmica das relações econômicas, sociais e culturais que envolvem a participação das mulheres no contexto contemporâneo do Pantanal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural.** In: Economia Aplicada. Vol IV, N. 2, P. 379-397. Abril/junho, 2000.

ADÂMOLI, J. O Pantanal e suas relações fitogeográficas com os cerrados: discussão sobre o conceito de complexo do Pantanal. In: **Anais do 32º Congresso Nacional da Sociedade Botânica do Brasil**, Teresina, Universidade Federal do Piauí, 1982. p.109-119.

ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, L.G.; LEITÃO, W. e MELLO, A.F. **Povos das águas. Realidade e perspectivas na Amazônia.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. p. 63-82.

ALMEIDA, N. de P. Breve histórico do turismo em meio rural em Mato Grosso do Sul. In: NETTO, A. P. e MARQUES, H.R. (Orgs). **Reflexões em turismo – Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Editora UCDB, 2004.

AMARAL, V. e SILVA, M.C da. (Orgs) **Fazenda rio Negro: tradição e conservação no Pantanal Mato-grossense / Conservação Internacional – Brasil.** Campo Grande: Ed. Uniderp, 2007.

ARAÚJO, S.M.de. Artificio e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In: BANDUCCI JR, A. e BARRETO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica.** 4. Edição. Campinas: Papirus, 2005, p. 22-49.

AZEVEDO, J. R.da R. **A conservação da paisagem como alternativa à criação de áreas protegidas: Um estudo de caso no Vale do Rio Negro na região do Pantanal-MS.** Dissertação de Mestrado (USP).São Paulo, 2002.

BANDUCCI JR. A. **A natureza do pantaneiro: relações sociais, representações de mundo e o sobrenatural entre vaqueiros das fazendas de gado no "Pantanal da Nhecolândia".** Tese de mestrado (USP) defendida em março de 1996. Versão do autor (2003).

_____. **Catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal Mato-Grossense.** 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2006. v. 1. 253 p.

BARROS, D.M.R. & HARTENTHAL, V.S. von. **Relações interpessoais como diferencial na gestão da qualidade hoteleira.** Monografia de graduação (UFPR) apresentada em março de 2003.

BEZZI, M. L. **Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas.** Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA e ROSENDAHL (Org). **Geografia cultural: um século.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p. 83- 131.

BUTTNER, A. **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-194.

CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003..

CLAVAL, P. **A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia**. In: ROSENDAHL, Z. E CORREA, R.L. Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147 -166.

CASTRO, D. Juiz nega liminar à Globo contra Pantanal. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 jun. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u411586.shtml>. Acesso em 13 jun. 2008.

CORRÊA, H. Deputados ampliam usinas no Pantanal. **Folha de São Paulo**, Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2012200629.htm>. Acesso em 10 jun. 2007

CORREA, R.L. **Trajatórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSGROVE, D.E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: ROSENDAHL, Z. E CORREA, R.L. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103 – 134.

EARTHWATCH INSITITUTE . Relatório Anual 2004 – Centro de Pesquisa e Conservação do Pantanal. Disponível em <http://www.earthwatch.org/site/pp.asp?c=dsJSK6PFJnH&b=1574583>. Acesso em 02. set. 2007.

EMBRATUR / IBAMA. **Diretrizes para uma política nacional do ecoturismo**. Brasília, 1994.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Ed. Almedina, 1980.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

GERAQUE, E. Carvão vegetal para siderurgia ameaça o Pantanal, diz FGV. **Folha de São Paulo**, Caderno Ciência. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0902200801.htm>. Acesso em 09/02/2008.

GOMES, B. C. **“Retrato” de mulheres pantaneiras na década de 20 a 40: molduras em educação e gênero**. Dissertação de Mestrado em Psicologia (UCDB) defendida em 2001. Versão da autora.

GRÜNEWALD, R. de A. Turismo e o resgate da cultura Pataxó. In: BANDUCCI JR, A. e BARRETO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. 4. Edição. Campinas: Papirus, 2005, p. 127-148.

HAESBAERT, R . **O mito da desterritorialização – Do “ fim dos territórios”à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2006a, 2. edição.

_____. **Desterritorialização: entre as redes e aglomerados de exclusão**. In: CASTRO, I.E. de, GOMES, P.C da C., CORRÊA, R.L. (orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006b. p. 165-205.

HOLZER, W. **Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico.** In: ROSENDHAL, Z. e CORRÊA, R.L. *Manifestações da Cultura no Espaço.* Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 149-168.

HUSZAR, P., PETERMAN, P., LEITE, A., RESENDE, E., SCHNACK, E., SCHNEIDER, E., FRANCESCO, F., RAST, G., SCHNACK, J., WASSON, J., GARCIA LOSANO, L., DANTAS, M., OBRDLIK, P., PEDRONI, R. **Realidade ou ficção: uma revisão dos estudos oficiais da Hidrovia Paraguai-Paraná.** Toronto: WWF, 1999.

KRIPPENDDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LACOSTE, Y. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra.** 5. Ed. Campinas: Papyrus, 2001.

LECIONI, S. **Região e Geografia.** São Paulo: Editora da USP, 2003.

LUCHIARI, M.T.D.P. Turismo e território: sustentabilidade para quem? In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. **Redescobrimo a ecologia no turismo.** Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p.111-125.

MITTERMEIER, R. A., MITTERMEIER, C. G., GIL, P. R., PILGRIM, J., FONSECA, G., BROOKS, T., KONSTANT, W. R. **Wilderness. Earth's last wild places.** Cidade do México: Cemex, 2002.

MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica.** 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1985.

MORAES, M.L.Q.de. **Feminismo, movimentos de mulheres e a (re)construção da democracia em três países da América Latina.** Primeira Versão, N.121. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

MORETTI, E.C. **Pantanal, paraíso visível e real oculto. O espaço local e o global.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista: Rio Claro, 2000.

NOGUEIRA, A.X. **O que é Pantanal.** São Paulo: Ed.Brasiliense, 1990.

_____. **Pantanal: homem e cultura.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2002.

ONDE a Mata foi Preservada. **Revista Veja,** edição 1990. 10 jan. 2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/100107/holofote.html>. Acesso em 15 mai. 2007.

ORTIZ, R. A viagem, o popular e o outro. In : _____. **Um outro território.** São Paulo: Olho d'água, 1996.

PANTANAL – o último éden. **Revista Próxima Viagem,** ano 9, n. 977. nov. 2007, p.26.

PROENÇA, A.C. **Pantanal. Gente, tradição e história.** Campo Grande: UFMS, 1997, 3. edição.

PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO – ROTEIROS DO BRASIL. **Programa de apoio ao desenvolvimento regional do turismo.** Disponível em <http://www.turismo.gov.br/>. Acesso em 20 Jul. 2008.

PROGRAMA NACIONAL DE MEIO AMBIENTE. **Plano de conservação da bacia do Alto Paraguai – PCBAP/Projeto Pantanal.** PNMA.1997.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

REVISTA VEJA. São Paulo, SP. 9 de maio de 1990. Mensal. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/090703/capa_090590.html. Acesso em 02 Set. 2007.

RODRIGUES, A.B. Desafios para os estudiosos do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais.** São Paulo: Hucitec, 2001, p. 17-32.

RODRIGUES, A. M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES, A. B. (org.) .**Turismo e desenvolvimento local.** São Paulo: Hucitec, 1997, p. 83-101.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da Geografia.** Revista Geografia, n. 4, abril de 1979.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. In: CORREA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (Org). Introdução à **geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. (p.19-26)

SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SACK, R. D. **Human territoriality – its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SCHNEIDER, Sérgio. **A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas.** Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 6, nº 11, jan/jun 2004, p. 88-125.

SILVA, J. C. da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, M. A. **Território e prostituição na metrópole carioca.** Rio de Janeiro: Editora Ecomuseu Fluminense, 2002. (p. 16-33).

SILVA, J.M. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. **Geografia: temas sobre cultura e espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2005. p. 173-189.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA: Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E. de, GOMES, P.C da C., CORRÊA, R.L. (orgs). **Geografia: conceitos e temas.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006. p.77-116.

TUAN, Y. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL, 1980.

URRY, J. & ROJEK, C. Transformations of travel and theory. In: Urry, J. & Rojek, C. **Touring cultures, transformations of travel and theory.** Londres e Nova Iorque: Routledge, 1997, p. 1- 19.

VARGAS, I. A. de. **Território, identidade, paisagem e governança no Pantanal mato-grossense: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa.** UFPR (Tese de doutorado): Programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento, 2006.

VEIGA, J.E. A face territorial do desenvolvimento. In: **Interações – revista internacional de desenvolvimento local.** Vol.3, N. 5, p. 5-19. Setembro, 2002.

VIEZZER, M. **O Problema não está na mulher.** São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

WOORTMANN, E. **Da complementariedade à dependência: a mulher, o tempo e o ambiente em comunidades pesqueiras do Rio Grande do Norte.** Brasília: UNB/Séria Antropologia, 1991.